

Este catálogo reúne textos e trabalhos produzidos durante os dois primeiros anos do projeto de artes participativas denominado Cartografias Têxteis. O projeto coordenado pelo Grupo de Investigação em Arte, Comunidade e Educação (GriArCE) conta com parceiros de universidades, escolas e ONGs das Américas; África; Austrália e Europa. O projeto visa usar a arte têxtil para falar sobre questões de sustentabilidade ambiental e gerar algum impacto político através de exposições de painéis colaborativos de quadrados de tecido de 10x10cm que viajam de um lugar para outro como ofertas, dando uma maior visibilidade às narrativas têxteis de cidadãos e permitindo a conectividade entre pessoas de diferentes áreas e com experiências de vida diversas.

This catalogue collects texts and works produced during the first two years of the participatory arts project called Textile Cartographies. The project coordinated by the Research Group on Arts, Community, and Education (GriArCE) has partners from universities, schools, and NGOs in the Americas; Africa; Australia, and Europe. The project aims to use textile art to raise issues of environmental sustainability and produce political impact through collaborative panels of small textile squares 10x10 cm traveling from place to place as gifts, to promote wide visibility of people's voices and enabling connectivity between people from different areas and living experiences.

Este catálogo reúne textos y obras producidos durante los primeros dos años del proyecto de artes participativas llamado Cartografías Textiles. El proyecto coordinado por el Grupo de Investigación en Arte, Comunidad y Educación (GriArCE) cuenta con grupos de universidades, escuelas y ONGs de las Américas; África; Australia y Europa. El proyecto tiene como objetivo utilizar el arte textil para hablar sobre temas de sostenibilidad ambiental y generar cierto impacto político a través de exhibiciones de paneles colaborativos de cuadrados de tela de 10x10 cm que viajan de un lugar a otro como ofrendas, dando mayor visibilidad a las narrativas textiles de las ciudadanas y permitiendo la conectividad entre personas de diferentes áreas y con diversas experiencias de vida.

CARTO

Dois Anos de Projeto

GRAFIAS

2022

Textile Cartographies
Two Years of a Project

Cartografías textiles
dos años de un proyecto

TEXTEIS

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

PT Cartografias Têxteis: Dois Anos de Projeto

EN Textile Cartographies: Two Years of a Project

ES Cartografias textiles: dos años de un proyecto

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Teresa Eça

Ângela Saldanha

Célia Ferreira

(GriArCE - APECV)

DESIGN EDITORIAL

Tiago Cruz

FOTOGRAFIA

Raquel Balsa

ISBN

978-989-53764-4-5

ÍNDICE

EDITORIAL **3**

INTRODUÇÃO **12**

EL REVERSO DE LA COSTURA **32**

PAÍSES **61**

EUA **63**

MÉXICO **77**

BRASIL **95**

PORTUGAL **137**

ESPAÑA **165**

NAMÍBIA **179**

ÁFRICA DO SUL **187**

EGÍPTO **203**

AUSTRÁLIA **215**

PARTICIPAÇÕES INDIVIDUAIS **227**

EXPOSIÇÕES **233**

SER E ERRAR **257**

EDITORIAL

DOIS ANOS DO PROJETO CARTOGRAFIAS TÊXTEIS

A palavra mapa deriva do latim "mappa", que significa bocado de tecido ou pano.

No Projeto Cartografias Têxteis, a cartografia têxtil serve para contar histórias, exprimir ideias, chamar a atenção, falar sobre a TERRA, apresentar Mapas reinventados com tecidos e fios. Os criadores de mapas têxteis observam os lugares, indagam sobre a sua história, buscam indícios, significados, alternativas. E representam as histórias usando tecidos, fios, cordas, lãs, etc. com técnicas tradicionais, ou não, de costura e/ou tecelagem.

O Projeto de investigação "Cartografias Têxteis" pretende estudar o impacto do saber fazer artístico com materiais e técnicas têxteis, tais como o bordado e a tecelagem, como uma ação ativista. O projeto lançado pelo Grupo de Investigação em Artes, Comunidade e Educação da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual teve início em janeiro de 2021. A metodologia aplicada é uma metodologia de investigação qualitativa, de raiz etnográfica e participativa, a partir de histórias contadas através da arte e do design têxtil. Convidámos vários parceiros, a partir de um interesse comum em atos colaborativos de criação artística, para lançarmos uma chamada aberta a todos aqueles que desejassem experimentar colaborativamente as artes têxteis como um suporte narrativo para falar sobre questões de sustentabilidade ambiental.

Os participantes foram aderindo de forma rizomática à criação de redes de trabalho, com interesse particular em ações artivistas de grupo, utilizando metodologias colaborativas.

Seguindo o mapeamento territorial, os grupos estão divididos por países de origem, que, por vezes, se subdivi-

dem em diferentes comunidades, com objetivos, maneiras de atuar e coordenadores diferentes.

Cada coordenador está a dinamizar uma ação com um grupo de pessoas interessadas em exprimir as suas ideias e as suas opiniões sobre a ação humana no planeta Terra num tecido quadrado (10 cm X 10cm), que possa ser enviado facilmente pelos correios. Os grupos são muito diferentes, desde alunos de universidades que trabalham com as professoras em disciplinas cujo currículo foi adaptado (S. Paulo; Brasília; Cairo, Valência), grupos de professores, estudantes de vários níveis de ensino e outras pessoas interessadas no tema que enviam as suas obras para as coordenadoras (Portugal, Alemanha, Estados Unidos); grupos de organizações da sociedade civil que realizaram atividades específicas para o projeto (Minas Gerais; Port Pirie e Hex River Valley).

A Coordenação

A comunicação entre coordenadoras foi feita através de emails, de um grupo WhatsApp, reuniões zoom e reuniões presenciais. Participava quem queria, as pessoas iam-se envolvendo no grupo, quando ouviam ou viam resultados do projeto em exposições ou em seminários. Isso fez com que, para além do universo docente e de investigação em educação artística, também se integrassem pessoas de outras áreas, sobretudo da área social que consideraram o projeto eivado de bastantes potencialidades transformadoras. Nas reuniões participavam não só as coordenadoras locais, mas também participantes dos grupos que assim o desejassem.

As reuniões eram marcadas esporadicamente para conversar sobre as atividades que se estavam a fazer e refletir sobre o processo, a metodologia e os impactos. Nem todos participavam em todas as reuniões. Na vídeo conferência, as diferenças horárias e as diferenças linguísticas eram obstáculos. Felizmente tínhamos as imagens e os vídeos que explicavam, de maneira visual.

A página web do projeto e o grupo WhatsApp serviam como um diário de bordo, onde se iam relatando as pequenas etapas. A página web funcionava, assim, como um diário colaborativo onde se podiam seguir as atividades de cada um dos grupos. Fomos compondo e par-

tilhando alguns modelos funcionais, tais como o consentimento informado, o plano de exposições e o guião geral de participação. De Santiago de Compostela as investigadoras Maria Jesus Agra e Cristina Trigo realizaram um recurso de apoio ao projeto: KIT, terminado em março de 2022, na versão em castelhano, e em junho de 2022, na versão inglesa.

Coordenar os grupos transculturais foi uma experiência fascinante, sobretudo porque a nossa metodologia participativa com características do grande sul não tinha guiões, apenas sugestões e conversas, e nada era determinado. Tudo se poderia transformar, tomar outros rumos, sem por isso deixar de fazer parte do projeto. A diversidade de abordagens, de narrativas e de modos de fazer enriqueceu e continua a enriquecer os grupos. Não é muito fácil porque cada grupo tem uma abordagem própria, mas o rizoma flui porque o nódulo central assenta na escuta, no pensar fazendo, no refletir com tempo. Sem pressões de produtos finais para mostrar, artigos ou relatórios para escrever.

Como qualquer obra ou viagem tem o seu ritmo próprio, a logística das exposições internacionais foi complicada: os pacotes que iam e chegavam eram bloqueados nas alfândegas, para nos lembrar que o mundo tem fronteiras e que a arte, tal como as pessoas, não têm livre circulação. Às vezes, as obras eram mal identificadas, de cada vez que se bloqueavam as obras era preciso pagar taxas. O tempo da viagem, também foi um aspeto que tivemos que ter em conta. As obras peregrinas, seguiam viagem ao seu ritmo, com tempos de espera, tempos de chegada e tempos de envio. Tempos da viagem, que afinal são também parte do processo cartográfico.

E, no fluir do projeto, surgem os conceitos, as categorias, o tempo, a espera, as conversas e as histórias, a rede, os caminhos que se cruzam na empatia que se gera de grupo para grupo.

Neste período intermédio do projeto (novembro de 2022), as coordenadoras documentaram o processo colaborativo, focando muitas vezes o impacto que o projeto surtiu junto dos participantes como promoção da reflexão sobre a ação humana no planeta e valorização das narrativas pessoais na colaboração com grupos de

outros continentes. Este catálogo surge como o resultado dessa documentação.

O Catálogo

Esta publicação segue a ordem de entrada no projeto dos países participantes. Iniciando com um texto de Maria Jesus Agra sobre as artes têxteis e este projeto. Seguindo o texto do país coordenador - Portugal - com as extensões do projeto a vários grupos e o "Mantra da Paz". Na secção seguinte, o grupo de Valência, na Espanha, coordenado por M^a Dolores Soto González e Ramona Rodríguez López relata o processo das cartografias visuais e sonoras levadas a cabo com os alunos da licenciatura de "Educación Infantil de la Asignatura Didáctica de la Educación Plástica y Visual de Educación Infantil" na Universidade de Valência.

A secção de Port Pirie, no sul da Austrália, relata o processo levado a cabo por um grupo de pessoas, liderado por Cheryl Fisher, numa cidade de passado mineiro, pessoas que se juntam normalmente para se exprimirem e criarem em oficinas artísticas. Para o projeto CT desenharam um amplo programa durante doze meses com várias oficinas onde experimentaram vários materiais e técnicas de pintura, impressão, tecelagem e bordado; tocaram bandolim, e criaram uma tapete musical associando ritmos sonoros às cores dos bordados e tecelagens. As atividades culminam na exposição do verão de 2022 com obras locais e obras recebidas dos outros grupos.

Na secção do grupo de Brasília Ângela Saldanha, Célia Matsunaga e Marisa Cobbe Maass explicam como introduziram o projeto na disciplina "Tópicos Avançados em Design -Cartografias Têxteis" de pós-graduação de 26 de julho a 25 de outubro de 2021.

Na Secção do Coletivo S. Paulo/Minas Gerais, Flavia Liberman e Viviane Maximino, Angélica Carvalho Lemos e Marcia Moraes relatam três experiências: 1) o desenvolvimento do tema no âmbito da Disciplina "Cartografias Têxteis" ministrada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde, na Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Santos, São Paulo, em 2022:2) a inserção das cartografias Têxteis na finalização do projeto de 2021 "Um olhar para a

Sustentabilidade – restaurando as relações homem-natureza, sociedade-planeta”, na Escola Ágora, situada em Cotia, São Paulo e 3) “Bordar a espera”, com o coletivo de mulheres de herança artesã de Minas Gerais.

Na secção do grupo do Cairo, Egito, coordenado por Samia Elsheik vemos trabalhos de alunos de artes têxteis da Universidade de Helwan. O grupo experimentou a tapeçaria sobre mapas impressos do caminho de casa até à Universidade como uma forma de sentir caminhos quotidianos.

Segue o grupo HEXLappies, co-coordenado por Erica Lütich. HEXLappies, que é um grupo de mulheres, avós, filhas e netas, de De Doorns que trabalham através das artes, colaborativamente, no antigo edifício da prisão da estrada nacional n.º 1 em De Doorns, Hex River Valley, África do Sul. O capítulo ilustra os nove quadrados enviados para as exposições de Portugal que respondiam às questões de apropriação das terras no país. Integra ligações para Vídeos com as participantes realizados em 2021. Também relata os resultados de um workshop sobre mapeamento e cartografias realizado em 2022 com a artista Lauren Low.

A Secção sobre o “Proyecto de investigación con cartografías textiles. Practica de fotobordado en el bachillerato de la UdeG” é relatada pela coordenadora do grupo de Gualajara no México, Martha Patricia Espiritu Zavalza. Patricia, colaborou com os seus alunos, jovens entre os 16 e 17 anos, na construção de narrativas a partir de memórias de lugares com fotobordados.

O Capítulo referente aos participantes da Namíbia integra os quadrados enviados por Christiana Afrikaner e Claudia Mushindi.

O grupo de Richland, nos Estados Unidos, liderado por Ychien Copper, parte das obras individuais das coordenadoras locais que foram enviadas para as exposições em Portugal, e relata o processo levado a cabo junto dos alunos da universidade, futuros professores, que integrou uma exposição local dos trabalhos dos alunos.

O grupo de Duluth, nos Estados Unidos, foi o último grupo a integrar o projeto em 2022, coordenado por Alison

Aune. Integrou uma equipa multidisciplinar com alunos e professores e artistas de Duluth e da Suécia.

Finalmente dois capítulos relativos a participações individuais: Steve Willis no Missouri e Elisabeth Noske em Munique com as suas obras, de esfera privada, mas que nem por isso poderiam ficar de fora.

Processo

O projeto Cartografias Têxteis baseia-se numa metodologia participativa, e é desenhado, ao longo do processo, pelos vários participantes. Parte de uma proposta bastante alargada para experimentar com processos têxteis num suporte de dimensões fixas como ação de relacionamento entre pessoas e de expressão de narrativas sobre sustentabilidade ambiental. Começa com um convite de cartografia fluída que vai passando de grupo em grupo espalhando-se à medida que se constituem nódulos, respeitando contextos territoriais e diversidades culturais permitindo, através da dádiva de tempo e de obra, viagens e deslocamentos.

Conformado pela condição cartográfica, o projeto não tem como objetivo representar os acontecimentos mas acompanhar a produção dos acontecimentos. Para Flávia por exemplo, cartografia como um método em pesquisa pressupõe uma reversão metodológica na qual o caminhar na pesquisa antecede a definição de metas a serem alcançadas, ou seja, quando tecemos uma cartografia, não temos uma meta final a alcançar, mas ela ajuda-nos a engendrar e reconhecer processos. Pode ser considerada método, “se entendermos método enquanto aquilo que nos faz compreender a potência de conhecer” (DELEUZE, 2002, apud LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 183). Não tem planos fixos, acontece à medida que se constroem relações entre os participantes, em conversas virtuais de coordenadoras num âmbito internacional; em conversas de coordenadoras num âmbito mais localizado, por línguas ou por regiões; as autorias partilhadas protegem vulnerabilidades e tendem a maximizar os benefícios na vida dos participantes, quer sejam crianças, jovens ou adultos, estudantes ou professores, grupos de mulheres, grupos de minorias ou de populações indígenas. Rege-se pela diversidade, pelo compromisso entre os participantes que se consolida pela

oferta da obra que viaja. E nesta premissa da oferta como compromisso existe a possibilidade de viagem e de partilha das narrativas.

Os dados recolhidos colaborativamente através de textos, fotos, vídeos e áudios das atividades realizadas em cada grupo são enviados para a página da Internet do projeto que funciona como um diário do mesmo e uma plataforma capaz de dar visibilidade às diferentes narrativas noutros locais.

As exposições que os grupos organizam fazem parte do processo de partilha. As obras oferecidas pelos grupos de outros lugares funcionam como convite para que durante a exposição outros participantes se possam juntar e reforçar as narrativas criadas ou talvez criar novas propostas, novas narrativas.

Este catálogo retrata dois anos de um projeto com pequenos financiamentos locais e com muitas horas de voluntariado. Estamos conscientes que dificilmente entrará nas listas de projetos académicos ou artísticos e tampouco isso nos preocupa. Como ativistas que usam as artes para modificar micro contextos, acreditamos que o que estamos a fazer terá implicações de longo termo a nível local. Experimentamos internacionalmente metodologias colaborativas, trabalhamos em áreas transfronteiriças e com grupos diversificados porque para nós é urgente pensar uma humanidade sustentável, fora de ideologias globalizantes e discursos universalistas. Como Maria Jesus Agra relata neste catálogo costurar, bordar, tecer e costurar são práticas para conceber trabalhos que emocionam e abordar a questão dos procedimentos como estética e como poética. Na poesia das artes têxteis, neste ato de narrar tão próprio das genealogias femininas, evocamos o papel da mulher cuidadora de vida, responsável pela memória privada e coletiva, em cartografias de tecer e desfiar tempos em busca de sentidos possíveis para as ações humanas sobre o planeta. Dar à luz uma história, buscar a origem da história e mediar para que outros se questionem e se transformem unindo o plano linguístico com o plano do objeto, para dar conta da multiplicidade e complexidade das relações entre humanos e não humanos. Para esta artista e docente os relatos partilha-

dos têm um poder transformador inegável e são uma excelente abordagem pedagógica (Agra-Pardiñas, 2012).

Como explica Cristina Trigo, no texto final, tecer sempre fez parte de nós, sendo uma ferramenta social e para o futuro. Nas tramas e alinhavos no entrelaçar, no ato mântico de coser, repetimos infinitas vezes desejos e sonhos. Ponto a ponto, furando o tecido com linhas e pausas, justapondo tecidos, cruzando fios desenhamos esperas e, em rituais colaborativos de dádiva, designamos possíveis futuros onde se escrevem denúncias e vislumbram esperanças.

Viseu, 13 de novembro de 2022

Teresa Torres de Eça

Referências

- Agra- Pardiñas, Maria Jesus (2012) “Historias en torno al arte y a la educación artística: Notas para un posible diário”. *Caleidoscopio, Santiago de Compostela*
- LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A. O Corpo de um Cartógrafo. *Interface Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 19, n. 52, p. 183-193, 2015.*

EDITORIAL

TWO YEARS OF THE TEXTILE CARTOGRAPHY PROJECT

The word map derives from the Latin “mappa”, which means piece of fabric or cloth.

In the Textile Cartography Project, we make cartographies with squares of fabric for telling stories, expressing ideas, drawing attention, talking about the EARTH in maps reinvented with threads. The creators observe places, ask about their history, enquire alternative meanings and create a textile narrative. And as a result, we have multiple stories about environmental sustainability using fabrics, yarns, ropes, wools, etc. The research project “Textile Cartographies” aims to study the impact of artistic know-how with materials and textiles, such as embroidery and weaving, as an activist action. It was launched by the Research Group in Arts, Community and Education of the Association of Teachers of Expression and Visual Communication in January 2021. The methodology applied is a qualitative research methodology, ethnographic and participatory, based on stories told through textile art and design.

We invited several people sharing a common interest in participatory arts; crafts and design, to be local coordinators, and together we had launched an open call to everyone who wanted to collaboratively experiment with textile arts as a support to talk about environmental issues. Local coordinators managed the actions with the groups, according to their objectives, ways of acting and documenting. Each coordinator is promoting an action with a group of people interested in expressing their ideas about human action on planet Earth on a fabric (10 cm X 10 cm), to be easily sent out to international exhibitions. The squares are a gift from one group to another group, the works are not returned. Participants were enrolled by the local coordinators, but anyone who wants to participate, can join the project anytime.

Sometimes people hear about the project in seminars where local coordinators present it or during the project international exhibitions. This meant that, in addition to the students; arts teachers and arts education researchers, people from other areas were also integrated, especially from areas such as wellbeing and social caring, where the project has been considered full of transformative potential. The groups have different type of participants, for example students from universities who work with their professors in subjects whose curriculum has been adapted (S. Paulo; Brasília; Cairo, Valencia); groups of visual education teachers, students at different levels of education; visitors of the project exhibitions; people in social care houses; and other people interested in the topic (Portugal, Germany, United States); and groups of artistic collectives and civil society organizations (Minas Gerais; Port Pirie, Portugal; Hex River Valley).

The Coordination

Communication between the main coordinators and local coordinators is conducted by emails; WhatsApp group; zoom meetings and face-to-face meetings. In the meetings with local coordinators, participants of the groups can also attend and share their opinions. International meetings were scheduled sporadically to talk about the activities and reflect on the process, methodology and impacts. Not everyone attended every meeting. We encountered obstacles such as time differences to plan the meetings and language differences in the conversations. Fortunately, asynchronous communication and visual documentation were very helpful.

The project's website and the WhatsApp group served as a communication tool. The website, furthermore serve as a collaborative diary where you can follow the activities of each of the groups. Together, we have been composing and sharing templates, such as informed consent, the plan for exhibitions and the participation guidelines. From Santiago de Compostela Maria Jesus Agra and Cristina Trigo created the ‘Textile Cartographies Kit’, a practical resource to support the local coordinators, the Spanish version was launched in March 2022, and in the English version by July 2022. Coordinating the cross-cultural groups was a fascinating experience, our methods of coordination were typical from

Southern cultures, with enough ambiguity to enable diversity of approaches: nothing was determined; and everything can be transformed and deviate if need. The diversity of approaches, the different narratives and ways making enriched and continues to enrich the groups.

As every trip or journey the project has its own rhythm, the logistics to the exhibitions were complicated because of time constraints and customs, to remind us that the world has borders and that artworks, like people, cannot not freely move from country to country. The pilgrim works continued their journey at their own pace, with waiting times, arrival times and shipping times. Travel times, which after all are also part of the cartographic process. And, in the flow of the project, emerged the concepts, the categories, the time, the wait, the conversations and the stories. The network have been identified as very positive, may be because empathetical relationships were generated to express opinions using alternative media. In this intermediate period of the project (November 2022), following the documentation got so far, we can report the collaborative process as promoting reflection on human action on the planet and valuing personal narratives through sharing and exhibiting the artworks to empower the different voices.

The Catalogue

The catalogue starts with a text by Maria Jesus Agra, a very personal reflection about textile arts and the project. Followed by the Project in Portugal describing the different actions carried out in the country. The third text is from the group from Valencia, Spain, coordinated by M^a Dolores Soto González and Ramona Rodríguez López, reports the process of visual and sound cartographies carried out with the students of the Teacher Training course on Didactics of plastic and visual expression in Early Childhood Education” at the University of Valencia. Next, Australian coordinator Cheryl Fisher, reports the process carried out by a group of elder people during a broad program for twelve months with several workshops where they experimented with various materials and techniques in painting, printing, weaving and embroidery; played mandolin, and created a musical carpet associating sound rhythms with the colours of the fabrics. The activities culminate in the summer 2022

exhibition with local works and works received from other groups. In the text about the Brasília group. ngela Saldanha, Célia Matsunaga and Marisa Cobbe Maass explain how they introduced the project in the discipline “Advanced Topics in Design -Textile Cartography” from July 26 to October 25, 2021. In the next text, the Collective S. Paulo/Minas Gerais Section, Flavia Liberman; Viviane Maximino, Angélica Carvalho Lemos and Marcia Moraes relate three experiences: 1) the development of the theme within the scope of the Subject “Textile Cartography” taught in the Interdisciplinary Graduate Program in Health Sciences, at the Federal University of São Paulo, Baixada Santista campus, Santos, São Paulo, in 2022; 2) the insertion of Textile cartographies in the completion of the 2021 project “A look at Sustainability -restoring man-nature relationships, society-planet”, at Escola Ágora, located in Cotia, São Paulo and 3) “Embroiding the Wait”, with the collective of craftwomen heritage from Minas Gerais. In the Cairo text the group, coordinated by Samia Elsheik, we see works by students of textile arts at the University of Helwan. The group experimented with tapestry over printed maps of the way home to the University as a way to feel the everyday paths. Follows the group HEXLappies, co-coordinated by Erica Lüttich. HEXLappies, a group of women, grandmothers, daughters and granddaughters of De Doorns who work collaboratively through the arts in the former National Road No 1 prison building in De Doorns, Hex River Valley, South Africa. The essay display the nine squares proposed for the exhibition in Portugal that answered to the questions of land suitability in the country. It includes links to videos with the participants made in 2021 and the results of the workshop on mapping and cartographies held in 2022 with the artist Lauren Low. The visual description Photo embroidery practice in the bachillerato of UdeG” is reported by the coordinator of the Gualajara group in Mexico, Martha Patricia Espiritu Zavalza. Patricia, collaborates with her students, young people between 16 and 17 years old, in the construction of narratives from memories of places with photo embroideries. Next, the participants from Namibia Christiana Afrikaner; Claudia Mushindin and Martha Almudena present their proposals. The following description is from Richland group, United States, and report the process with professor Yichien Cooper and Artist-in-residence Patti Kirch and the students of the university. The next visual description is from the Duluth group, in the United

States, was the last group to join the project in 2022, coordinated by Alison Aune with a multidisciplinary team with students, teachers and artists from Duluth and Sweden. Finally, two chapters on individual participations: Steve Willis in Missouri and Elisabeth Noske in Munich.

Process

The project is based on a participatory methodology, and is designed collaboratively by the various participants. It starts from a very broad proposal to experiment with textile arts on a support with fixed-dimension as an action to reflect about environmental sustainability. Under a cartographic condition, the project does not aim to represent events but to accompany the production of events. For Flavia, cartography as a research method does not define goals to be achieved, rather engender and recognize processes. It can be considered a method, "if we understand method as what makes us understand the power of knowing" (DELEUZE, 2002, apud LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 183). It has no fixed plans, it happens as relationships are built between participants in virtual conversations with coordinators on an international level; in coordinators' physical conversations when possible; through arts making situations with participants and tends to show their voices whether children, youth or adults, students or teachers, women's groups, minority groups or indigenous populations. It is characterized by diversity, by the commitment between the participants who are consolidated by a gift, a travelling textile artwork. And in this premise of gift as a compromise, there is the possibility of exhibiting and sharing narratives. The webpage of the project were the process is reported by each group work as a collaborative research diary, capable of giving visibility to the different areas of the project. The exhibitions that the groups organize are part of the sharing process. The exhibited works are invitations for other participants to come together and reinforce the groups creating new proposals, new narratives.

Shared stories

This catalogue portrays two years of a project with small local funding and many hours of volunteering. We are aware that our artworks will hardly enter the lists of renewed artistic projects, but this does not worry us at

all. By using the arts to modify micro contexts, we think we are making long-term transformations at local level. We experiment with collaborative international groups using participatory methodologies, in cross-border areas with diverse groups because for us, humanity urgently needs to be reframed outside globalizing ideologies and universal discourses. The catalogue share stories. Shared stories are transformative, entangling people and places (Agra-Pardiñas, 2012). As Maria Jesus Agra relates in this catalogue, weaving is part of our stories; sewing and embroidering are aesthetical and poetical practices. In the poetry of textile arts, in this act of narrating so typical of female genealogies, we evoke the role of the woman who cares for life, through private and collective memory, in cartographies of weaving we rediscover the time, search possible meanings for human actions on the planet and tell our ancestral and contemporary stories. As Cristina Trigo explains, in the final text, weaving has always been part of us, being a social tool for now and for the future. In the wefts and threads in the intertwining, in the mantric act of sewing, we endlessly repeat wishes and dreams. Stitch by stitch, puncturing the fabric with lines and pauses, juxtaposing fabrics, crossing threads, we draw hopes and, in collaborative rituals of gift, we designate possible futures where complaints are written and hopes are glimpsed.

Viseu, November 13, 2022

Teresa Torres de Eça

References

- Agra- Pardiñas, Maria Jesus (2012) *"Historias en torno al arte y a la educación artística: Notas para un posible diário"*. *Caleidoscopio, Santiago de Compostela*
- LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A. *O Corpo de um Cartógrafo. Interface Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 19, n. 52, p. 183-193, 2015.*

CARTOGRAFIAS TÊXTEIS

DOIS ANOS
DE PROJETO

2021 – 2022

INTRODUÇÃO

COORDENAÇÃO

Coordenação Internacional

Grupo de Investigação em
Artes, Comunidade e Educação (GRIARCE - APECV)

Parceiros

Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV), Portugal;
Grupo C3, Espanha;
Bridge to Nowhere Arts Association Incorporated, Australia;
Universidade de Gualajara, México;
Universidade de Valencia, Espanha;
Universidade de Brasília, Brasil;
Escola Ágora, Brasil;
Universidade Federal de S. Paulo, Brasil;
Grupo Bordado como Resistência, Brasil;
Universidade de Helwan, Egípto;
HEXLappies, África do Sul;
Universidade de Minnesota Duluth (UMD), USA;
Universidade de Washington State, Tri-Cities. Teaching and Learning, College of Education, USA;
Missouri State University in Springfield, MO USA;
Namibian Society for Arts Education, Walvis Bay, Namibia.

EQUIPA

Universidade de Minnesota Duluth

Dr. Alison Aune, professor of Art Education, Universidade of Minnesota Duluth (UMD)
Chrissy Valento, art teacher Lincoln Park Middle School in Duluth, MN
Aryn Bergsven, art teacher Harbor City International School in Duluth, MN
Lisa Fitzpatrick, community climate activist and director of technology labs (UMD)

Art Education class students:

Deborah, Alec, Kat, Alyssa, Anabelle, Natalie, Taylor, Cassius, Laura, Julia, Lauren, Karli, Sid, Peyton, and Emm (UMD).

Youth Participants: local high school and middle school students

Kirsten Aune, textile artist Duluth, MN
Inga-Lill Newkumet, art teacher Haganässkolan in Älmhult, Sweden
Participações Individuais: *Steve Willis e Elisabeth Noske*

Universidade de Brasília, Brazil

Celia Matsunaga; *Marisa Mass*; *Angela Saldanha*
Estudantes do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília, Brasil

Washington State Universidade, Tri-Cities. Teaching and Learning, College of Education.

Coordenadora: *Dr. Yichien Cooper*
Artist-in-resident: *Patti Kirch*
Participants: Students enrolled in Spring 2022 MIT 535 (Integrating Fine Arts in K-8 Curriculum): *Maria Fierros, Amanda Pearson, Rosalva Rodriguez, Danysha Salinas, Rebekah Shook, Steven Townsend, Kelli Trevino.*

Universidade de Gualajara, Mexico

Cordenadora: *Martha Patricia Espiritu Zavalza*, Universidad de Gualajara.
Estudantes: *Manuel Tejeda Enríquez; Carla Valeria Álvarez Cantero; Marijose Herrera Hernández; Estéfani Giovanna García Rodríguez; Tania Dagmar Flores Foullón*

Coletivo São Paulo | Minas Brasil

Flavia Liberman, Viviane Maximino, Angélica Carvalho Lemos e Marcia Moraes

Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, APECV, Portugal

Coordenadoras: *Teresa Torres de Eça; Ângela Saldanha; Célia Ferreira; Raquel Balsa; Tiago Cruz. Augusta Gaspar; Maria João Pacheco; Lara Rodrigues; Carla Martins; Maria do Carmo Almeida* e estudantes da Escola Velar Brotero; *Jorge Simão* e estudantes da Universidade Senior de Beja); *Estrella Luna Munoz; Debbie Ezzo e Bela Dutra.*
Participantes do Mantra da Paz.

Grupo C3

Maria Jesus Agra; Cristina Trigo; Ana Vidal.

Universidade de Valencia, Spain

Coordenadoras: *M^a Dolores Soto González & Ramona Rodríguez López*
Grupos P, T y R del Grado de Maestro/a de Educación Infantil de la Asignatura Didáctica de la Educación Plástica y Visual de Educación Infantil.

Walvis Bay, Namibia

Coordenadoras: *Christiana Afrikaner; Claudia Mushindi; Martha Almudena*
Namibian Art Teachers

HEXLappies, África do Sul

Katrina Mokwena (coordenadora), *Nicky Nyanga, Linda Botes, Sally Matolla, Sophia Killian, Elizabeth van Wyk, Hendritta van Eick, Nicky Olivier, Sanna Titus. Beverley Ranchod, Rina Willemse, Erica Lüttich* (co-coordenadora), *Katherine Low* (investigadora)

Universidade de Helwan, Egipto

Coordenadoras: *Samia ElSheikh and Yasmin kamel.*
Estudantes: *Mariem Essam Mohamed. Marwa Ashraf Ahmed. Mariam Mustafa Ali. Mariam Ahmed Mohamed. Mariam Mohamed Alrawi. Malak Hossam Eldeen Hassan. Marim Tarek hendy. Mariam Amgad Ali. Mohamed Mokhtar mohamed. Manar Saber Ramadan. Mariam Sherif Rashad. Maram Alaa Ahmed. Mariam Gergis Mourid. Manar Mohamed Abd Elhamied. Mariem Mohammed Reda. Mozn Mahmud Seif. Manar Mohmaed Saed. Malak Hasan Abdelfatah, Mariam Magdy Nasralla. Mariam Alaa Abbas. Mariam Mekhael Youakem. Mariam Alaa Mohamed. Mariam Ezzat Rawyan. Mohamed Emad Askar. Mariam George Ayad. Mariam Magdy Ryad.*
Estudantes de Pós graduação: *Mona Esam. Salma Said. Nourhan Abd El Gayied Attya*

Bridge to Nowhere Arts Association Incorporated, Austrália

Coordenadoras: *Cheryl Fischer & Melanie Sarantou.*

PROCESSO

A ideia do projeto foi desenvolvida ao longo de 2020 com convites a pesquisadores e encontros online para definição de linhas de pesquisa e ação. Decidiu-se usar métodos de pesquisa-ação participativa. A implementação do projeto teve início em janeiro de 2021 e é coordenada pelas coordenadoras internacionais e locais que convidam os participantes a aderirem ao projeto. Seguindo dimensões participativas e artísticas, as coordenadoras e participantes exploram o processo colaborativo através das artes têxteis como meio de comunicação e expressão ativista para expressar ideias e sentimentos sobre questões ambientais. Durante os primeiros 2 anos do projeto, linhas de ação ecofeminista e de localização surgiram em todos os grupos.

ATIVIDADES

O processo é planejado localmente e por meio de reunião internacional online com coordenadoras e participantes. Diretrizes éticas e Planos de Ações são elaborados de forma colaborativa. Durante 2021 as coordenadoras compartilharam suas visões sobre cartografia e exemplos de artistas têxteis ativistas. Em 2022 as pesquisadoras de Santiago de Compostela Maria Jesus Agra e Cristina Trigo selecionaram artistas de referência para o projeto e criaram um kit pedagógico: kitcartograficotextil.wordpress.com Cada uma das coordenadoras locais promoveu ações com um grupo de pessoas interessadas em criar uma narrativa exprimindo ideias e opiniões sobre a ação humana no planeta Terra em quadrados têxteis individuais de 10x10 cm. Cada Grupo enviou obras têxteis como ofertas a outros grupos para a realização de exposições coletivas.

KIT

Em 2022 os investigadores de Santiago de Compostela selecionaram artistas de referência para o projeto e criaram um kit pedagógico: kitcartograficotextil.wordpress.com

AÇÕES LOCAIS

Cada uma das coordenadoras locais promoveu ações com um grupo de pessoas interessadas em criar uma narrativa que expresse ideias e opiniões sobre a ação humana no planeta Terra em quadrados têxteis individuais de 10x10 cm.

EXPOSIÇÕES

Cada Grupo enviou obras têxteis como brindes a outros grupos para a realização de exposições coletivas, tais como:

Viseu, Portugal, Março-Junho 2022

Curadoras: Teresa Eça & Raquel Balsa

Faial, Portugal, Julho-Agosto 2022

Curadoras: Teresa Eça & Bela Dutra

Austrália, Agosto-Outubro 2022

SALA – South Australian Living Artists
A Brush With Art, Artists of the Flinders Ranges

Venue: Arts Now Here @ Warnertow
Curadora: Cheryl Fisher

Springfield, EUA,

Setembro-Outubro 2022

Curador: Steve Willis
Universidade of Missouri, USA

Praga, República Checa, Novembro 2022

Curadoras: Ângela Saldanha and Raquel Balsa

Valencia, Espanha, Novembro 2022

Curadoras Dolores Soto and Ramona Rodríguez
Universidade de Valencia, Espanha

Cairo, Egípto, Dezembro 2022-Janeiro 2023

Curadora: Samia Elsheik

Brasília, Brasil, Janeiro-Fevereiro 2023

Curadoras: Celia Matsunaga; Marisa Maass e Ângela Saldanha
Universidade de Brasília

Santiago de Compostela, Espanha, Abril 2023

Curadora: Cristina Trigo

Minas Gerais, Brasil, Agosto de 2023

Collective S. Paulo & Minas

Namíbia,

Curadora: Christiana Afrikaner

MAPPA, a palavra latina para tecido, é uma metáfora para este projeto,

onde pessoas de contextos muito diversos da educação artística e com formas muito diferentes de compreensão de cartografias se envolveram criativamente com outras pessoas para promover a conscientização e produzir narrativas têxteis sobre a maneira como as pessoas entendem as questões ambientais. Como Steve Willis escreveu, cada pessoa tem sido impactada de maneira diferente pelas extremas mudanças ambientais, resultando em resistência, medo, raiva, frustração, depressão, ansiedade, mas também um despertar para a família e a comunidade, consciência da pessoa e do lugar, celebração de si mesmo e dos outros, e muito mais. Através da fabricação de artes e ofícios implicamo-nos no processo de reabilitação. O fazer artístico na sua natureza transformadora entre as esferas privada e pública parte da dimensão solitária e espiritual do eu, para comunicar com os outros. Do silêncio do fazer reflexivo à dimensão de partilha da oderenda, usamos as artes para despertar consciências em experiências coletivas à medida que nos movemos no espaço e no tempo. Como Steve Willis afirmou, este é um processo transformador para equacionar a realidade inter/intra dos nossos caminhos, para encontrarmos a nossa humanidade através de práticas artísticas.

A dimensão internacional do projeto potencializa a rede. Não é uma rede comum criada por meio de redes sociais na internet ou construída sobre relações acadêmicas ou acadêmicas. A sua estrutura rizomática foi construída convidando pessoas que se preocupam com o futuro e que normalmente usam artes e ofícios para fazer narrativas, inclui diversos grupos de lugares muito distantes, unificados pelo desejo de juntar as vozes, de tornar visível a sua esperança na mudança de valores e atitudes em relação à crise ambiental. O mapa do projeto faz-se no acaso e na imprevisibilidade, caminhando lado a lado numa cartografia colaborativa aberta a uma infinidade de possibilidades que a oferta, a prenda ou dávida, pode provocar.

Em dois anos de projeto, desenhámos um mapa com 11 grupos; 25 coordenadoras e mais de 2000 participantes na Austrália; África; Europa e América. Cada grupo em seu modus operandum valorizou a colaboração.

Em 10x10 cm de tecido, os participantes contaram histórias sobre saberes indígenas; redescobriram seus lugares; a beleza das paisagens e dos seres vivos de suas regiões; abriram o véu de histórias não contadas sobre as suas cidades ou regiões; refletiram sobre as mudanças climáticas; sobre a pobreza; sobre comida; sobre paz e conflitos. Histórias para nos conscientizar sobre os desequilíbrios e o pouco tempo que ainda temos para nos preocupar com nosso futuro no planeta. A ambiguidade do projeto; o aspeto feito à mão, como Yichen Cooper percebeu na reunião do Projeto de julho de 2022, possibilitou que educadores ativistas o utilizassem como forma de cumprir agendas educacionais difíceis que lidam com conexão ambiental e refletir sobre tabus locais.

(o) projeto meio que me motiva....porque é escondido e ambíguo, o tipo de média como a tapeçaria, em si é feito à mão é feito pelo homem sabe, a gente usa as mãos para fazer as coisas... (extrato de a transcrição do Encontro de Cartografias Têxteis, 29 de julho de 2022)

E esse jeito de fazer, esse ato humilde e solitário de tecer, bordar ou costurar, pode ser um ato de resiliência como podemos ver com o Coletivo de S. Paulo & Minas, Portanto, como escreveu Maria Jesus Agra no seu texto para este Catálogo. A dimensão colaborativa do método é realmente outra conquista importante da proposta poética de cartografias participativas através da arte têxtil contemporânea. O ato de bordar em grupo torna-se uma ação emancipatória, relembando acontecimentos passados, histórias antigas para construir uma memória coletiva que se origina na esfera privada da intimidade. O ritual de colaboração entre bordadeiras que se realiza por meio de reuniões de grupo e exposições em andamento é em sua forma ritualística uma metodologia de aprendizagem e transformação.

La reunión, como parte constitutiva del rito, del ritual, se recrea cada vez que las bordadoras se juntan. Y al hacerlo, se pone en práctica el traspaso de saberes, incorpore la memoria colectiva tanto del saber sobre lo textil, como en la conciencia del ser, en la conciencia del ser, en tanto ser colectivo, histórico y social capaz de interpretar e modificar su entorno (Agra, 2022).

Com alunos em universidades e escolas; com pessoas fazendo artes para o bem-estar em organizações da sociedade civil, com professores de arte; com amigos e parentes as ações da cartografia têxtil fizeram crescer um sistema de conexão que empodera cada um de nós, fortalecendo a nossa esperança na humanidade.

O seguinte Kit de Cartografia têxtil, foi desenvolvido pelas pesquisadoras Cristina Trigo e Maria Jesus Agra como recurso para as Ações dos grupos

- . Basic Stitches
- . *Manifesto Textile*
- . *Artistic References*
- . *Micro-Workshops*

Esperamos que mais pessoas se juntem a nós para fazer um apelo global pela Terra, ouvindo as diferentes vozes, especialmente as vozes das mulheres, silenciosamente escondidas nos fios dos bordados, na tessitura do tear, para exprimir as complexas relações entre os seres humanos e o planeta que habitam.

[# Educação ambiental](#) [#justiça climática](#) [#earthcharter](#) [#ativismo](#) [#ativismo](#) [#participação cidadã](#) [#arte e design](#) [#artestêxteis](#) [#artesanato](#) [#artes socialmente engajadas](#) [#ecofeminismo](#) [#educação](#) [#cidadania](#) [#mapastêxteis](#) [#artes participativas](#) [#pesquisa baseada em artes](#) [#design participativo](#) [#sustentabilidade](#) [#comunidade artes](#) [#pesquisa-ação participativa](#) [#localização](#) [#cartografias](#)

TEXTILE CARTOGRAPHIES

TWO YEARS
OF PROJECT
2021 — 2022

INTRODUCTION

COORDINATION

International Coordination

Research Group of the Association of Teachers of Expression and Visual Communication (GRIARCE - APECV)

Partners

Association of Teachers of Expression and Visual Communication (APECV), Portugal;
C3 group, Spain;
Bridge to Nowhere Arts Association Incorporated;
University of Gualajara, México;
University of Valencia, Spain;
University of Brasilia, Brazil;
Escola Agora; University Federal of S. Paulo;
Group Bordado como Resistência, Brazil;
University of Helwan, Egypt;
HEXLappies, South Africa;
University of Minnesota Duluth (UMD), USA;
Washington State University, Tri-Cities. Teaching and Learning, College of Education. USA;
Missouri State University in Springfield, MO USA;
Namibian Society for Arts Education, Walvis Bay, Namibia.

TEAM

University of Minnesota Duluth

Dr. Alison Aune, professor of Art Education, University of Minnesota Duluth (UMD)

Chrissy Valento, art teacher Lincoln Park Middle School in Duluth, MN

Aryn Bergsven, art teacher Harbor City International School in Duluth, MN

Lisa Fitzpatrick, community climate activist and director of technology labs (UMD)

Art Education class students:

Deborah, Alec, Kat, Alyssa, Anabelle, Natalie, Taylor, Cassius, Laura, Julia, Lauren, Karli, Sid, Peyton, and Emm (UMD).

Youth Participants: local high school and middle school students

Kirsten Aune, textile artist Duluth, MN

Inga-Lill Newkumet, art teacher Haganässkolan in Älmhult, Sweden

Individual Participations: *Steve Willis* and *Elisabeth Noske*

University of Brasilia, Brazil

Coordinators: *Celia Matsunaga*;

Marisa Maass; *Angela Saldanha* post-graduation design students of University of Brasilia

Washington State Universidade, Tri-Cities. Teaching and Learning, College of Education.

Coordinator: *Dr. Yichien Cooper*

Artist-in-resident: *Patti Kirch*

Participants: Students enrolled in Spring 2022 MIT 535 (Integrating Fine Arts in K-8 Curriculum): *Maria Fierros, Amanda Pearson, Rosalva Rodriguez, Danysha Salinas, Rebekah Shook, Steven Townsend, Kelli Trevino.*

University of Gualajara, Mexico

Coordinators: *Martha Patricia Espiritu Zavalza*, Universidad de Gualajara.

Students: *Manuel Tejeda Enríquez; Carla Valeria Álvarez Cantero;*

Marijose Herrera Hernández;

Estéfani Giovanna García Rodríguez;

Tania Dagmar Flores Foullón

Coletivo São Paulo | Minas

Coordinators: *Flavia Liberman,*

Viviane Maximino, Angélica

Carvalho Lemos e Marcia Moraes

Association of Teachers of Expression and Visual Communication, APECV, Portugal

Coordinators: *Teresa Torres de Eça; Ângela Saldanha; Celia Ferreira; Raquel Balsa; Tiago Cruz.*

Augusta Gaspar; Maria João Pacheco; Lara Rodrigues; Carla Martins; Maria do Carmo Almeida and students from Escola Velar Brotero; *Jorge Simão* and students from Universidade Senior de Beja); *Estrella Luna Munoz; Debbie Ezzo and Bela Dutra.*

Mantra for Peace Participants

C3 Group

Maria Jesus Agra; Cristina Trigo;

Ana Vidal.

University of Valencia, Spain

Coordinators: *M^a Dolores Soto*

González & Ramona Rodríguez López

Grupos P, T y R del Grado de Maestro/a de Educación Infantil de la Asignatura Didáctica de la Educación Plástica y Visual de Educación Infantil.

Walvis Bay, Namibia

Coordinators: *Christiana Afrikaner;*

Claudia Mushindi; Martha Almudena

Namibian Art Teachers

HEXLappies, South Africa

Katrina Mokwena (leader), *Nicky Nyanga, Linda Botes, Sally Matolla, Sophia Killian, Elizabeth van Wyk, Hendritta van Eick, Nicky Olivier, Sanna Titus, Beverley Ranchod, Rina Willemse, Erica Lüttich* (coordinator), *Katherine Low* (researcher)

University de Helwan, Egipto

Coordinators: *Samia ElSheikh* and *Yasmin kamel.*

Students: *Mariem Essam Mohamed.*

Marwa Ashraf Ahmed. Mariam

Mustafa Ali. Mariam Ahmed

Mohamed. Mariam Mohamed Alrawi.

Malak Hossam Eldeen Hassan.

Marim Tarek hendy. Mariam Amgad

Ali. Mohamed Mokhtar mohamed.

Manar Saber Ramadan. Mariam

Sherif Rashad. Maram Alaa Ahmed.

Mariam Gergis Mourid. Manar

Mohamed Abd Elhamied. Mariem

Mohammed Reda. Mozn Mahmud

Seif. Manar Mohmaed Saed. Malak

Hasan Abdelfatah, Mariam Magdy

Nasralla. Mariam Alaa Abbas.

Mariam Mekhael Youakem. Mariam

Alaa Mohamed. Mariam Ezzat

Rawyan. Mohamed Emad Askar.

Mariam George Ayad. Mariam

Magdy Ryad.

Post-graduation students:

Mona Esam. Salma Said. Nourhan

Abd El Gayied Attya

Bridge to Nowhere Arts Association Incorporated, South Australia

Coordinators: *Cheryl Fischer & Melanie Sarantou.*

PROCESS

The project idea was developed during 2020 with invitations to researchers and online meetings to define lines of research and action. It was decided to use participatory action research methods.

The implementation of the project started in January 2021 and is coordinated by the international and local coordinators who invite participants to join the project.

Following participatory and arts based dimensions, the coordinators and participants explore collaborative process through textile arts as means of communication and activist expression to express ideas and feelings about environmental issues. During the first 2 years of the project, ecofeminist and localization lines of action emerged in all the groups.

ACTIVITIES

The process is planned locally and through international online meeting with coordinators and participants. Ethical guidelines and Plans for Actions are designed collaboratively.

During 2021 the coordinators shared their visions about cartography and examples of activist textile artists. In 2022 the researchers from Santiago de Compostela Maria Jesus Agra and Cristina Trigo selected artists of reference for the project and created a pedagogical kit:

kitcartograficotextil.wordpress.com/
Each of the local coordinators promoted actions with a group of people interested in creating a narrative that expresses ideas and opinions about human action on planet Earth in individual textile squares 10x10 cm
Each Group sent textile works as gifts to other groups for the setting collective exhibitions.

During 2021 the coordinators shared their visions about cartography and examples of activist textile artists.

KIT

In 2022 the researchers from Santiago de Compostela selected artists of reference for the project and created a pedagogical kit:

kitcartograficotextil.wordpress.com

LOCAL ACTIONS

Each of the local coordinators promoted actions with a group of people interested in creating a narrative that expresses ideas and opinions about human action on planet Earth in individual textile squares 10x10 cm.

EXHIBITIONS

Each Group sent textile works as gifts to other groups for the setting collective exhibitions, such as:

Viseu, Portugal March-June 2022

Curators: Teresa Eça & Raquel Balsa

Faial, Portugal, July-August 2022

Curators: Teresa Eça & Bela Dutra

South Australia, August-October 2022

SALA – South Australian Living Artists
A Brush With Art, Artists of the Flinders Ranges

Venue: Arts Now Here @ Warnertow
Curator: Cheryl Fisher

Springfield, EUA,

September-October 2022

Curator: Steve Willis
Universidade of Missouri, USA

Prague, Czech Republic, November 2022

Curators: Ângela Saldanha and Raquel Balsa

Valencia, Spain, November 2022

Curators: Dolores Soto and Ramona Rodríguez
University of Valencia, Spain

Cairo, Egypt, December 2022 - January 2023

Curator: Samia Elsheik

Brasília, Brazil, January-February 2023

Curators: Celia Matsunaga; Marisa Maass e Ângela Saldanha
University of Brasília

Santiago de Compostela, Spain April 2023

Curator Cristina Trigo

Minas Gerais, Brazil

August 2023
Collective S. Paulo & Minas

Namibia,

Curator: Christiana Afrikaner

**MAPPA, the latin word for fabric,
Is a metaphor for this project,**

where people from very diverse arts education contexts and with very different forms of understanding of cartographies will creatively engage with other people to promote awareness and produce textile narratives about the way people understand environmental issues. As Steve Willis wrote each person has been impacted differently by the extreme environmental changes resulting in resistance, fear, anger, frustration, depression, anxiety, but also an awakening to family and community, awareness of person and place, celebration of self and others, and much more. Through making arts and crafts we engage in rehabilitative process. Art making in its transformative nature between private and public spheres starts in the lonely and spiritual dimension of the self, to communicate with others. From the silence of reflective making to the sharing dimension of the gift, we use the arts to awake people in collective experiences as we move through space and time. As Steve Willis have stated this is a transformative and evolving process to align the inter/intra reality of the journey to becoming a complete human through artistic practices.

The international dimension of the project enhances the network, It is not a common network created via social media or built upon scholar or academic relationships. In its rhizomatic structure it was built by inviting people who cares about the future and who normally uses arts and crafts to make narratives, it includes diverse groups from very distant places, unified by the desire to join the voices, to make visible their hope in in changing values and attitudes towards the environmental crisis. The map of the project is made in serendipity and unpredictability, by walking side by side in a cartography of togetherness open to an infinite numbers of possibilities that a gift can provoke.

Two years of the project, drew a map with 11 groups; 25 coordinators and more than 2000 participants in Australia; Africa; Europe and America. Each group in its own modus operandum valued the collaboration. In 10x10 cm of fabric, participants told stories about indigenous knowledge; rediscovered their places; the beauty of the landscapes and the living creatures in their regions; opened up the veil of untold stories about their cities; reflected about climate change; about

poverty; about food; about peace and conflicts. Stories to make us aware of unbalances and the little time we still have to care about our future in the planet. The ambiguity of the project; the hand made aspect, as Yichien Cooper noticed in the 2022 July Project meeting made it possible for activist educators to use it as a way to accomplish difficult educational agendas dealing with environmental connection and reflect about local taboos

(the) project kind of motivate mebecause it is hidden it is ambiguous, the media the type the tapestry the text style itself it's handmade it's man-made you know, we use our hand to do to do things... (extract of the transcript of Textile Cartographies Meeting, 29 July 2022)

And this way of making, this humble and solitary act of weaving, embroider or sewing, can be an act of resilience as we can see with the Collective of S. Paulo & Minas, Therefore, as Maria Jesus Agra wrote in her text for the Textile Cartographies Catalogue 2022, the collaborative dimension of the method is really another important achievement of the poetic proposal of participatory cartographies through contemporary textile art. The act of embroider in group becomes an emancipatory action, remembering past events, old stories to construct a collective memory which besides its social impact is originated in the private sphere of intimacy. The ritual of collaboration between embroiders which is carried out through group gatherings and the gift for exhibitions in progress is in its ritualistic way a methodology for learning and transforming.

La reunión, como parte constitutiva del rito, del ritual, se recrea cada vez que las bordadoras se juntan. Y al hacerlo, se pone en práctica el traspaso de saberes, incorporan la memoria colectiva tanto del saber sobre lo textil, como en la conciencia del ser, en tanto ser colectivo, histórico y social capaz de interpretar y modificar su entorno (Agra, 2022).

With students in universities and schools; with people making arts for wellbeing in civil society organisations, with art teachers; with friends and relatives the actions of the textile cartography grew up a connection system empowering each one of us, strengthening our hope in humanity.

The following textile Cartography Kit, was developed by researchers Cristina Trigo and Maria Jesus Agra as a resource for the group Actions:

- . Basic Stitches
- . Textile Manifesto
- . Artistic References
- . Micro-Workshops

We hope more people will join us to make a global call for Earth, listening to the different voices, especially the women's voices, silently hidden in the strings of the embroideries, in the tessiture of the loom, to express the complex relationships between human beings and the planet they inhabit.

[#Environmental education](#) [#climat justice](#) [#earthcharter](#) [#artivism](#) [#activism](#) [#citizen participation](#) [# art and design](#) [#textile arts](#) [#handicrafts](#) [#social engaged arts](#) [#ecofeminism](#) [#education](#) [#citizenship](#) [#textilemaps](#) [# participatory arts](#) [#arts based research](#) [# participatory design](#) [# sustainability](#) [# community arts](#) [#participatory action research](#) [#localization](#) [#cartographies](#)

EL REVERSO
DE LA COSTURA

HILOS OCULTOS EL REVERSO DE LA COSTURA

María Jesús Agra

Coordinadora de C3.
Universidad de Santiago de Compostela USC
España

Cuando empecé a pensar en cómo empezar a escribir este texto, no sabía por dónde comenzar, se me ocurrían un montón de ideas dispersas y dispares. Ni siquiera ahora tengo claro el cómo hacerlo, no me sorprende, pues casi siempre me pasa lo mismo, nunca sé o no quiero saber en cómo hacerlo y a dónde me llevará el fluir de mis pensamientos.

Estoy en mi espacio de trabajo, y sobre mi mesa tengo cuadernos con anotaciones en su mayoría inconexas, textos sin un criterio aparente de orden, pero son textos que me gustan y con los que me identifico, veo mi caja de carretes de hilos, con tiza y una cajita con alfileres, otra con agujas, sobrantes de lana en pequeños ovillos de colores y grosores diferentes, fotografías de reproducciones como evidencias de testimonios gráficos, información visual que se ordena y desordena como las piezas de un puzzle que cuentan un relato que convive con los pinceles, los lienzos, papeles, rotuladores y las palabras escritas. Ordenador, cables, libros y fotocopias con separadores con códigos de colores por contenidos pactados al principio pero que no recuerdo exactamente que señalan, en fin, creo que este espacio podría ser, como el de muchas personas dedicadas a la docencia, y a las artes, ya que todo lo que me rodea me aporta infinidad de cosas que enriquecen mi práctica artística y educativa.

Mi mirada interior busca un hilo por el que tirar, y me detengo en la carpeta de Textos de Walter Benjamin. Me gusta hablar con mis objetos, que me cuenten lo que hacen, lo que pueden sugerirme o recordar, escuchar sus silencios, que me activen a experimentar, a olvidarme de mis miedos, a enfrentarme a las nuevas dificultades,...

que hable conmigo misma, porque muchas veces diciéndome las cosas en alto y compartiéndolas en mi hacer, muestran diferentes estrategias.

Cuando pienso, de nuevo, en Walter Benjamin recuerdo un texto autobiográfico sobre Infancia en Berlín hacia 1900. El original me fascinó, está totalmente manuscrito y con aportaciones al margen, aunque como está en alemán no entendí nada, ¡pero me gustó todo! Está estructurado en pequeños ensayos, y mi memoria me lleva a El costurero (Der Nähkasten) y me sitúo entre sus palabras, donde Walter Benjamin relaciona el gesto de coser con el de dibujar, y lo hace precisamente, a partir de su experiencia infantil. La infancia va fraguando caminos propios desde donde cuestionar el orden dado de cosas.

Al pequeño Walter, le gustaba mirar a su madre sentada junto a la ventana con su costurero. Pero a diferencia de la Bella Durmiente, que accidentalmente se pincha con un huso que le hace dormir durante 100 años, ella se protegía con un dedal, una especie de coronita que la transformaba, para los niños, en una reina.

Pues nos gustaba apoderarnos de esa pequeña corona que, en secreto, podíamos ceñir. [...] No se hubiera podido encontrar otro tratamiento que, para mí, expresara mejor la plenitud de poderes de mi madre. Como los auténticos tronos de soberanos, también el suyo, junto al costurero, tenía su propio fuero. Y en ocasiones tuve que sufrirlo. (Benjamin, 1982, p. 113).

La madre ejercía su poder de reina arreglando la ropa de su hijo antes de que fuera de visita o de compras. En esos momentos, el niño, dominado por los avíos de la caja de costura se preguntaba si la utilidad de los hilos, agujas y tijeras que estaban ante él, era realmente la de la costura. La duda sobre la utilidad de las cosas se ve reforzada principalmente por los carretes de hilo. Al igual que el dedal de la madre, los carretes también estimularon el deseo del niño de tocar la cavidad de los objetos:

Demasiado grande era la tentación como para no apretar la punta del dedo contra el centro de la etiqueta, demasiado intensa la satisfacción cuando se rompía y sentía por el agujero que había debajo (Benjamin, 1982, p. 115).

Además, si en la parte superior de la caja se disponen las agujas, las tijeras y los carretes de hilo, en la parte inferior hay una confusión de retales y sobras de

materiales con los que el niño no sólo construirá su mundo, sino que también se reconciliará con él y los transformará en un universo propio.

Aunque, lo que menos le gusta al pequeño Benjamín es el derecho del bordado, donde la costura está bien cosida, y lo que más son los hilos enredados en el revés, que le dan al dibujo la apariencia de un boceto:

Cuanto antes oscurecía, más a menudo pedíamos las tijeras. Entonces nosotros también pasábamos horas siguiendo la aguja, de la que colgaba ociosamente un grueso hilo de lana. Bueno, sin decirlo, cada uno de nosotros tomó cosas que se podían cubrir -platos de papel, limpiadores de plumas, capas- y sobre ellos hilvanamos flores de acuerdo con el diseño. Y como el papel dejaba paso a la aguja con un ligero clic, cedí a la tentación de enamorarme de la celosía inversa que se confundía cada vez más con cada puntada dada, con la que, de frente, me acercaba a la meta (Benjamin, 1982, p.116).

Qué esconde el costurero para provocar esta profunda huella en Walter Benjamin?

En el fragmento autobiográfico al que me he referido antes, es el propio Benjamin el que nos describe que todo objeto es un acto de ver, no sólo de mirar. Para continuar explicando con gran detalle y de forma muy visual cómo es ese objeto:

Además de las regiones superiores de la caja, donde estaban colocados los carretes, unos al lado de otros, donde relucían las libretas negras de las agujas y donde estaban las tijeras metidas cada una en su funda de cuero, había un fondo oscuro, el caos, donde predominaban los ovillos abiertos, trozos de elásticos, corchetes y corchetas y pedazos de seda. Entre tantos restos había también botones, algunos que jamás se vieron en ningún vestido... (Benjamin, 1982, p.116).

Claro que podemos preguntarnos si el asombro que siente el pequeño Walter ante esa pequeña y misteriosa caja puede servirnos para comprender alguna de las cuestiones que el arte textil contemporáneo nos propone.

Pongamos al niño en la situación del cronista. Veamos cómo ve, a lo mejor incluso qué está mirando. Espiemos con quién habla, para quién escribe, de qué formas lee. Perfilémos de qué tiempos se dota en soledad, qué tiempos atisba cuando se encuentra junto a otros. Como se las apaña para deshacer su clase de origen, que mucho tiene de destino. Y digáramos con él eso que le han dicho que ocurrió de forma irremediable (Lanfranconi, 2017, p. 19)

La infancia, explica Benjamin, es el lugar donde se guardan los rastros de otras épocas al tiempo que se acepta lo presente... para fraguar caminos propios desde donde cuestionar el orden de las cosas. La infancia se compenetrando, entonces, como un espacio de memoria en el que se encuentran claves esenciales para la construcción del propio universo creativo y experiencial, este ha sido también un paisaje recurrente en el arte textil.

Puedo contar mi biografía con los hilos que llenan mi baúl y sigo hojeando cada año los arcones de la casa de mis padres para reencontrarme con el hilo de la memoria de mis abuelas, con sus bordados y sus remiendos. Sé que algún día mi baúl desembocará en esas mismas arcas y entonces seré yo también –ya el jornal cumplido– memoria del hilo. (Claudia De Santos, 2022)

No recuerdo en qué momento tuve por primera vez un hilo entre las manos. De muy niña trenzaba juncias y ensartaba en hilo, junto a mi madre, frutos de escaramujos o flores de lengua de buey o chiribitas y hacíamos collares. Aquellos collares me descubrieron que con aguja e hilo puedes, como en los cuentos, convertir flores en joyas o que los cinturones de hadas podían hacerse trenzando juncos, explica Claudia De Santos, que, aprendió a tejer con su madre. Extraído de <http://segoviaculturahabitada.es/segovia/claudia-de-santos-hila-arte-textil-y-poesia-en-su-exposicion-la-memoria-del-hilo-en-la-casa-de-la-lectura/>

Uxia Acuña (2007), nos cuenta que su abuela era costurera, de las de dedal, de las de un imán atado a una lana para localizar alfileres en el suelo y de las de gafas en la punta fría de la nariz. Ella y mi madre cogían el tranvía y se iban a Vigo. Los escaparates eran quizás las únicas exposiciones urbanas junto a una naciente y tímida publicidad, de piezas intocables para bolsillos que aunque perfectamente cosidos estaban vacíos para comprar revistas importadas del estado. Mi abuela, cogía su cuaderno y dibujaba los modelos de aquella ropa, protegidas por el grueso cristal del feroz capitalismo (p. 12).

También nos narra que las clientas, de su abuela, miraban aquellos bocetos y ella con líneas de corte y puntos estratégicos, los moldeaba según las ideas que surgían, y a cada modelo le ponía el nombre de la clienta para el que era creado. Creaba tendencia, porque luego las vecinas le pedían “Una falda Carme de Fontes”, un abrigo “Concha A pequeña”... no tenía patronas, decía que no tenía paciencia para hacerlos, yo hoy creo que era que le gustaba meter la tijera en las telas, experimentar e innovar con los cortes “no previstos”. Los modelos nunca eran iguales, no creo que quisiera que fueran iguales. Nadie sabe, desafortunadamente, de aquellos cuadernos (Acuña, 2007, p. 12).

Algunas artistas cuentan historias, como que se enamoró del tejido del baúl que tenía su abuela con botones y retales de tela:

Es un material muy versátil y cercano. Lo tenemos en las casas, nos viste a diario y tiene mucha historia. Y yo ahora, a través de los tintes y las fibras, hablo del presente a través de experiencias propias de mi pasado (Binimelis, 1978).

Cuando era muy pequeña empecé a hacer punto y ganchillo con las labores de mi madre”, cuenta otra. Su creación está elaborada con almohadas desgarradas que su madre guardaba en casa. La artista ha bordado diferentes formas alrededor de los agujeros con el fin de transmitir la idea de fragilidad y el paso del tiempo: El tiempo va creando vacíos y espacios de la gente que se va. Su obra experimenta con varias formas y volúmenes de los tejidos, como sábanas, servilletas y manteles de su familia. Maribel Binimelis (1978). Extraído de <https://elpais.com/espana/madrid/2021-09-27/el-arte-contemporaneo-textil-un-puente-que-conecta-el-presente-con-el-pasado.html>

Formas de abordar la infancia que trascienden los límites de la historia personal, los recuerdos de cada quien en su diario de viaje, el cruce entre un alguien, un momento, un lugar... una intersección entre los planos de la historia personal y la historia social. Memoria, identidad, narrativa poética, búsqueda estética son algunos de los ámbitos que estas manifestaciones introducen en el campo artístico. La historia individual que se conecta con las tradiciones y resignifican los lazos sociales a partir de los cuales el lenguaje las hace posibles. Recordar, recordar, son actos políticos que se manifiestan en el objeto devenido de la práctica textil.

En este contexto, son cada vez más los artistas que introducen este elemento en sus producciones por el deseo de volver a la sensorialidad que se pierde con la euforia digital y la búsqueda de nuevos materiales que enriquece a la cultura (Claudia de Melo, 2021, extraído de <https://elpais.com/espana/madrid/2021-09-27/el-arte-contemporaneo-textil-un-puente-que-conecta-el-presente-con-el-pasado.html>).

Se ha despertado entre los consumidores el gusto por la calidad, el compromiso artesanal y el medioambiental. Estamos en un momento en el que la moda mira hacia un horizonte más ético, por ello, no es sorpresa encontrarse con un interés creciente por volver a los orígenes: coser, reparar, bordar y también llenar de personalidad las prendas de segunda mano a través de la pintura, del

bordado, de la costura...La gente está buscando una conexión con lugares, culturas y que las compras tengan un impacto social.

Entrelazando historias

Esta conversación de hilos y colores es también un paseo por las historias de vidas presentes y pasadas. Un diálogo donde las piezas textiles van creando con sus voces un entramado con una función estética y conceptual que redefine la producción imágenes y significados a partir de materiales y técnicas que dan paso al protagonismo del proceso y la historia. Una vez que el arte asume lo textil como procedimiento, este se va transformando en una práctica artística más con cualidades poéticas, plásticas, simbólicas o metafóricas; en cualquier caso, se convierte en metalenguaje del arte. Como un vocabulario capaz de producir códigos (gráficos, pictóricos, formales...) propios, similares a los utilizados en los diferentes géneros artísticos, y capaz de trabajar en los parámetros del discurso denominado poético.

Se trata de hilvanar algunas ideas para enriquecer el conocimiento que se tiene de lo textil, la costura, lo bordado... y sobre todo establecer una visión actual de dicha técnica. Además de poner de manifiesto cómo, a día de hoy, el textil no sólo ha alcanzado una cierta normalización como categoría artística. Si no que, además, sigue vigente tanto desde un planteamiento más tradicional, en relación con lo artesanal, como en su actualización con la incorporación de nuevos materiales y tecnologías en arte.

Son muchos los autores que han mostrado interés por el medio y los materiales textiles como recurso, pero también observamos cómo el procedimiento ha pasado por una serie de etapas; desde una exploración conceptual, reivindicativa en sus comienzos; hasta una más formalista, poética posteriormente. El uso de lo textil, costura, bordado, tejer,... como recurso en la obra de arte, a día de hoy, ya ha constituido un argumento sólido para poder ser analizado en el campo de las artes y de la investigación.

Varias son las cuestiones que analizar y clarificar en este terreno donde se mezclan el tema de la mujer, el

textil y el debate sobre el arte y la artesanía. El papel que el arte textil ha tenido en el arte del siglo XX, su vinculación a la mujer y al aumento paulatino de su presencia y las referencias a su propia memoria histórica dentro en el arte actual.

El tejer, el bordado o el coser siempre han estado relacionados con la mujer como un trabajo casi natural en ella, o por lo menos así se ha presentado. También aparece como un hacer ritual, íntimo y personal. Por otro lado, a medida que las mujeres se van incorporando al mundo del arte, se introducen temas y técnicas propias. No cabe duda de que existe una relación entre la progresiva incorporación de la mujer a la vida social, laboral, cultural y en particular a las artes y a la aparición de los materiales, medios y configuraciones vinculadas a lo textil, de tal manera que se puede considerar una aportación que las mujeres hacen de un mundo de actividad que les resulta tradicionalmente propio.

En este caso encontramos lo textil como material y técnica que, gracias al movimiento artístico feminista, se introduce plenamente en el arte. Esto ha sido objeto de discusión ya que, durante tiempo, ha sido considerado material perteneciente a las artes decorativas más que al arte. Uno de los factores en esta valoración está relacionado con que el textil sea un material vinculado a la mujer. Justamente por ello, muchas mujeres artistas lo utilizarán para reivindicar sus derechos como mujeres y como artistas, ayudando así a su aceptación o uso común en los objetos artísticos.

Las artistas crean estos tejidos como algo que las une a la memoria colectiva femenina. Este es un acto de búsqueda y conocimiento como género. El hilar aparece como símbolo de un recorrido a través de la historia que se pregunta por el futuro. Simboliza el querer tejer, crear una trama, utilizando un trabajo típicamente femenino, donde poder habitar sin dejar de ser ella misma, ni la memoria de su trabajo a través de la historia.

En el arte actual aparecen muchos elementos textiles en las obras, materiales muy diversos, técnicas del pasado y otras novedosas. Entre ellas, la técnica milenaria del tapiz y el bordado, que hace que el hilo que atraviesa la tela recuerde a la pintura. También, hay esculturas elaboradas con textiles intervenidos de uso

cotidiano: sábanas, camisas de lino y mantas... Se utiliza la costura con libertad expresiva, explorando y explotando sus recursos plásticos, de la misma forma que lo haría con un dripping, una transparencia, una línea, una veladura, un volumen, textura, etc... pensando en los efectos pictóricos o en sus posibilidades expresivas. Es decir, al margen de su utilidad como reivindicación política o conceptual.

De ser considerado un arte menor en el pasado, en este siglo, lo textil está viviendo una edad dorada. Prueba de ello es la profusión de comunidades, talleres, cursos y artistas contemporáneos que abrazan técnicas y materiales vinculados con estas prácticas tan antiguas, que durante siglos estuvieron circunscritas a los ámbitos domésticos, de la artesanía y de las artes y oficios. Hasta hace pocos años solamente le interesaba a un grupo de entendidos, pero ahora atrae el interés de coleccionistas, decoradores, artistas, de personas interesadas por el hacer, museos, y galerías.

Sabemos que el procedimiento ha estrechado relaciones con el arte en diversos momentos a lo largo de nuestro pasado, es en los años 70 cuando se introduce en el arte mismo, como una forma de reivindicación y protesta de los roles femeninos que se les había asignado. Pero, una vez el arte contemporáneo ha asumido el procedimiento textil como una técnica apta para la producción artística, la manera en la que el artista de la primera década del siglo XXI se enfrenta a la técnica, puede ser -o no- diferente al contexto con el que lo hicieron en los 70 y 80. Hoy los artistas reinterpretan en lenguaje actual las técnicas textiles tradicionales, incluso con materiales no habituales, como papel, metal, desechos industriales para crear obras tan diversas, como tapices, esculturas, performances, instalaciones... Su versatilidad y vitalidad queda evidente en las diferentes muestras que se celebran cada año.

Entre las nuevas generaciones de artistas jóvenes observamos cómo, cada vez, con más frecuencia presenciemos obras artísticas en la que los procedimientos de la costura, el bordado, la tejeduría... conviven con las demás manifestaciones formales e incluso se entremezclan en busca de una nueva forma de expresión plástica. Ante este escenario, podría resultar interesante indagar porqué en una época en la que ocuparse de la casa y de

las labores no se considera sinónimo de éxito, los jóvenes artistas retoman una actividad tradicional y en base a ello, qué aporta al arte como medio de expresión

Por tanto, se puede deducir que este procedimiento ha tenido en las últimas décadas un desarrollo conceptual importante, de manera que las artistas, y los artistas, que lo utilizan y lo han utilizado, lo han hecho y lo hacen con distintas intenciones. Esta intencionalidad de su uso, es precisamente el argumento que se entrelaza en nuestra historia: articular voces de un presente construido y reconstruido desde y hacia un pasado; dedicada a mujeres familiares, con epígrafes que dan cuenta del acto de dar testimonio, de la voz y de la narración que, en ocasiones, ya no puede contar.

Coser, bordar, tejer, entelar... también es cosa de artistas, que abrazan estas prácticas para concebir obras que emocionan, conmueven y remueven, para abordar la cuestión de los procedimientos de la costura como una forma de hacer y crear, como estética y como poética.

En la poética del bordado, el acto del narrar lo propio se entrelaza con las genealogías femeninas, para poner en primer plano el rol de la mujer como encargada de la memoria privada y colectiva, de tejer y destejer los tiempos en busca de sentidos posibles. Dar a luz una historia, buscar el origen del relato y mediar para que éstos sigan el movimiento de lo oral. Resulta oportuno unir el plano lingüístico con el plano del objeto, para dar cuenta de la multiplicidad de redes significativas y la complejidad de los procesos sociales en torno al arte de tejer.

Recordemos que la palabra texto procede del latín *textus* que significa precisamente "tejido", "entramado". En latín, se usaba la palabra *textus* para referirse a una composición oral o escrita; en la misma época, la palabra se utilizaba también con el significado de tejido, con el tiempo la relación se ha oscurecido. Sin embargo, la analogía entre la palabra escrita y tejer es clara. Si la mente une morfemas y organiza palabras que ocuparán el lugar del concepto; las manos transforman las fibras en hilos, y los hilos en telas que tomarán la forma del cuerpo. Trama y urdimbre enlazada de innumerables e inimaginables maneras; en la que queda impregnada historia, herencia y vida. Si se prefiere, la piel social: indu-

mentaria simbólica, de sensibilidad, pertenencia e identificación a una comunidad.

Tejer y destejer, este contar eterno, ese fluir, o confluir, constante... Entre los africanos, cuando un narrador llega al final de un cuento, pone su palma en el suelo y dice: aquí dejo mi historia para que otro la lleve. Cada final es un comienzo, una historia que nace otra vez. Así se abrazan quien habla y quien escucha, en un juego que siempre recomienza y que tiene como principio conductor, el deseo de encontrarnos alguna vez completos en las palabras que leemos o escribimos, encontrar eso que somos y que con palabras se construye. (Andruetto, 2009, pp.19-20).

La poética de los hilos hilvanados

Había visto muchas de las piezas que iban llegando de diferentes lugares, tan distantes y a la vez tan cercanos. Los veía como pequeñas joyas, pero no alcanzaba a pensar en cómo se iba a organizar todo ello en una exposición. ¡Qué complicado! Pero, por fortuna, pude asistir en directo al modo en el que la instalación colectiva se iba gestando. Lo he disfrutado con admiración, con deleite, con sorpresa y viendo como las prisas desaparecían, dando paso a conversaciones, a la risa y al buen humor, en fin, a la idea que tengo de los talleres de costura donde las mujeres se sentaban e además de ir aprendiendo a hacer cosas, también realizaban todo tipo de trabajos, nudos, dobleces, el rigor en las secuencias de hilos entramados, la búsqueda de la unión entre cosas tan diversas,... Talleres como lugares de trabajo pero también de risas y confidencias. Mundos en femenino y espacios para aprender saberes y también para mirar el mundo, de forma grupal, compartiendo, una interpretación de lo social y de lo político.

Paseo por este improvisado taller, observo, escucho y me detengo por esta sucesión amable de historias cosidas, bordadas, tejidas... instaladas como una gran trama a través de la cual podemos contemplar pequeños y grandes detalles además de experimentar diferentes soluciones plásticas y pragmáticas de una gran cantidad de artistas, docentes, jóvenes... compañeras y compañeros de viaje a través de hilos de diferentes lugares.

Se trata de una exposición internacional de pequeños lienzos, collages textiles y bordados que narran historias y procesos de las personas que las intervienen. A través de los hilos, las lanas, las fibras se crean manchas de color que reflejan de manera espontánea los procesos de reflexión y aprendizaje, dejando que el color y la textura se manifiesten a través del conjunto.

La propuesta es la misma para todos los lugares, pero las respuestas son muy variadas en la medida que están conformadas por los diferentes contextos. Cada investigador o colectivo de los diferentes países que se han unido al proyecto, promoverá una acción con un grupo de personas interesadas en colaborar en la creación de una instalación participativa como acción activista, creando una narrativa personal que exprese, en un tejido, sus ideas y opiniones sobre la acción humana en el planeta Tierra.

Los proyectos que la integran plantean –utilizando diferentes materiales y técnicas textiles- cuestiones en torno a:

La Tierra como hogar, el cambio climático, el medioambiente, la sostenibilidad, la humanidad, experiencias colectivas, Tierra y Naturaleza, prácticas reflexivas, transformadoras y relacionales, impactos medioambientales, Contar historias a través del arte, Arte Comunitario, historia de su propio lugar, estudios etnográficos e iconográficos, estudios visuales sobre Amazonia, reciclaje, tejidos y ropa reflejan la vida, cartografía, bioarte: conexiones con el arte y la investigación, ciclos de vida, procesos sostenibles, técnica milenaria del Patchwork, el gesto y el gusto de tejer, uso de fibras obtenidas del arte antiguo, materiales reutilizables para describir cada región, problemas ambientales de nuestro territorio, bordados que exploran sentimientos, cómo nos sentimos en los espacios en los que vivimos, compartimos historias y experiencias vividas, fabricamos artefactos, documentamos nuestro viaje con teléfonos móviles, registramos historias individuales de las mujeres, documentar esperanzas, sueños y experiencias, realizar proyectos que tengan sentido para el grupo, intentos de limpieza, kit cartográfico textil para propagar ideas, ofrecer referentes artísticos y estrategias didácticas,

Somos creadores, somos prácticos y compartimos nuestras habilidades entre nosotros para que el aprendizaje sea inclusivo, siguiendo el ritmo de cada individuo y nos reímos mucho! (Grupo: HEXLappies, De Doorns, South Africa).

De este modo, cuando los espacios se llenan de telas, lanas, lienzos, tijeras, dedales mágicos, agujas, telares, cuerdas y otros artilugios se contagian de un gesto infantil, similar, probablemente, al que el pequeño Walter evocó frente al viejo costurero.

El resultado siempre es personal y diverso. Prácticamente no hay consignas sino presencia, acompañamiento ante los temas que a cada uno pudiera surgirle. El foco se pone en el proceso, en las reflexiones y cuestiones que se abren durante las horas de trabajo. Se pretende indagar, desde la práctica textil, los elementos que configuran un lenguaje propio de cada ser, para manifestar en la acción de manera natural, el uso del textil como un recurso plástico más, y estudiar el impacto de la realización artística con materiales y técnicas textiles como el bordado y el tejido en la calidad de vida de las personas. (APECV, Cartografías Textiles)

La propuesta como una forma de poética textil contemporánea propone cartografías participativas, donde cada intervención tiene un tratamiento colectivo. Se evoca entonces la idea de bordar en grupo como una actividad liberadora, y reivindicativa que rememora hechos ocurridos, para constituirse como memoria colectiva y social, trasgrediendo el orden de lo privado o íntimo. La reunión, como parte constitutiva del rito, del ritual, se recrea cada vez que las bordadoras se juntan. Y al hacerlo, se pone en práctica el traspaso de saberes, incorporan la memoria colectiva tanto del saber sobre lo textil, como en la conciencia del ser, en tanto ser colectivo, histórico y social capaz de interpretar y modificar su entorno.

Hay obras que surgen en colaboración con el azar, el instante, la materia... para continuar el diálogo con el paso del tiempo y el entorno. Hay trabajos donde las autoras y los autores dejan que la naturaleza intervenga en las obras creando nuevas historias. Pequeños lienzos o piezas de búsqueda estética que parten de la conexión que existe entre naturaleza, memoria, identidad, narrativa poética con la intención de repensar la realidad de nuestra sociedad como factor inherente a la propuesta. El registro de cada una de las búsquedas conlleva la obtención de un conjunto de fragmentos narrativos, materializados en diversos formatos y soportes, trayec-

tos y conexiones, encuentros... que conforman un discurso en formato de poema colectivo o mapa.

Huyendo de criterios estéticos y formas de hacer reiteradas, la propuesta de esta exposición surge del desarrollo de una actividad experimental donde lo textil es la parte fundamental del proceso de construcción de las obras que tienen como único condicionante el estar realizadas en cuadrados de tela de 10 x 10 cm. Los materiales son diversos, cada quien propone y trabaja de la manera que lo desee: incorporando telas, usando diversos tipos de madejas, hilos, botones, agujas, fotografías o escritura sobre el lienzo. Las madejas, los hilos de colores son la tinta, los elementos para trazar un camino, un modo de construir el hilo de la historia.

Con gran admiración participo en el momento en que con la finalidad de reunir todos los trabajos y hacerlos públicos para abrirlos como un libro al otro, el conjunto de las pequeñas piezas se adhieren a la trama de hilos recordándonos a un amplio telar para abordar poéticamente las relaciones entre espacio y las obras. Telas como lonas, evocadoras de velas de barcos o de alas de pájaro: son obras pequeñas pero expresivas, de estética constructiva y de una poética igualmente sutil e incluso aérea. Pero al final todas las piezas cobran tridimensionalidad sobre la pared, creando sombras y proporciones que convierten al total de la instalación en una gran escultura. Después, será el otro -los otros- los encargados de continuar tejiendo las tramas simbólicas, las historias, como una forma de habitar el presente de la obra en su conjunto y de cada uno de las notas singulares que la forman.

La tarea desarrollada activa diferentes puntos de conexión que permitan la deconstrucción de las fronteras artísticas clásicas para descubrir flujos de relación con lo contemporáneo. Esta conversación de hilos y colores es también un diálogo entre artesanía y arte, presentando tejidos, con una función estética y conceptual, a partir de materiales y técnicas que dan paso al protagonismo del proceso y la historia.

Las protagonistas –y los protagonistas- de las piezas que podemos contemplar en esta exposición trabajan como en un taller poético colectivo. Se esfuerzan por encontrar la íntima escritura femenina, con las herra-

mientas del viejo costurero. Y así, en cada pequeña pieza de 10 x10 cm extraen delicadamente de lo cotidiano y de lo sencillo, la materia para su reflexión creativa. Son como pequeñas conversaciones textiles, basadas en la percepción de los procedimientos de la costura como una forma de hacer y crear, como estética y como poética. Un sistema de construcción de sentido, hecha no sólo de hilo y agujas sino también de silencios, huecos que deben completarse en la interacción con el espectador, como un campo de dispersión de los significados ante el espectador, el cual construye posteriormente la obra a través de su interpretación. (Morant, 2005, p.179)

Son poéticas textiles que transitan entornos cotidianos, saberes compartidos y populares que nos vinculan de un modo ineludible a nuestra memoria personal y nos conecta con las tradiciones tanto del hacer como del pensar. Ese pensar que permite la reinención de nuevos horizontes y subjetividades, sin dejar de habitar lo contemporáneo. Poéticas que dan visibilidad al ejercicio de la costura como un territorio femenino, una estrategia de reivindicación política de la mano de las artistas feministas, y que incorporan nuevos cánones de producción para plantear apropiaciones singulares del territorio.

Tomando como referencia los escritos de Roland Barthes Sobre el grado cero de la escritura poética (1997), así como de la Obra Abierta de Umberto Eco, al trasladar la escritura poética a la práctica artística (1990), el procedimiento de la costura se convierte en algo similar a la palabra poética: su encuentro con el arte contemporáneo deja de tener un único sentido para tener múltiples sentidos, relaciones imposibles, aperturas, plásticas... El mensaje poético es para Eco la unión de elementos dispuestos de manera no común, en el que se produce una emoción incluso cuando el significado del mensaje no está inmediatamente claro. La práctica textil se convierte, entonces, en un aquí y ahora que se inventa, y se reinventa a sí misma, que conjuga el gesto de transitar desde la tradición y la memoria hasta su propio tiempo presente.

El lenguaje poético constituye pues, una especie de procedimiento mágico (...). (Plazaola, 2007)

Referencias bibliográficas

- Acuña Abalde, U. (2007). *Costureiro. Un fenómeno expresivo posmoderno: La metáfora multimedia como experiencia estética infantil. Tesis Doctoral, no publicada. Universidad de Granada. Facultad de Educación.*
- Andruetto, M. T. (2009). *Hacia una literatura sin adjetivos. Córdoba: Comunicarte, La ventana indiscreta.*
- Barthes, R. (1997). *Sobre el grado cero de la escritura. Siglo XXI Editores*
- Benjamin, W. (1982). *Infancia en Berlin hacia 1900. Traducción Klaus Wagner. Madrid. Ediciones Alfaguara S.A.*
- Eco, U. (1990). *Obra abierta. Ariel, 1990*
- Gagbenin, J. M. (2013). *A criança no limiar do labirinto. En: História e narração em Walter Benjamin. São Paulo. Perspectiva*
- Lanfranconi, A. (2017). *Walter Benjamin: infancia y politización. Tesis Doctoral, sin publicar. Universidad de Barcelona. Facultad de Filosofía.*
- Morant Artazkoz, E. (2005). *Entre el sentido y la forma. Diferentes realidades del Objeto. Tesis Doctoral, sin publicar. Departamento de Escultura. Universidad del País Vasco.*
- Plazaola, J. (2007). *Introducción a la estética. Universidad de Deusto*

O A V E S S O
D A C O S T U R A

LINHAS OCULTAS O AVESSO DA COSTURA

María Jesús Agra

Coordenadora C3.

Universidad de Santiago de Compostela USC

Espanha

Quando comecei a pensar em como começar a escrever este texto, não sabia por onde começar, várias ideias dispersas e díspares me ocorreram. Ainda agora não tenho certeza de como fazer, não me surpreende, porque quase sempre acontece a mesma coisa, nunca sei ou não quero saber como fazer e para onde vai levar o fluxo dos meus pensamentos.

Estou no meu espaço de trabalho, e na minha mesa tenho cadernos com anotações em sua maioria desconexas, textos sem critério de ordem aparente, mas são textos que gosto e com os quais me identifico, vejo minha caixa de carretéis de linha, com giz e um caixa com alfinetes, outra com agulhas, sobras de lã em bolinhas de cores e espessuras diferentes, fotografias de reproduções como evidência de evidência gráfica, informação visual ordenada e desordenada como as peças de um quebra-cabeça que contam uma história que convive com pincéis, telas, papéis, marcadores e palavras escritas. Computador, cabos, livros e fotocópias com divisórias codificadas por cores para conteúdos acordados no início mas não lembro exatamente o que indicam, de qualquer forma, acho que esse espaço poderia ser, como o de muitas pessoas dedicadas ao ensino, e as artes, pois tudo que me cerca me traz uma infinidade de coisas que enriquecem minha prática artística e educacional.

Meu olhar interior procura um fio para puxar, e paro na pasta Walter Benjamin Texts. Gosto de conversar com meus objetos, que me digam o que fazem, o que podem me sugerir ou me lembrar, ouvir seus silêncios, que me ativem a experimentar, a esquecer meus medos, a enfrentar novas dificuldades,... que falem comigo mesmo, porque muitas vezes me contando coisas em voz alta e compartilhando-as no meu fazer, mostram estratégias diferentes.

Quando penso, novamente, em Walter Benjamin me lembro de um texto autobiográfico sobre Infância em Berlim por volta de 1900. O original me fascinou, é todo manuscrito e com contribuições na margem, embora por estar em alemão não entendi nada, mas eu gostei de tudo! É estruturado em pequenos ensaios, e minha memória me leva a A caixa da costura (Der Nähkasten) e me coloco entre suas palavras, onde Walter Benjamin relaciona o gesto de costurar com o de desenhar, e o faz precisamente, a partir de sua experiência infantil. A infância está forjando seus próprios caminhos para questionar a ordem dada das coisas.

O pequeno Walter gostava de ver sua mãe sentada na janela com seu kit de costura. Mas ao contrário da Bela Adormecida, que acidentalmente se pica com um fuso que a faz dormir por 100 anos, ela se protegeu com um dedal, uma espécie de coroa que a transformou, para as crianças, em rainha.

Bem, gostávamos de pegar aquela pequena coroa que podíamos usar secretamente. [...] Nenhum outro tratamento poderia ter sido encontrado que, para mim, expressasse melhor a plenitude dos poderes de minha mãe. Como os autênticos tronos de soberanos, também o dele, junto com a caixa de costura, tinha jurisdição própria. E às vezes eu tinha que sofrer. (Benjamin, 1982, p. 113)

A mãe exercia seu poder de rainha arrumando as roupas do filho antes que ele fosse fazer compras ou visitar. Nesses momentos, a criança, dominada pelos acessórios da caixa de costura, se perguntava se o uso dos fios, agulhas e tesouras que estavam diante dele, era mesmo o de costura. A dúvida sobre a utilidade das coisas é reforçada principalmente pelos carretéis de linha. Assim como o dedal da mãe, os carretéis também estimulavam o desejo da criança de tocar a cavidade dos objetos:

Muito grande foi a tentação de não pressionar a ponta do dedo contra o centro da etiqueta, muito intensa a satisfação quando ela quebrou e senti pelo buraco abaixo (Benjamin, 1982, p. 115)

Além disso, se agulhas, tesouras e carretéis de linha estão dispostos na parte superior da caixa, na parte inferior há uma confusão de restos e sobras de materiais com os quais a criança não apenas construirá seu mundo, mas também reconciliará com ele e transformá-los em um universo próprio.

Porém, o que o pequeno Benjamin menos gosta é o lado direito do bordado, onde a costura é bem costurada, e o que ele mais gosta são os fios emaranhados nas costas, que dão ao desenho a aparência de um esboço:

Quanto mais cedo escurecia, mais frequentemente pedíamos a tesoura. Também passamos horas seguindo a agulha, da qual pendia preguiçosamente um grosso fio de lã. Bem, sem dizer, cada um de nós pegou coisas que poderiam ser cobertas - pratos de papel, limpadores de penas, capas - e neles regamos flores de acordo com o desenho. E como o papel cedeu lugar à agulha com um leve clique, cedi à tentação de me apaixonar pela treliça invertida que se confundia cada vez mais a cada ponto dado, com a qual, de frente, me aproximava da meta (Benjamin, 1982, p.116).

O que a caixa de costura esconde para causar essa marca profunda em Walter Benjamin?

No fragmento autobiográfico ao qual me referi anteriormente, é o próprio Benjamin quem nos descreve que todo objeto é um ato de ver, não apenas de olhar. Para continuar explicando detalhadamente e de forma bem visual como é esse objeto:

Además de las regiones superiores de la caja, donde estaban colocados los carretes, unos al lado de otros, donde relucian las libretas negras de las agujas y donde estaban las tijeras metidas cada una en su funda de cuero, había un fondo oscuro, el caos, donde predominaban los ovillos abiertos, trozos de elásticos, corchetes y corchetes y pedazos de seda. Entre tantos restos había también botones, algunos que jamás se vieron en ningún vestido... (Benjamin, 1982, p.116)

Claro que podemos nos perguntar se o espanto que o pequeno Walter sente diante daquela pequena e misteriosa caixa pode nos ajudar a entender algumas das questões que a arte têxtil contemporânea nos propõe.

Coloquemos a criança na situação do cronista. Vamos ver como ele vê, talvez até o que ele está olhando. Vamos descobrir com quem ele fala, para quem escreve, de que maneira lê. Vamos esboçar de que tempos ele se dota na solidão, que tempos ele vislumbra quando está junto com os outros. Como ele consegue desfazer sua classe de origem, ele tem muito destino. E digamos com ele o que lhe contaram que aconteceu de forma irremediável (Lanfranconi, 2017, p. 19)

A infância, explica Benjamin, é o lugar onde se guardam os vestígios de outros tempos enquanto se aceita o presente... para forjar seus próprios caminhos a partir dos

quais questionar a ordem das coisas. A infância é entendida, então, como um espaço de memória em que se encontram chaves essenciais para a construção do próprio universo criativo e experiencial, esta também tem sido uma paisagem recorrente na arte têxtil.

Posso contar minha biografia com os fios que enchem meu baú e continuo folheando os baús da casa dos meus pais todos os anos para redescobrir o fio da memória de minhas avós, com seus bordados e seus remendos. Eu sei que um dia meu baú vai parar nesses mesmos cofres e então serei também –já pago pelo dia– memória do fio. (Claudia De Santos, 2022)

Non me lembro quando segurei um fio pela primeira vez em minhas mãos. Quando eu era muito pequena costumava trançar juncos e fios, junto com minha mãe, frutos de roseiras ou flores de língua de boi ou chiribitas e fazíamos colares. Esses colares me ensinaram que com agulha e linha você pode, como nas histórias, transformar flores em joias ou que cintos de fadas podem ser feitos trançando juncos, explica Claudia De Santos, que aprendeu a tecer com a mãe. Tirado de <http://segoviaculturahabitada.es/segovia/claudia-de-santos-hila-arte-textil-y-poesia-en-su-exposicion-la-memoria-del-hilo-en-la-casa-de-la-lectura/>

Uxía Acuña (2007), conta-nos que a sua avó era costureira, uma daquelas com dedal, outra com um iman atado a um pedaço de lã para localizar alfinetes no chão, e outra com óculos na ponta fria do nariz. Ela e minha mãe pegaram o bonde e foram para Vigo. As vitrines eram talvez as únicas exposições urbanas junto com uma publicidade nascente e tímida, de peças intocáveis para bolsos que, embora perfeitamente costurados, estavam vazios para comprar revistas importadas do estado. Minha avó pegou seu caderno e desenhou os modelos daquelas roupas, protegidas pelo vidro grosso do capitalismo feroz (p. 12).

Ela conta ainda que os clientes de sua avó olhavam para esses esboços e ela, com linhas de corte e pontos estratégicos, os moldava de acordo com as ideias que surgiam, e cada modelo recebia o nome do cliente para o qual foi criado. Ela criou uma tendência, porque aí os vizinhos lhe pediram "saia A Carme de Fontes", um casaco "Shell A small"... ela não tinha moldes, disse que não tinha paciência para fazê-los, hoje acho que foi que ela gostava de colocar a tesoura nos tecidos, experimentar e inovar com cortes "imprevistos". Os modelos nunca foram os mesmos, acho que não queria que fossem iguais. Ninguém sabe, infelizmente, desses cadernos (Acuña, 2007, p. 12).

Alguns artistas contam histórias, como por exemplo, como ela se apaixonou pelo tecido do baú da avó com botões e retalhos de pano:

É um material muito versátil e próximo. Temos nas casas, veste-nos diariamente e tem muita história. E agora, através de corantes e fibras, falo do presente através de minhas próprias experiências passadas (Binimelis, 1978).

Quando eu era muito pequena comecei a fazer tricô e crochê com o trabalho da minha mãe”, conta outra. Sua criação é feita de travesseiros rasgados que sua mãe guardava em casa. O artista bordou diferentes formas em torno dos buracos para transmitir a ideia de fragilidade e a passagem do tempo: O tempo cria vazios e espaços para as pessoas que partem. Seu trabalho experimenta diversas formas e volumes de tecidos, como lençóis, guardanapos e toalhas de mesa de sua família. Maribel Binimelis (1978). Tirado de <https://elpais.com/espana/madrid/2021-09-27/el-arte-contemporaneo-textil-un-puente-que-conecta-el-presente-con-el-pasado.html>

Formas de abordar a infância que transcendem os limites da história pessoal, as memórias de cada pessoa em seu diário de viagem, a intersecção entre alguém, um momento, um lugar... uma intersecção entre os planos da história pessoal e da história social. Memória, identidade, narrativa poética, busca estética são alguns dos campos que essas manifestações introduzem no campo artístico. A história individual que se conecta com as tradições e redefine os laços sociais a partir dos quais a linguagem as torna possíveis. Recordar, recordar, são atos políticos que se manifestam no objeto que se tornou prática têxtil.

Nesse contexto, cada vez mais artistas estão introduzindo esse elemento em suas produções pelo desejo de retornar à sensorialidade que se perde com a euforia digital e a busca por novos materiais que enriqueçam a cultura (Claudia de Melo, 2021, extraído de <https://elpais.com/espana/madrid/2021-09-27/el-arte-contemporaneo-textil-un-puente-que-conecta-el-presente-con-el-pasado.html>)

Os consumidores despertaram o gosto pela qualidade, pelo artesanato e pelo compromisso com o meio ambiente. Estamos numa altura em que a moda aponta para um horizonte mais ético, pelo que não é de estranhar que haja um interesse crescente em voltar às origens: coser, reparar, bordar e também dar personalidade às peças de segunda mão através da pintura, bordado,

costura... As pessoas buscam uma conexão com lugares, culturas e que as compras tenham impacto social.

Histórias entrelaçadas

Esta conversa de fios e cores é também um passeio pelas histórias de vidas presentes e passadas. Um diálogo onde as peças têxteis criam com suas vozes um enquadramento com função estética e conceitual que redefine a produção de imagens e significados a partir de materiais e técnicas que dão lugar ao protagonismo do processo e da história. Uma vez que a arte assume o têxtil como procedimento, torna-se mais uma prática artística com qualidades poéticas, plásticas, simbólicas ou metafóricas; em todo caso, torna-se a metalinguagem da arte. Como um vocabulário capaz de produzir seus próprios códigos (gráficos, pictóricos, formais...), semelhantes aos utilizados nos diferentes gêneros artísticos, e capaz de trabalhar dentro dos parâmetros do chamado discurso poético.

Trata-se de juntar algumas ideias para enriquecer o conhecimento dos têxteis, da costura, do bordado... e sobretudo para estabelecer uma visão actual desta técnica. Além de mostrar como, hoje, o têxtil não alcançou apenas uma certa normalização como categoria artística. Se não, além disso, ainda vale tanto a partir de uma abordagem mais tradicional, em relação ao artesanato, quanto em sua atualização com a incorporação de novos materiais e tecnologias na arte.

São muitos os autores que se interessam pelo meio e pelos materiais têxteis como recurso, mas também observamos como o procedimento passou por uma série de etapas; de uma exploração conceitual, vingativa em seus primórdios; para um mais formalista, poético depois. O uso de têxteis, costura, bordado, tecelagem,... como recurso na obra de arte, até hoje, já constituiu um argumento sólido a ser analisado no campo das artes e da pesquisa.

Há várias questões a serem analisadas e esclarecidas neste campo onde se misturam a questão das mulheres, dos têxteis e o debate sobre arte e artesanato. O papel que a arte têxtil teve na arte do século XX, a sua ligação à mulher e o aumento gradual da sua presença, e as referências à sua própria memória histórica na arte actual.

A tecelagem, o bordado ou a costura sempre estiveram relacionados às mulheres como um trabalho quase natural para elas, ou pelo menos é assim que se apresenta. Também aparece como um ato ritual, íntimo e pessoal. Por outro lado, à medida que as mulheres entram no mundo da arte, seus próprios temas e técnicas são introduzidos. Não há dúvida de que existe uma relação entre a incorporação progressiva das mulheres na vida social, laboral, cultural, e em particular nas artes, e o aparecimento de materiais, meios e configurações ligados aos têxteis, de tal forma que pode ser considerar uma contribuição que as mulheres dão a um mundo de atividade que é tradicionalmente seu.

Neste caso encontramos o têxtil como material e técnica que, graças ao movimento artístico feminista, é plenamente introduzido na arte. Este tem sido objeto de discussão, pois, por muito tempo, foi considerado material pertencente às artes decorativas e não à arte. Um dos fatores dessa avaliação está relacionado ao fato de o têxtil ser um material ligado às mulheres. Justamente por isso, muitas artistas mulheres o utilizarão para reivindicar seus direitos como mulheres e como artistas, auxiliando assim sua aceitação ou uso comum em objetos artísticos.

As artistas criam esses tecidos como algo que os liga à memória coletiva feminina. Este é um ato de busca e conhecimento como gênero. Spinning surge como símbolo de uma viagem pela história que se interroga sobre o futuro. Simboliza o desejo de tecer, de criar uma trama, utilizando uma obra tipicamente feminina, onde ela possa viver sem deixar de ser ela mesma, nem a memória de sua obra ao longo da história.

Na arte de hoje, muitos elementos têxteis aparecem nas obras, materiais muito diversos, técnicas do passado e outras novas. Entre eles, a técnica milenar da tapeçaria e do bordado, que faz com que o fio que percorre o tecido nos lembre a pintura. Há também esculturas feitas com tecidos intervencionados para uso cotidiano: lençóis, camisas de linho e mantas... linha, um esmalte, um volume, textura, etc... pensando nos efeitos pictóricos ou em suas possibilidades expressivas. Ou seja, independentemente de sua utilidade como afirmação política ou conceitual.

De ser considerada uma arte menor no passado, neste século, os têxteis vivem uma idade de ouro. Prova disso é a profusão de comunidades, oficinas, cursos e artistas contemporâneos que abraçam técnicas e materiais ligados a essas práticas ancestrais, que durante séculos ficaram confinadas à esfera doméstica, artesanato e artesanato. Até alguns anos atrás só interessava a um grupo de conhecedores, mas agora atrai o interesse de colecionadores, decoradores, artistas, interessados em fazer, museus e galerias.

Sabemos que o procedimento fortaleceu as relações com a arte em vários momentos ao longo de nosso passado, é na década de 70 quando é introduzido na própria arte, como forma de reivindicação e protesto dos papéis femininos que lhes foram atribuídos. Mas, uma vez que a arte contemporânea assumiu o procedimento têxtil como técnica adequada à produção artística, a forma como o artista da primeira década do século XXI lida com a técnica pode ser -ou não- diferente do contexto com o qual o fez. nos anos 70 e 80. Hoje os artistas reinterpretam as técnicas têxteis tradicionais na linguagem actual, mesmo com materiais inusitados, como papel, metal, resíduos industriais para criar obras tão diversas como tapeçarias, esculturas, performances, instalações... Sua versatilidade e vitalidade é evidente nas diferentes exposições que são realizadas a cada ano.

Entre as novas gerações de jovens artistas observamos como, cada vez mais frequentemente, presenciamos trabalhos artísticos em que os procedimentos de costura, bordado, tecelagem... convivem com outras manifestações formais e até se misturam em busca de uma nova forma. . Diante desse cenário, pode ser interessante investigar por que, em um momento em que cuidar da casa e dos afazeres não é considerado sinônimo de sucesso, jovens artistas retomam uma atividade tradicional e com base nisso, o que contribui para a arte como meio de expressão.

Portanto, pode-se deduzir que esse procedimento teve um importante desenvolvimento conceitual nas últimas décadas, de modo que os artistas, e os artistas que o utilizam e o utilizaram, o fizeram e o fazem com diferentes intenções. Essa intencionalidade de seu uso é justamente o argumento que se entrelaça em nossa história: arti-

cular vozes de um presente construído e reconstruído a partir de e para um passado; dedicado a mulheres familiares, com epígrafes que dão conta do acto de depor, da voz e da narração que, por vezes, já não se pode contar.

Costurar, bordar, tecer, tecido... também é coisa para artistas, que abraçam essas práticas para conceber trabalhos que emocionam, emocionam e emocionam, para abordar a questão dos procedimentos de costura como forma de fazer e criar, como estética e como poético.

Na poesia do bordado, o ato de narrar o próprio se entrelaça com as genealogias femininas, para trazer à tona o papel da mulher como responsável pela memória privada e coletiva, de tecer e desfilar tempos em busca de sentidos possíveis. Dar à luz uma história, buscar a origem da história e mediar para que sigam o movimento do oral. É oportuno unir o plano linguístico com o plano do objeto, para dar conta da multiplicidade de redes significativas e da complexidade dos processos sociais em torno da arte da tecelagem.

Recordemos que a palavra texto vem do latim *textus* que significa precisamente "tecido", "quadro". Em latim, a palavra *textus* era usada para se referir a uma composição oral ou escrita; Ao mesmo tempo, a palavra também foi usada com o significado de tecelagem, com o passar do tempo a relação tornou-se obscura. No entanto, a analogia entre a palavra escrita e a tecelagem é clara. Se a mente une morfemas e organiza palavras que tomarão o lugar do conceito; as mãos transformam as fibras em fios e os fios em tecidos que tomarão a forma do corpo. Trama e urdidura ligados de inúmeras e inimagináveis maneiras; em que a história, o patrimônio e a vida estão impregnados. Se preferir, a pele social: vestimenta simbólica, de sensibilidade, pertencimento e identificação a uma comunidade.

Tecendo e desfazendo, essa narrativa eterna, esse fluxo ou confluência constante... Entre os africanos, quando um narrador chega ao fim de uma história, ele põe a palma da mão no chão e diz: aqui deixo minha história para outro levar. Todo final é um começo, uma história que nasce de novo. É assim que o falante e o ouvinte se abraçam, em um jogo que sempre recomeça e cujo fio condutor é o desejo de nos encontrarmos uma vez completos nas palavras que lemos ou escrevemos, encontrar

o que somos e o que se constrói com palavras. (Andruetto, 2009, pp.19-20).

A passagem da palavra de palma em palma, de boca em boca, está intimamente relacionada à figura do criador, o artista, aquele capaz de reconhecer o uso mágico da linguagem.

A poética dos fios de alinhavo

Ele tinha visto muitas das peças que chegavam de lugares diferentes, tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos. Eu os via como pequenas joias, mas não imaginava como tudo isso seria organizado em uma exposição. Que complicado! Mas, felizmente, pude presenciar ao vivo a forma como a instalação coletiva foi tomando forma. Apreciei com admiração, com deleite, com surpresa e vendo como a correria desaparecia, dando lugar a conversas, risos e bom humor, enfim, à ideia que tenho de oficinas de costura onde as mulheres sentavam e fazer coisas, fizeram também todo o tipo de trabalhos, nós, dobramos, o rigor nas sequências dos fios entrelaçados, a procura da união entre coisas tão diversas... Oficinas como locais de trabalho mas também locais de risos e confidências. Mundos femininos e espaços para aprender conhecimentos e também para olhar o mundo, de forma grupal, compartilhando uma interpretação do social e do político.

Percorro esta oficina improvisada, observo, escuto e paro nesta sucessão amigável de histórias costuradas, bordadas, tecidas... de um grande número de artistas, professores, jovens... companheiros de viagem através de fios de diferentes lugares.

É uma exposição internacional de pequenas telas, colagens têxteis e bordados que narram as histórias e processos das pessoas que nelas intervêm. Através dos fios, cria-se a lã, as fibras, manchas de cor que refletem espontaneamente os processos de reflexão e aprendizagem, deixando a cor e a textura se manifestarem no todo.

A proposta é a mesma para todos os lugares, mas as respostas são muito variadas na medida em que são moldadas pelos diferentes contextos. Cada investigador ou grupo dos diferentes países que aderiram ao projeto promoverá uma ação com um grupo de pessoas interes-

sadas em colaborar na criação de uma instalação participativa como ação ativista, criando uma narrativa pessoal que expresse, num tecido, as suas ideias ... E opiniões sobre a ação humana no planeta Terra.

Os projetos que o compõem colocam -usando diferentes materiais e técnicas têxteis- questões em torno de:

A Terra como casa, mudanças climáticas, meio ambiente, sustentabilidade, humanidade, experiências coletivas, Terra e Natureza, práticas reflexivas, transformadoras e relacionais, impactos ambientais, Contar histórias através da arte, Arte Comunitária, história do próprio lugar, etnográfica e iconográfica estudos, estudos visuais sobre a Amazônia, reciclagem, tecidos e roupas refletem a vida, cartografia, bioarte: conexões com arte e pesquisa, ciclos de vida, processos sustentáveis, técnica milenar do Patchwork, gesto e gosto da tecelagem, uso de fibras obtidas da arte milenar, materiais reutilizáveis para descrever cada região, problemas ambientais de nosso território, bordados que exploram sentimentos, como nos sentimos nos espaços em que vivemos, compartilhamos histórias e experiências vividas, fazemos artefatos, documentamos nossa jornada com celulares, registramos histórias individuais das mulheres, documentar r esperanças, sonhos e experiências, realizar projetos que façam sentido para o grupo, tentativas de limpeza, kit cartográfico têxtil para difundir ideias, oferecer referências artísticas e estratégias didáticas,

¡Somos criadores, somos práticos e compartilhamos nossas habilidades uns com os outros para que o aprendizado seja inclusivo, acompanhando o ritmo de cada indivíduo e rimos muito! (Grupo: HEXLappies, De Doorns, África do Sul).

Assim, quando os espaços são preenchidos com tecidos, lãs, telas, tesouras, dedais mágicos, agulhas, teares, cordas e outros apetrechos, contagiam-se com um gesto infantil, semelhante, provavelmente, ao que o pequeno Walter evocou em frente da antiga caixa de costura.

O resultado é sempre pessoal e diversificado. Praticamente não há slogans, mas presença, acompanhamento diante das questões que cada um possa surgir. O foco está no processo, nas reflexões e questionamentos que surgem durante o expediente. Pretende-se investigar, a partir da prática têxtil, os elementos que compõem uma linguagem de cada ser, manifestar em ação de forma natural, o uso do têxtil como mais um recurso plástico, e estudar o impacto da realização artística com materiais e técnicas têxteis como bordados e tecelagens na qualidade de vida das pessoas. (APECV, Cartografias Têxteis).

A proposta como forma de poesia têxtil contemporânea propõe cartografias participativas, onde cada intervenção tem um tratamento coletivo. A ideia de bordar em grupo é então evocada como uma atividade libertadora e vingativa que relembra acontecimentos ocorridos, para constituir-se como memória coletiva e social, transgredindo a ordem do privado ou do íntimo. O encontro, como parte constitutiva do rito, do ritual, é recreado cada vez que as bordadeiras se reúnem. E ao fazê-lo, a transferência de conhecimento é colocada em prática, eles incorporam a memória coletiva tanto do conhecimento sobre os têxteis, quanto na consciência de ser, como um ser coletivo, histórico e social capaz de interpretar e modificar seu ambiente.

Há trabalhos que surgem em colaboração com o acaso, o momento, a matéria... para continuar o diálogo com a passagem do tempo e do ambiente. Há obras em que os autores e os autores deixam a natureza intervir nas obras criando novas histórias. Pequenas telas ou peças de pesquisa estética que partem da conexão que existe entre natureza, memória, identidade, narrativa poética com a intenção de repensar a realidade de nossa sociedade como fator inerente à proposta. O registro de cada uma das buscas implica a obtenção de um conjunto de fragmentos narrativos, materializados em diversos formatos e mídias, caminhos e conexões, encontros... que compõem um discurso em forma de poema ou mapa coletivo.

Fugindo de critérios estéticos e modos repetidos de fazer, a proposta desta exposição surge do desenvolvimento de uma atividade experimental onde o têxtil é a parte fundamental do processo de construção das obras cuja única condição é que sejam feitas em quadrados de tecido de 10 x 10 cm Os materiais são diversos, cada um propõe e trabalha como quer: incorporando tecidos, usando vários tipos de meadas, fios, botões, agulhas, fotografias ou escrevendo na tela. As meadas, os fios coloridos são a tinta, os elementos para traçar um caminho, uma forma de construir o fio da história.

Com grande admiração participo do momento em que, para reunir todas as obras e torná-las públicas para abri-las como um livro a outro, o conjunto de pequenas peças aderem à trama de fios lembrando-nos um amplo

tear para poeticamente abordar as relações entre o espaço e as obras. Tecidos como telas, que lembram velas de barco ou asas de pássaros: são obras pequenas, mas expressivas, com uma estética construtiva e uma poética igualmente sutil e até aérea. Mas, no final, todas as peças ganham tridimensionalidade na parede, criando sombras e proporções que transformam toda a instalação em uma grande escultura. Mais tarde, serão os outros - os outros - os encarregados de continuar a tecer as tramas simbólicas, as histórias, como forma de habitar o presente da obra como um todo e de cada uma das notas singulares que a formam.

A tarefa desenvolvida ativa diferentes pontos de conexão que permitem a desconstrução de fronteiras artísticas clássicas para descobrir fluxos de relação com o contemporâneo. Essa conversa de fios e cores é também um diálogo entre artesanato e arte, apresentando tecidos, com função estética e conceitual, baseados em materiais e técnicas que dão lugar ao protagonismo do processo e da história.

Os protagonistas das peças que podemos contemplar nesta exposição trabalham como numa oficina poética coletiva. Eles se esforçam para encontrar a escrita feminina íntima, com as ferramentas da velha costureira. E assim, em cada pequena peça de 10 x 10 cm, extraem delicadamente do cotidiano e do simples, o material para a sua reflexão criativa. São como pequenas conversas têxteis, baseadas na percepção dos procedimentos de costura como forma de fazer e criar, como estética e poética. Um sistema de construção de sentido, feito não só de linhas e agulhas, mas também de silêncios, lacunas que devem ser preenchidas na interação com o espectador, como campo de dispersão de significados diante do espectador, que posteriormente constrói a obra por meio de sua interpretação. (Morant, 2005, p.179)

São poéticas têxteis que transitam em ambientes cotidianos, saberes compartilhados e populares que nos ligam de forma incontornável à nossa memória pessoal e nos conectam com as tradições do fazer e do pensar. Aquele pensamento que permite a reinvenção de novos horizontes e subjetividades, sem deixar de habitar o contemporâneo. Poéticas que dão visibilidade ao exercício da costura como território feminino, estratégia de reinvin-

dicação política pela mão de artistas feministas, e que incorporam novos cânones de produção para propor apropriações singulares do território.

Tomando como referência os escritos de Roland Barthes Sobre o Grau Zero da Escrita Poética (1997), bem como a Obra Aberta de Umberto Eco, ao transferir a escrita poética para a prática artística (1990), o procedimento de costura torna-se algo semelhante à palavra poética: seu encontro com a arte contemporânea deixa de ter um significado único para ter múltiplos significados, relações impossíveis, aberturas, plásticas... A mensagem poética é para Eco a união de elementos dispostos de forma inusitada, na qual se produz uma emoção mesmo quando o significado da mensagem não é imediatamente claro. A prática têxtil torna-se, então, num aqui e agora que se inventa, e se reinventa, que combina o gesto de passar da tradição e da memória ao seu próprio tempo presente.

A linguagem poética é assim uma espécie de procedimento mágico (...). (Plazaola, 2007)

Referencias bibliográficas

- Acuña Abalde, U. (2007). *Costureiro. Un fenómeno expresivo posmoderno: La metáfora multimedia como experiencia estética infantil. Tesis Doctoral, no publicada. Universidad de Granada. Facultad de Educación.*
- Andruetto, M. T. (2009). *Hacia una literatura sin adjetivos. Córdoba: Comunicarte, La ventana indiscreta.*
- Barthes, R. (1997). *Sobre el grado cero de la escritura. Siglo XXI Editores*
- Benjamin, W. (1982). *Infancia en Berlin hacia 1900. Traducción Klaus Wagner. Madrid. Ediciones Alfaguara S.A.*
- Eco, U. (1990). *Obra abierta. Ariel, 1990*
- Gagbenin, J. M. (2013). *A criança no limiar do labirinto. En: História e narração em Walter Benjamin. São Paulo. Perspectiva*
- Lanfranconi, A. (2017). *Walter Benjamin: infancia y politización. Tesis Doctoral, sin publicar. Universidad de Barcelona. Facultad de Filosofía.*
- Morant Artazkoz, E. (2005). *Entre el sentido y la forma. Diferentes realidades del Objeto. Tesis Doctoral, sin publicar. Departamento de Escultura. Universidad del País Vasco.*
- Plazaola, J. (2007). *Introducción a la estética. Universidad de Deusto*

THE REVERSE
SIDE OF
SEWING

HIDDEN THREADS THE REVERSE SIDE OF THE SEWING

María Jesús Agra

Coordinator of C3.

University of Santiago de Compostela USC
Spain

When I started thinking about how to initiate this text, I didn't know how to begin; I had many different and even disparate ideas about this subject. What isn't surprising for me, because the same thing almost always happens to me, I never know or perhaps I don't want to know how should I begin my writings and where the flow of my thoughts will take me.

I am in my work space, and on my table I have notebooks with unconnected notes, texts with no apparent criterion of order, but texts that I like and with which I identify; I see my box of thread spools with a chalk, a box with pins, another with needles, wool leftovers in small balls of different colors and thickness, photographs of reproductions as evidence of graphic proof, visual information that is ordered and disordered like the pieces of a puzzle that tell us a story that coexists with brushes, canvases, papers, markers and written words. Computer, cables, books and photocopies with color-coded dividers but of which I don't remember exactly the code I have given them. Anyway, I think this space could be, similar to that of many people dedicated to teaching, to the arts, because everything that surrounds me brings me infinity of ideas that enrich my artistic and educational practice.

My mind searches for a thread to pull, and stops at the Walter Benjamin texts folder. I like to talk with my surrounding objects. I want they tell me what they do, what they can suggest or remind me. I wish listen to their silence. I want them to make me experiment, forget my fears, face new difficulties,... talk to myself loudly, because very often when doing this different strategies are shown to me.

When I think, again, of Walter Benjamin, I remember an autobiographical text on his Childhood in Berlin around 1900. The original writing fascinated me, it is completely handwritten and with notes in the margin. As it was written in German, I could not understand a word, but I loved the whole text! It is structured in small essays, and my memory takes me to The sewing box (Der Nähkasten) and I place myself between its words, where Walter Benjamin relates the gesture of sewing with that of drawing, and he does it precisely, from his childhood experience. Childhood traces its own paths from which we can question the given order of things.

Little Walter liked to watch his mother sitting by the window with her sewing box. But unlike Sleeping Beauty, who accidentally pricks herself with a spindle that makes her sleep for 100 years, she protected herself with a thimble, a kind of small crown that transformed her, into a queen for children.

Well, we liked to get hold of that little crown that we could secretly wear. [...] for me. No other treatment could have been found that, better expressed the fulfillment of my mother's powers. Like authentic thrones of sovereigns, hers too, along with the sewing box, had his own rules. And sometimes I had to suffer them. (Benjamin, 1982, p. 113).

His mother exercised her queenly power by fixing her son's clothes before he went shopping or visiting. In those moments, the child, dominated by the sewing box accessories, wondered the threads, needles and scissors that were in front of him, were really to be used for sewing. The doubt about the usefulness of those things was reinforced mainly by the thread spools. Like the mother's thimble, the spools also stimulated the child's desire to touch the cavity of those objects:

The temptation was too great not to press the tip of his finger against the center of the label, the satisfaction too intense when it broke and he could feel the hole under it (Benjamin, 1982, p. 115).

In addition, if needles, scissors and thread spools are arranged in the upper part of the box, underneath there is a confused mix of remnants and leftover materials with which the child will not only build his world, but also he will be reconciled with it and he will transform them into his own universe.

Although, what little Benjamin likes least is the right side of the embroidery where the seam is well sewn, and what he likes the most are the tangled threads on the back, which give the drawing the appearance of a sketch:

The earlier it got dark, the more often we asked for scissors. Then we too spent hours following the needle, from which a thick woolen thread dangled idly. Well, without saying so, each of us took things that could be covered – paper dishes, feather cleaners,...- and on them we basted flowers according to the design. And as the paper gave way to the needle with a light click, I succumbed to the temptation to fall in love with the reversed latticework that became more and more confused with each new stitch, with what, head-on, I got closer to my target (Benjamin, 1982, p.116).

What does the sewing box hide to provoke this deep imprint on Walter Benjamin?

In the autobiographical fragment to which I have referred to above, it is Benjamin himself who describes to us that every object is an act of seeing, not just looking. To continue explaining what that object is like in great detail and in a very visual way:

In addition to the upper of the box, where the spools were placed side by side, where the black booklets of the needles gleamed, and where the scissors were each tucked into their leather sheaths, there was a dark background, the chaos, where open yarn balls, pieces of elastic, hooks and eyes and pieces of silk predominated. Among so many remains there were also buttons, some that could never be seen on any dress... (Benjamin, 1982, p.116).

Of course, we can ask ourselves, if the astonishment that little Walter feels before that small, mysterious box, can help us to understand some of the questions that contemporary textile art proposes to us.

Let us put the child in the situation of the chronicler. Let's see how he sees, maybe even what he's looking at. Let's find out who he talks to, who he writes for, in what ways he reads. Let's outline what time lapses he is in solitude, what time he spends together with others. How he manages to undo his origin class, that is closely related very to his destiny. And let's digest with him what he was told that it had happened in an irremediable way (Lanfranconi, 2017, p. 19)

Childhood, explains Benjamin, is the place where the traces of past times are kept while the present is accepted... to make its own paths from which to question

the order of things. Childhood is understood, then, as a space of memory in which essential keys are found for the construction of the creative and experiential own universo. This has also been a apellant landscape in textile art.

I can tell my biography with the threads that fill my trunk and I continue having a look at the chests of my parents' house every year to rediscover the thread of the memory of my grandmothers, with their embroidery and their patches. I know that one day my trunk will end up in those same chests and then I too will be –already at the end of my life– memory of the thread. (Claudia De Santos, 2022)

I don't remember when I first held a thread in my hands. As a very young girl, I used to plait reads and thread, together with my mother, rosehips fruits or flowers of ox tongue or daisies...it and then we make necklaces. Those necklaces taught me that with a needle and a thread you can, like in stories, turn flowers into jewels or that fairy belts could be made by plaiting reeds, explains Claudia De Santos, who learned to weave with her mother. Extracted from the: <http://segoviaculturahabitada.es/segovia/claudia-de-santos-hila-arte-textil-y-poesia-en-su-exposicion-la-memoria-del-hilo-en-la-casa-de-la-lectura/>

Uxía Acuña (2007), tells us that her grandmother was a seamstress, one of those with a thimble, one with a magnet tied to a wool yarn to locate pins on the ground, and one with glasses on the cold tip of her nose. She and my mother got on the tram and went to Vigo. The shop windows were perhaps the only urban fashion exhibitions along with a new and timid advertising, of forbideb garments for pockets that, although perfectly sewn, were empty to buy magazines imported from the state. My grandmother, took her notebook and drew the models of those clothes, protected by the thick glass of the ferocious capitalism (p. 12).

She also tells us that her grandmother's clients looked at those sketches and she, with cutting lines and strategic points, molded them according to the ideas that arisen, and each model was given the name of the client for whom it was created. She created new trends, because then her female neighbors asked her for "A Carme de Fontes skirt", a "Concha a pequena" coat... she didn't have patterns, she said she didn't have the patience to make them, nowadays I think that to cut out fabrics with scissors, experiment and innovate with "unforeseen" cuts was what she liked. The designs were never the same, I don't think she wanted them to be the same. Nobody knows, unfortunately, about those notebooks (Acuña, 2007, p. 12).

Some artists tell stories; one tell us how she fell in love with the fabric of her grandmother's trunk with buttons and scraps of cloth:

It is a very versatile and close material. We have it at our homes, it dresses us daily and has a lot of history. And now, using

dyes and fibers, I speak of the present time through my own past experiences (Binimelis, 1978).

When I was very little I started knitting and crocheting with the remnants of my mother's work", says another. Her creation is made from torn pillows her mother kept at home. The artist has embroidered different shapes around the holes in order to convey the idea of fragility and the passage of time: Time creates voids and spaces of people who leave for good. Her work experiments with various shapes and volumes of different fabrics, such as sheets, napkins and tablecloths from her family. Maribel Binimelis (1978), extracted from the: <https://elpais.com/espana/madrid/2021-09-27/el-arte-contemporaneo-textil-un-puente-que-conecta-el-presente-con-el-pasado.html>

Ways of approaching childhood that transcend the limits of personal history, memories of each person in their travel diary, the meeting of somebody, with a moment, a place... an intersection between the planes of the personal and social history. Memory, identity, poetic narrative, aesthetic search are some of the fields that these outcomes introduce in the artistic field. The individual history that connects with traditions and redefines the social ties from which language makes them be possible. Remembering, recalling; are political acts that are showed in the object that is the product of textile practice.

In this context, more and more artists are introducing this element into their productions because of their desire to return to the sensoriality lost by digital euphoria and to the search for new materials that enrich culture (Claudia de Melo, 2021, taken from <https://elpais.com/espana/madrid/2021-09-27/el-arte-contemporaneo-textil-un-puente-que-conecta-el-presente-con-el-pasado.html>)

Consumers have awakened a taste for quality, and craftsmanship environmental commitment. We are at a time when fashion is looking towards a more ethical horizon, therefore, it is not surprising to find a growing interest in going back to the origins: sewing, repairing, embroidering and also filling second-hand garments with personality by means of painting, embroidering, sewing... People are looking for a connection with places, cultures and for purchases that have a social impact.

Intertwining stories

This conversation of threads and colors is also a walk through the stories of present and past lives. A dialogue where the textile pieces with their own voices create a

framework with an aesthetic and conceptual function redefining the production of images and meanings from materials and techniques that give way to the process and history protagonism. Once art assumes the textile as a procedure, it becomes one more artistic practice with poetic, plastic, symbolic or metaphorical qualities; in any case, it becomes the art metalanguage, a vocabulary capable of producing its own codes (graphic, pictorial, formal...), similar to those used in the different artistic genres, and capable of working within the parameters of the so-called poetic discourse.

It is about stringing together some ideas to enrich our knowledge of textiles, sewing, embroidery... and above all to establish a current vision of this technique. In addition it is about showing how, today, the textile has not only achieved a certain normalization as an artistic category, but, moreover, it is still as valid from a more traditional approach, in relation to craftsmanship, as in its updating with the incorporation of new materials and technologies in art.

There are many authors who have shown interest in the textile world and materials as a resource, but we also observe how the procedure has gone through a series of stages; from an exploration which was conceptual; even vindictive in its beginnings, to a more formalist, poetic. Currently, the use of textiles, sewing, embroidery, weaving,... as a resource in the work of art, is already a solid argument to be analyzed in the field of arts and research.

There are several issues to be analyzed and clarified in this field where the subject about women, textiles and the debate on art and crafts are mixed up. And the role that textile art has had in the 20th century art, its link to women artists and the gradual increased presence, and the references to their own historical memory within current art.

Weaving, embroidering or sewing have always been related to women as an almost natural job for them, or at least that is how it has been presented. It also appears as a ritual, intimate and personal action: Furthermore, as women entered the art world, their own subjects and techniques are introduced in it. There is no doubt that there is a close relationship between the progressive incorporation of women into social, work, cultural life, and

specifically into the arts, and the appearance of materials, means and configurations linked to textiles. In such a way that it can be considered a contribution that women make from a world of activity that was traditionally theirs.

In this case we find the textile considered both as a material and technique that, is fully introduced into art, thanks to the feminist artistic movement. For a long time, this has been a subject of discussion since textiles have been it has been considered as works which belonged to decorative arts rather than art. One of the issues of this assessment is related to the fact that textiles are materials linked to women. Precisely for this reason, many women artists will use them to claim their rights as women and as artists, thus helping them to be accepted or to be of common use in artistic objects.

Women artists create these fabrics as something that links themselves to the female collective memory. This is an act of search and knowledge as a genre. Spinning appears as a symbol of a journey through history that wonders about the future. It symbolizes the desire to weave, create a weft using a typically feminine work, where the artist can live without ceasing to be herself, nor the memory of her work throughout history.

In today's art, many textile elements appear in the art works, very diverse materials, techniques, some from the past and some new. Among them, the thousand-year-old technique of tapestry and embroidery, in which the thread that runs through the fabric remind us of painting. There are also sculptures made with interwoven textiles of daily use: sheets, linen shirts, blankets... Sewing is used with expressive freedom, exploring and exploiting its plastic possibilities, in the same way that it would be done with dripping, transparencies, lines, veils, volumes, textures, etc... thinking about its pictorial effects or its expressive possibilities. That is, textile art regardless of its usefulness as a political or conceptual claim.

Before having been considered a minor art in the past, in the present century, textiles are experiencing a golden age. Proof of this is the profusion of communities, workshops, courses and contemporary artists who embrace techniques and materials linked to these ancient practices, which for centuries were confined to the domestic sphere of crafts. Until very recently it was only of inter-

est to a group of connoisseurs, but now it attracts the interest of collectors, decorators, artists, people interested, museums, and galleries.

We know that the procedure has strengthened its links with art many times in the past. However, it is in the 70s when it finds his way into art, as a form of vindication and protest of the female roles that had been assigned to women. But, once contemporary art has assumed the textile practice as a technique suitable for art production, the way in which artists of the first decade of the 21st century deals with this technique may be -or not- different from the context with which they handled it in the 70s and 80s. Today, artists reinterpret traditional textile techniques in current language, even with unusual materials, such as paper, metal, industrial waste to create works as diverse as tapestries, sculptures, performances, installations... Its versatility and vitality are evident in the many exhibitions that are held each year.

Among the new generations of young artists, we observe how, more and more frequently, we witness artistic works in which practices of sewing, embroidery, weaving... co-exist with other formal manifestations and even intermingle looking for a new way of plastic expression. Given this scenario, it could be interesting to investigate why, at a time when taking care of the home and house work were not considered synonymous with success, young artists take up again a traditional activity and based on this, how does art add as a means of expression.

Therefore, it can be deduced that this procedure has had an important conceptual development in recent decades, so that female, and male artists, who use it and have used it, have done it and do it with distinct intentions. The intentionality of its use is precisely the argument that is intertwined in our history: articulating voices of a built and reconstructed present from and towards a past; voices of familiar women, that give an account of the act of giving testimony, of the voice and of the narration that, on occasions, she can no longer tell.

Sewing, embroidery, covering with fabrics... are also something for artists, who use these practices to conceive works that excite, move and stir us; to deal with the issue of sewing as an aesthetic and as poetic way of doing and creating.

In the poetry of embroidery, the act of narrating one's own is intertwined with female genealogies, bringing to the fore the role of women as those who are in charge of private and collective memory, of weaving and unweaving times in search of possible meanings.

Giving birth to a story, searching for the origin of the narration and mediating so that they could follow the oral movement. It is suitable to link the linguistic phase with the objects, to explain account for the multiplicity of significant networks and the complexity of the social processes around the art of weaving.

Let us remember that the word text comes from the Latin "textus" which means precisely "fabric", "weave". In Latin, the word "textus" was used to refer to an oral or written composition; At the same historical time, the word was also used with the meaning of weaving. However as time went by the relationship has been weakening. Nevertheless, the analogy between the written word and weaving is clear. If our mind combines morphemes organizing words that will take the place of the concept; the hands transform the fibers into threads, and the threads into fabrics that will take the shape of the body. Weft and warp linked in innumerable and unimaginable ways; in which they are impregnated by history, heritage and life. If you prefer, our social skin: symbolic and sensitive clothing, that shows to belong and identify to a community.

Weaving and unweaving, this eternal story, that constant flowing or confluencing... Among Africans, when a narrator reaches the end of a story, he puts his palm on the ground and says: here I leave my story for someone else to tell. Every ending is a beginning, a story that is born again. This is how the speaker and the listener are linked, in a game that always begins again and whose guiding principle is the desire to find ourselves we are completed in the words we read or write, to discover what we are and by which words we are built. (An-druetto, 2009, pp.19-20).

The poetics of the basting threads

I had seen many of the pieces that were arriving from different places, so distant and at the same time so close. I saw them as little jewels, but I couldn't think how

they were going to be organized in an exhibition. How complicated! But, fortunately, I was able to witness live the way in which the collective installation was taking shape. I have enjoyed it with admiration, with delight, with surprise and observing how rushes disappeared, giving way to conversations, laughter and good humor, in short, to the idea I have of sewing workshops where women sat and In addition to learning how to sew, they also did all kinds of work, knots, folds; and learned the precision of the sequences of interwoven threads, the search for the union between such diverse things,... Workshops as places of work but also places of laughter and confidences. Feminine worlds and spaces to learn knowledges and also to look at the world, as a group, sharing their interpretation of social and political environment.

I walk through this improvised workshop, I observe, listen and stop by this friendly succession of sewn, embroidered, woven stories... installed as a great plot through which we can contemplate small and large details as well as experience different plastic and pragmatic solutions of a large number of artists, teachers, young people... female and male travelling companions through threads from many places.

It is an international exhibition of small canvases, textile collages and embroidery works that narrate the stories and processes of the people who had an active part in them. With the threads, the wool, or the fiber yarns, spots of color are created spontaneously reflecting the processes of meditation and learning, letting the color and texture to be shown through the whole display.

The proposal is the same for all places, but answers are very varied because they are shaped by different contexts. Every researcher or group from the different countries who have joined the Project, will promote an action with a group of people interested in collaborating to create a participatory installation as an activist action, creating a personal narrative that expresses, in a fabric, their ideas, opinions about human actions on our planet, the Earth.

The projects that make up it up pose -using different materials and textile techniques- questions about:

The Earth as a home; the climate change; the environment; sustainability; humanity; collective experiences: Earth and

Nature; reflective; transformative and relational practices; environmental impacts. Telling stories through art; Community Art; historic, ethnographic and iconographic studies of their own place; visual studies of the Amazon; recycling, fabrics and clothing reflecting life; cartography; bioart: connections with art and research; life cycles; sustainable processes; ancient Patchwork technique; gesture and taste of weaving; using fibers obtained from ancient art; reusable materials to describe each region; environmental problems of our territory; embroideries that explore feelings; how we feel in the spaces where we live; share stories and our past experiences, we make objects.

We can document our journey with mobile phones, recording women individual stories, reporting hopes, dreams and experiences, carrying out projects according to the group, doing cleaning attempts, drawing textile cartographic kit to spread ideas offering artistic references and didactic strategies.

iWe are creators, we are practical and we share our skills with each other for learning to be inclusive, respecting the pace of each individual and we laugh a lot! (group: HEXlappies, De Doorns, South Africa).

In this way, when the spaces are filled with fabrics, wool threads, canvases, scissors, magic thimbles, needles, looms, ropes and other gadgets, they catch a childish gesture, that is surely similar to the one that little Walter evoked looking at the old sewing box.

Results are always personal and diverse. There are practically no instructions but presence, accompaniment before the doubts and issues that may arise to each one. The focus is on the process, on the reflections and questions that arise during working hours. Starting from the textile practice it is intended to investigate, the elements that make up the language of each being, to shown in action in a natural way, the use of textiles as another plastic resource, and to study the impact that has the artistic work made with materials and textile techniques such as embroidery and weaving on people's quality of life. (APECV, Textile Cartographies)

The proposal, as a form of contemporary textile poetry, puts forward participatory cartographies, where each intervention has a collective treatment. The idea of embroidering in a group is then considered as a liberating and vindictive activity that remind us events that have happened, to become a collective and social memory, transgressing the private or intimate order. The meeting, as a constitutive part of the rite, of the ritual, is recre-

ated every time the embroiderers get together. And in doing so; knowledge transference is put into practice. They incorporate the collective memory not only of knowledge about textiles, but the consciousness of a collective, historical and social being capable of interpreting and modifying its environment.

There are art works that arise in collaboration with chance, the moment, matter... to continue the dialogue with the passage of time and the environment. There are works where the authors let nature intervene in their works creating new stories. Small canvases or pieces looking for aesthetic that start from the connection that exists among nature, memory, identity, poetic narrative with the intention of rethinking the reality of our society as an inherent factor of the proposal. The record of each of the searches entails obtaining a set of narrative fragments that are materialize in different formats and media, trajectories and connections, meetings... making up a discourse in the form of a collective poem or map.

Fleeing from aesthetic criteria and repeated ways of doing things, the exhibition proposal arises from the development of an experimental activity where the textile is the fundamental part of the working construction process that have as the only condition to be made in cloths 10 x 10 cm squares. The materials are diverse, everyone proposes and works the way they want: incorporating fabrics, using various types of skeins, threads, buttons, needles, photographs or writings on the canvas. The skeins, the colored threads are the ink, the elements to trace a path, a way of following the thread of history.

With great admiration I participate in the moment in which, in order to gather all the works and make them public are opening them to others like a book, the set of small pieces are adhered to the plot of threads reminding us of a wide loom to poetically approach the relationships between space and works. Fabrics like canvases, that remind us boat sails or bird wings: they are small but expressive works, with a constructive aesthetic and a subtle and even aerial poetic. But at the end, all the pieces become three-dimensional on the wall, creating shadows and proportions that turn the entire installation into a great sculpture. Later, it will be the another, or others, who will be in charge of continuing to weave the symbolic plots, the stories, as a way of inhab-

iting the present work as a whole and of each of the peculiar notes that form it.

The task developed activates different connection points which allow the deconstruction of classical artistic borders discovering relationship flows with the contemporary. This conversation of threads and colors is also a dialogue between crafts and art, presenting fabrics, that have an aesthetic and conceptual function based on materials and techniques that give way to the process and history prominence.

The protagonists of the art pieces, that we can contemplate in this exhibition, work in a collective poetic workshop. They strive to find the intimate feminine writing, with the tools of the old sewing box. And so, in each small 10 x 10 cm piece with delicacy they extract, from what is daily and simple, the material for their creative reflection. They are like small textile conversations, based on the perception of sewing actions as a way of doing and creating, as aesthetic and poetic. A system of construction of meaning, made not only of thread and needles but also of silences, gaps that must be filled interacting with the viewer, as a disperse field of meanings. The viewers who later builds the work through his interpretation. (Morant, 2005, p.179)

They are textile poetics that move around daily environments, shared and popular knowledge that link us in an inescapable way to our personal memory and connects us with the traditions of both doing and thinking. That thinking that allows us to reinvent new horizons and subjectivities, without ceasing to inhabit what is contemporary. Poetics that give visibility to the sewing exercise as a feminine territory; understood as a strategy of political vindication by the hand of female artists, and that incorporate new canons of production proposing different visions of the territory.

Taking as a reference the writings of Roland Barthes On the zero degree of poetic writing (1997), as well as Umberto Eco's Open Work, when we transfer a poetic writing to the artistic practice (1990), sewing becomes something similar to the poetic word: its encounter with contemporary art ceases to have a single meaning to have multiple meanings, impossible relationships, open-

ings, plastic... The poetic message for Eco is the union of elements arranged in an unusual way, in which an emotion is arisen even when the meaning of the message is not immediately clear. The textile practice becomes, then, in a here and now that invents and reinvents itself, that combines the movement from tradition and memory to its own present time.

A linguagem poética é assim uma espécie de procedimento mágico (...). (Plazaola, 2007)

Bibliographic references

- Acuña Abalde, U. (2007). *Costureiro. Un fenómeno expresivo posmoderno: La metáfora multimedia como experiencia estética infantil. Tesis Doctoral, no publicada. Universidad de Granada. Facultad de Educación.*
- Andruetto, M. T. (2009). *Hacia una literatura sin adjetivos. Córdoba: Comunicarte, La ventana indiscreta.*
- Barthes, R. (1997). *Sobre el grado cero de la escritura. Siglo XXI Editores*
- Benjamin, W. (1982). *Infancia en Berlin hacia 1900. Traducción Klaus Wagner. Madrid. Ediciones Alfaguara S.A.*
- Eco, U. (1990). *Obra abierta. Ariel, 1990*
- Gagbenin, J. M. (2013). *A criança no limiar do labirinto. En: História e narração em Walter Benjamin. São Paulo. Perspectiva*
- Lanfranconi, A. (2017). *Walter Benjamin: infancia y politización. Tesis Doctoral, sin publicar. Universidad de Barcelona. Facultad de Filosofía.*
- Morant Artazkoz, E. (2005). *Entre el sentido y la forma. Diferentes realidades del Objeto. Tesis Doctoral, sin publicar. Departamento de Escultura. Universidad del País Vasco.*
- Plazaola, J. (2007). *Introducción a la estética. Universidad de Deusto*

—

EUA

TEXTILE CARTOGRAPHIES DULUTH

Team

Dr. Alison Aune, professor of Art Education, University of Minnesota Duluth (UMD); Chrissy Valento, art teacher Lincoln Park Middle School in Duluth, MN
Aryn Bergsven, art teacher Harbor City International School in Duluth, MN; Lisa Fitzpatrick, community climate activist and director of technology labs (UMD)
Art Education class students: Deborah, Alec, Kat, Alyssa, Anabelle, Natalie, Taylor, Cassius, Laura, Julia, Lauren, Karli, Sid, Peyton, and Emm (UMD).
Youth Participants: local high school and middle school students; Kirsten Aune, textile artist Duluth, MN
Inga-Lill Newkumet, art teacher Haganässkolan in Älmhult, Sweden

The project began during the late spring of 2022. Professor Aune introduced the Cartography Project to two local art teachers, her university students, and a community climate activist. A schedule was made, and the project unfolded during a challenging, but rewarding, semester, as everyone was meeting in person for the first time in two years and we could welcome school groups to campus again. For three one-two hour sessions, school groups visited the Tweed Museum of Art, on the university campus, to explore the creative possibilities of experimental community art making in the museum's new Maker's Space.

Inspiration

Local climate activist Lisa Fitzpatrick was invited to participate in the university-community art workshops. As she stated, "We face an unprecedented number of challenges to our ecosystem, social system, and economic system from the warming climate." She discussed her in-

volvement with the Duluth Climate Mobilization, which is a part of the National Climate Mobilization team, that developed a vision, a process and set of tools for partners to use while they build a local response to this global challenge. She presented brought books, artifacts, read stories, and provided resources for further individual studies and she helped guide our discussions on the urgency to act.

Materials Repurposed linen, embroidery thread, tapestry needles and pencils.

Procedure

Ms. Fitzpatrick first trained the college students and professor Aune presented the arts-based research project, the Climate Square assignment, to the university students. Each university student needed to create an embroidered square to use as a sample to show the youth art clubs during the following weeks. When the school groups arrived on campus Ms. Fitzpatrick gave the groups informal presentations about the climate crisis and professor Aune and her art education students then reinforced the conceptual framework, project goals, and shared what they were working on in their own squares. This process encouraged dialogue and artistic discovery as a community of learners. Everyone was learning a new skill together. Many of the college students had never used a needle and thread before when they started their own square, but by the following week, they were demonstrating embroidery techniques they had just learned themselves. During the workshops complete freedom was given to explore the climate theme through textiles. Students discussed what eco citizenship meant to them and how this project was part of a larger and more developed international action research project. Both of the participating art teachers expanded the project in their own home classrooms. Unfortunately, the semester ended before all the squares were composed into a final form for the exhibition. It was not until the summer when Duluth textile artist Kirsten Aune and visiting Swedish art teacher Inga-Lill Newkumet helped complete the project. They combined the 36 squares into a celebration banner format. In this placement of squares on a thread, the individual climate squares took on communal message of climate justice, hope, and reverence for the planet.

Observation and Reflection

Most of the participants, college, high school, and middle school age students, had never sewn before, or had never threaded a needle. Because of this, and the time limit allocated for the project, the climate squares became an experimental, and community building, collaborative project. When the students, and instructors, were all sewing together, the art room became silent. Each person was focused on their handwork. Many of the students reported that they were relaxed and found this to be a calming experience in contrast to concerning theme of climate justice. They talked about their current awareness and actions with environmental sustainability. Many talked about their sense of place and how they felt connected to nature in northern Minnesota and their love of Lake Superior. In reflecting on the project, the textile squares embody, in a small way, an artistic-activist form of expression. Each piece joined together became a collective message for climate justice for all living things from northern Minnesota to the world!

Images and Themes *The Turtle, the Ojibwe symbol of Mother Earth, Earth designs, images of Nature, Bees-Pollinators, water, and plants.*



Some works produced



Kirsten Aune

**Textile Cartographies with Chrissy Valento,
and her students**

Chrissy Valento, middle school art teacher, and her middle school art club students (grades 6-8) visited Alison Aune and her class of art education students at the University of MN-Duluth art department on an after school field trip during April of 2022. We toured the Tweed Museum, and were then introduced to the idea of Textile Cartographies. We started learning how to embroider on recycled linen squares, and talked about ideas around climate change, maps, climate justice, telling stories, expressing ideas, talking about the eARTH, and learning from one another while we worked.

The following week, during another after school art club session, we reviewed the ideas around cartographies, and created new climate squares. This time, we recycled wool sweaters, and needle felted images of landscapes and ideas around being kind to the earth on each square. We loved being a part of this project, and hope it is 'heard' around the world!

**Coordinator Professor Alison Aune
www.alisonaune.com**

Alison Aune is a professor of art education at the University of Minnesota Duluth. She received her B.F.A. from the University of Massachusetts Amherst in 1984, her M.A. from the University of Minnesota in 1987, and a Ph.D. from Ohio University Athens in 2000. She served as education coordinator at the Tweed Museum of Art from 1991 to 1999 before joining the UMD Department of Art and Design. Aune's scholarly interests include museum-based teacher training, women artists in history, and Nordic art education. Aune has received numerous artist grants and awards including the Arrowhead Regional George Morrison Artist award, a Minnesota State Creative Artist Grant, Art Educators of Minnesota Higher Educator of the Year and a Fulbright Scholar and Teaching award to Sweden. Aune has published chapters, articles, and on-line instructional resources on art and museum-based learning for children and youth. She has exhibited her artwork in over 80 solo and group exhibitions in the U.S., Sweden, Finland, Estonia, Norway, and Denmark and regularly presents guest lectures and art workshops internationally, nationally, and regionally.



Works made by the students



TEXTILE CARTOGRAPHIES LAND AND NATURE : THREADING MANHATTAN PROJECT

Project instructor/researcher/artist/coordinator

Dr. Yichien Cooper; **Artist-in-resident** Patti Kirch;

Participants Students enrolled in Spring 2022 MIT 535

(Integrating Fine Arts in K-8 Curriculum): Maria Fierros, Amanda Pearson, Rosalva Rodriguez, Danysha Salinas, Rebekah Shook, Steven Townsend, Kelli Trevino;

Location Washington State University, Tri-Cities. Teaching and Learning, College of Education.

Description

Land and Nature: Threading Manhattan Project aims to provide a reflective, transformative, and relational practice in integrating arts curriculum for culturally responsive teaching. Utilizing reflective strategies to guide artistic processes, Dr. Yichien Cooper invites her pre-service teachers at the Washington State University, Tri-Cities, USA, to retrace the Manhattan Project's past and present. And critically examine its impacts from the perspective of Land and Nature. There are three phases in this project: research, making, and reflecting. During the research phase, participants first investigate available archives related to the Manhattan Project at the Hanford Site along the Columbia River that is twenty-eight miles north upstream along the Columbia River from the university. As a class, we will explore how data visualization could serve as an inferring tool to facilitate learners' synthesizing skills to confront, resist, and transform the unspoken history. Participants utilize data visualization to shed new light on complex and somewhat controversial historical events. The second phase of the project highlights the creating textile weavings as metaphoric and reminiscent of the Hanford Site's transformative impacts on nearby land and nature. To enhance the learning and artistic process, Patti Kirch, a local textile artist, becomes our artist-in-resident coordinator, providing her

expertise in weaving. After learning basic skills on weaving using portable looms and paper looms, pre-service teachers incorporate data into their design to illustrate their critical examination on the Manhattan Project. Topics such as in-migration, water usage for B Reactor, service tanks, segregation, and displacements create visual tapestries that breathe life to an otherwise concealed past. In the final phase, reflecting, the participants capture their arts-based experience in the form of poetry. Sound structures add audio texture and patterns, narrating hidden or recovered emotions. The goal is to mindfully practice arts integration to foster resilience for empowering learning experiences for all.

Some works produced





Dr. Yichien Cooper

Dr. Yichien Cooper is an artist/educator/author/arts advocate. She is a faculty at Washington State University, Tri-Cities. She serves as the Chair of the Asian Arts and Culture Interests Group at National Art Education Association (2021-2023) and a board member of Academy of Children's Theater in Richland, WA. She was the President of the World Chinese Arts Education Association (2017-2021), the Chair of Data Visualization Working Group (2017-2021), and an art commissioner at the City of Richland (2014-2019). Her research interests include STEAM education, concept mapping, data visualization, social justice, arts-based research, narrative inquiry, mixed identity, and community-based art education. She has published six Chinese books on integrating arts curriculum.

56

Southeastern Washington is known for its rolling hills, shrub-steppe desert, and high fluffy clouds. Hanford Site was chosen for its vast desert-like surroundings. The color palette in this piece reflects the natural landscapes in this region. I embroidered 56 emerald beads as strings of rain to signify for the 56 million gallons of radioactive waste that were accumulated from WWII and Cold War era at the Hanford site. Although Hanford site's plutonium production played a significant role in the history, the toxic content is destructive to surrounding environment and human health as the waste contaminates the ground water.



Dr. Yichien Cooper



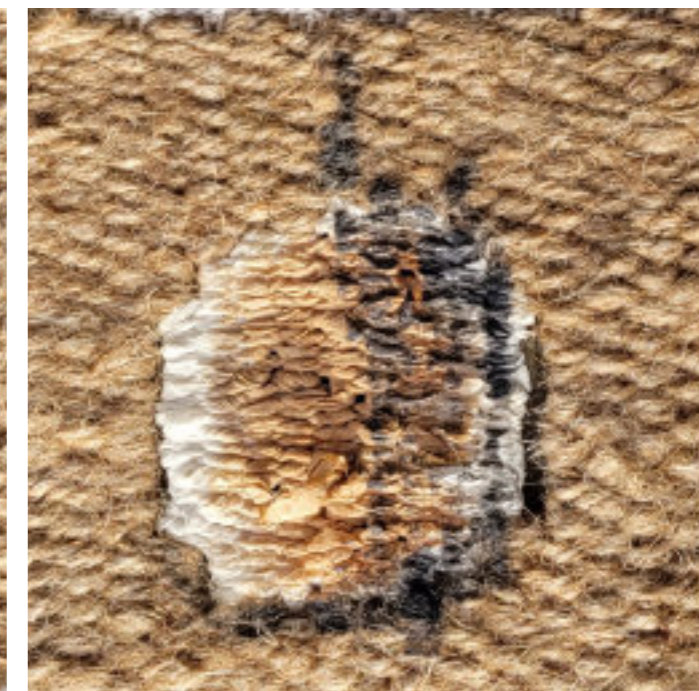
Patti Kirsh

Patti Kirsh is a tennis instructor by profession and an artist by obsession. A physical education graduate of Iowa State University, where she captained the tennis team, her roots in tapestry weaving go even deeper. She was introduced to weaving as a high school student in greater Vancouver, Canada and has kept perfecting her craft ever since. Settling in Washington State after college and marriage, she teaches tennis and weaves on an almost daily basis. Her tapestries have been displayed in museums and galleries throughout North America. Patti has added sketching and watercolor to her artistic repertoire, but these have mostly been to aid in her tapestry designs. Patti and her husband Nick have proudly raised twin adult daughters to be power women.

Hematite

Hematite is naturally occurring, iron oxide found in soil and on rock and in single and double shell steel tanks. Hand spun coffee filters represent the plans, the procedures, the processes and the continued hazardous waste clean-up work hours, at the Hanford Site's Tank Farms. Covering the cylinder shape is water soluble graphite and iron oxide; a common artistic drawing stick and one of nature's mineral pigments. This tapestry is an artistic rendering of the exterior surface of a tank. The native sage brush and arid shrub step are cleared away from the areas that surround the tank farms, the jute represents the barren land that surrounds Hanford's waste tanks, the clean up must continue until complete.

Patti Kirsh
Hematite



—
MÉXICO

EL LABORATORIO CREATIVO CARTOGRAFÍAS TEXTILES CON FOTOBORDADO

Coordinadora

Martha Patricia Espiritu Zavalza
Doctora en Patrimonio, educadora somática, profesora universitaria y artista en el borde.

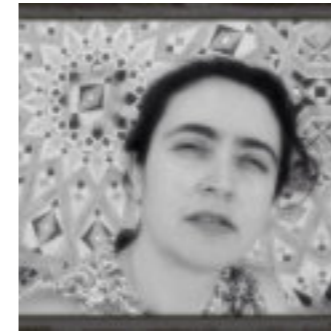
Estamos haciendo un laboratorio juvenil con metodologías artísticas, en un grupo de estudiantes de bachillerato, con el fin de experimentar rutas creativas para indagar, crear y aprender. El lugar de reunión se encuentra en la Escuela Preparatoria 4 de la Universidad de Guadalajara.

Nuestra participación en el proyecto comunitario Cartografías textiles propone una práctica de cartografía utilizando el fotobordado, una técnica creativa que retoma el "bordado mexicano" en primera instancia, y que da juego a múltiples maneras de hacer puntadas según quien se ponga a la tarea. Esta técnica creativa actualmente cuenta con gran aceptación en distintos grupos y organizaciones sociales en México y presenta muy diversas intenciones críticas y creativas. La oportunidad del fotobordado es que permite empalmar dos narrativas distintas y crear relaciones entre ellas, en un solo objeto creativo: por un lado, la imagen fotográfica de un lugar, y por otro, el bordado que lo resignifica.

El laboratorio promueve una participación horizontal, conversacional y orientada por la acción, principios fundamentales de la educación somática y los procesos de autoconciencia. Lo que hacemos es localizar un lugar, recorrerlo-reconocerlo-recordarlo, conseguir una fotografía y bordar en ella una intervención que cuente algo relacionado con la memoria, la identidad o la sustentabilidad. Esta acción creativa sucede y funciona como un

gesto significativo, una acción simbólica que se concreta en un producto creativo.

La evolución del proceso depende por completo de las condiciones que facilita el contexto y la iniciativa de cada participante. Inicialmente se indagó acerca de los lugares relacionados con la autobiografía, con la idea de luego avanzar hacia la comprensión de problemáticas sociales relacionadas con específicamente con la violencia de género. No obstante, el proyecto fue cambiando y ahora se organiza con la intención de formular distintos sentidos relacionados con la sustentabilidad, lo cual además concuerda con el PDI de nuestra Universidad.



Martha Patricia Espiritu Zavalza

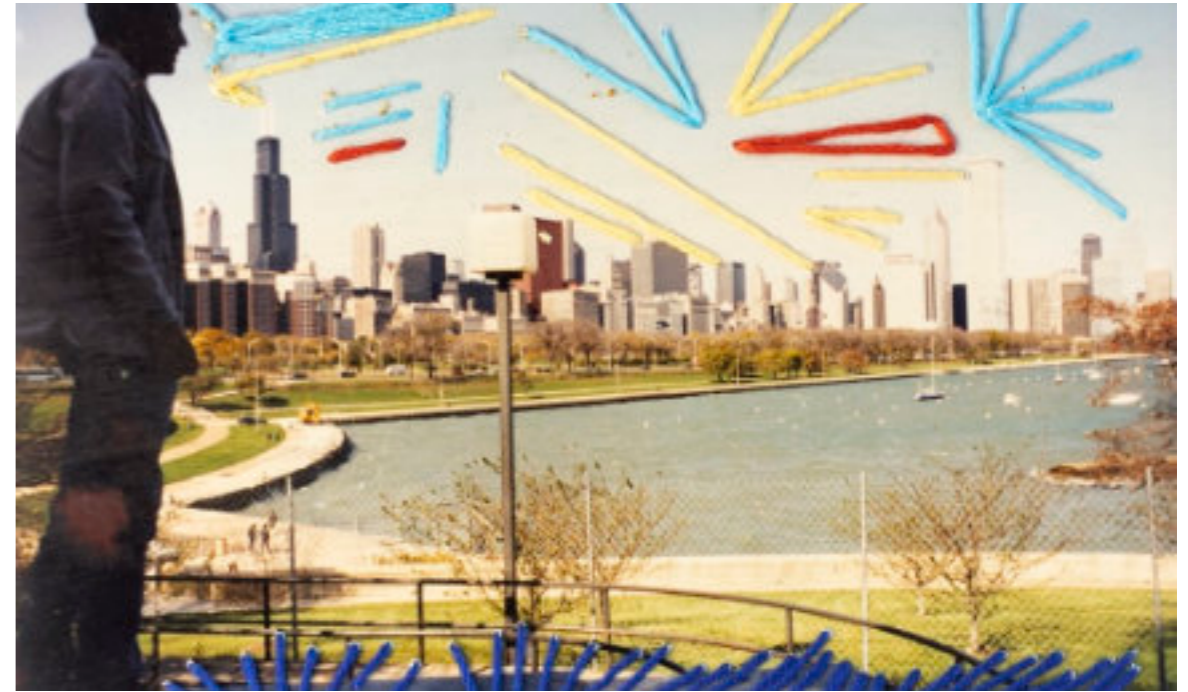
Doctorada en Patrimonio por la Universidad de Jaén, España, y especialista en el Método Feldenkrais de educación somática por la Universidad de Colima, México, me interesa desarrollar espacios de indagación y creación que impliquen la interacción del cuerpo en movimiento, la palabra y otros lenguajes estéticos relacionados con la investigación artística, la experiencia estética y el proceso creativo.

Como profesora de la Universidad de Guadalajara, México, mi propuesta busca integrar estrategias de investigación y acciones creativas en el ámbito cotidiano e informal, como acciones específicas que inciten al intercambio y la reflexión crítica. Actualmente, en mi proyecto artístico y de investigación prima la conversación entre la educación somática, la danza butoh, la creación coreográfica y la palabra, en pos de una poética en movimiento.

autores

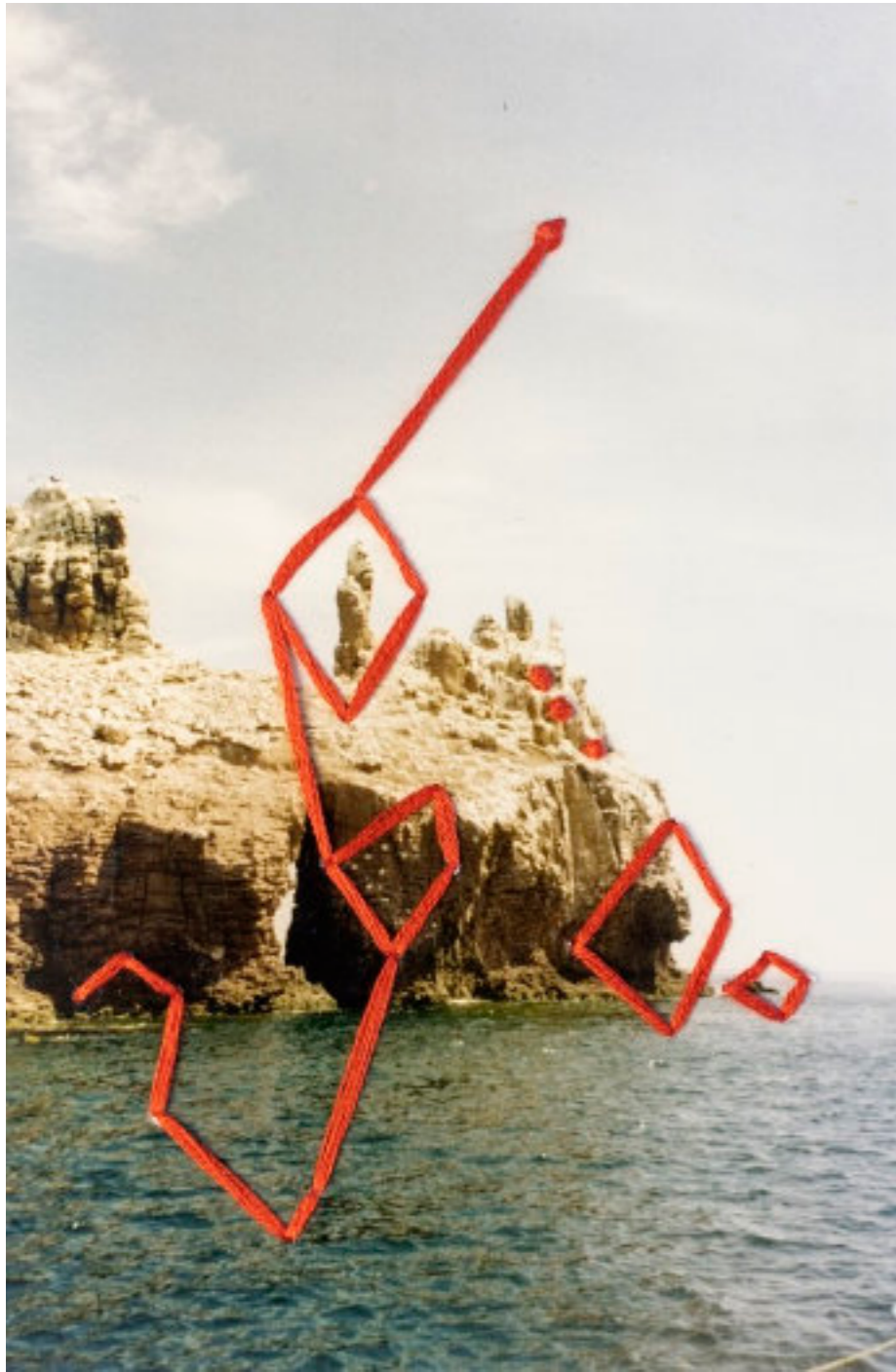
Patricia Espiritu Zavalza
Manuel Tejeda Enriquez
Carla Valeria Álvarez Cantero
Marjose Herrera Hernández
Estéfani Giovanna García Rodríguez
Tania Dagmar Flores Foullón
Martha Patricia Espiritu Zavalza



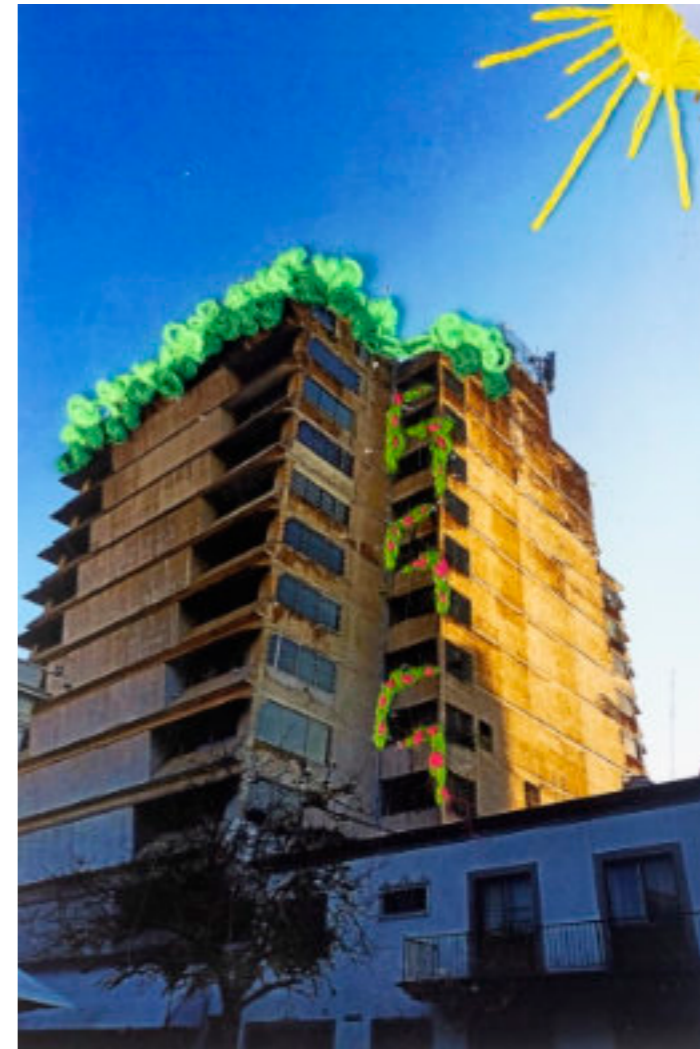


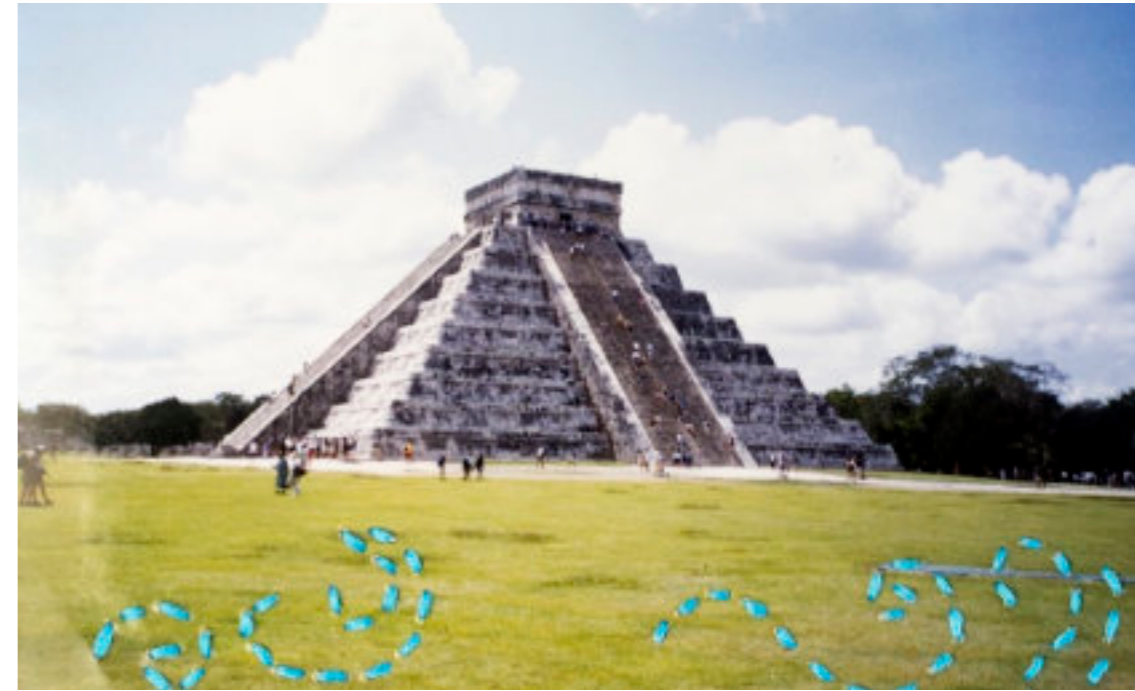












—

BRASIL

GRAFAR O QUE NOS RODEIA, AQUILO QUE COMEMOS, NAS TRANSFORMAÇÕES ONDE VIVEMOS CARTOGRAFIAS PARA DIGERIR LENTAMENTE

Ângela Saldanha, Célia Matsunaga, Marisa Cobbe Maass
Universidade de Brasília, Brasil

O projeto Cartografias Têxteis, no grupo de Brasília, inicia com as provocações pedagógicas, derivadas das reflexões críticas das Professoras Célia Matsunaga, Marisa Maass e Ângela Saldanha, sobre a disciplina "Tópicos Avançados em Design - Cartografias Têxteis" de pós-graduação, lecionada na Universidade de Brasília, em 2021. Disciplina semestral (de 26 de julho a 25 de outubro) que teve a periodicidade de 3 horas semanais, em média, e onde foi desenvolvido o Projeto.

A turma foi constituída por treze estudantes, que se inscreveram na unidade curricular, de várias áreas e níveis de ensino: seis da licenciatura em Design; um da licenciatura em Pedagogia; dois da licenciatura em medicina veterinária; três do mestrado em Design; um do doutoramento em Artes Visuais.

O tema primordial escolhido, de acordo com o contexto vivido no Brasil e no Mundo, foi a Comida.

"As questões relacionadas a como comemos está ligados a alguns dos maiores desafios que enfrentamos globalmente, desde a mudança climática e os danos ecológicos até a violação da soberania cultural e dos direitos dos trabalhadores à saúde pública e as grandes desigualdades da distribuição global". Catherine Flood, 2019.

Dado o carácter abrangente do tema foram criados 5 tópicos para aprofundamento:

1. *Estética Relacional*
(afeto, relação, espaço, sexualidade)
2. *Política*
(agronegócio, capitalismo, movimento sem terra)
3. *Design para a Sustentabilidade*
(objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas, design social, design ecológico, design económico)
4. *Arte Contemporânea*
(criações contemporâneas, questões de género, crítica social)
5. *Tradição*
(receitas, família, comunidade)

As aulas, realizadas por webconferência, devido à situação pandémica vivida no mundo, foram divididas em três fases interligadas e cíclicas: no primeiro mês (Agosto) foi realizada uma contextualização do tema, com aulas em forma de seminário com a exemplificação e apresentação dos conceitos inerentes; no segundo mês (Setembro) existiu um trabalho prático, de construção e partilha das descobertas de cada participante (em trabalho de grupo); e no último mês (Outubro) os diferentes grupos de trabalho partilharam o seu trabalho e enviaram os trabalhos realizados (quadrados de 10cmX10cm) para a primeira exposição em Portugal. Durante todo o processo os estudantes foram convidados a explorar obras artísticas: visuais, cinematográficas, auditivas... de forma a reflectir criticamente sobre os conceitos e práticas.

Nas primeiras aulas, cada professora apresentou os temas com a utilização dos contextos, das definições, de exemplos, referências artísticas e bibliográficas, seguido de desafios a explorar pelos estudantes.

Todo o processo foi documentado com a utilização da plataforma Miro, com o uso de textos, de vídeos, de desenhos, de fotografias e de relatos, num processo colaborativo, com finalidade ativista de forma a fomentar a discussão sobre o tema e ações positivas para o bem estar social e ambiental do planeta.

A metáfora das refeições - do colocar na mesa para que todos se pudessem servir e acrescentar ingredientes -

foi crescendo, de forma rizomática, com o número de mesas (folhas) que iam sendo adicionadas na plataforma virtual, onde os ingredientes partilhados deram lugar a complexos pratos gastronómicos, em forma de quadrados de 10cmX10cm.

Primeira Refeição

Na primeira aula os estudantes apresentaram os seus objetivos e expectativas pessoais para a disciplina e as professoras partilharam as suas ideias, referências, propostas e planos para que os estudantes pudessem interagir e participar no processo da disciplina. Como mote para discussão, foi proposta a visualização do filme "Estômago"¹ com a direção de Marcos Jorge, para conversa na segunda aula. Também, foi pedido para trazer (em grupo) para a aula seguinte três palavras com três imagens, interessantes esteticamente sobre o tópico escolhido para trabalhar.

Segunda Refeição

Na segunda aula, em forma de seminário, a professora Célia Matsunaga apresentou conceitos relacionados com as questões de poder, de género, da cultura e produção da comida, com exemplos de obras.

Obras:

Samsara Food - vimeo.com/73234721; Victoria Eliasdóttir on SOE KITCHEN 101- www.soe.tv/videos/victoria-elasdtir-on-soe-kitchen-101-in-reykjavik

—
1

11 de abril de 2008 No cinema / 1h 52min / Drama

Direção: Marcos Jorge

Roteiro Lusa Silvestre, Marcos Jorge

Elenco: João Miguel, Babu Santana, Fabiula Nascimento

Título original: Estômago

sinopse: Raimundo Nonato (João Miguel) foi para a cidade grande na esperança de ter uma vida melhor. Contratado como faxineiro em um bar, logo ele descobre que possui um talento nato para a cozinha. Com suas coxinhas Raimundo transforma o bar num sucesso. Giovanni (Carlo Briani), o dono de um conhecido restaurante italiano da região, o contrata como assistente de cozinheiro. A cozinha italiana é uma grande descoberta para Raimundo, que passa também a ter uma casa, roupas melhores, relacionamentos sociais e um amor: a prostituta Iria (Fabiula Nascimento). In www.adorocinema.com/filmes/filme-138975/

Turning food to pigment at Studio Olafur Eliasson - www.soe.tv/channels/featured#turning-food-to-pigments-at-studio-olafur-eliasson

Sugestões:

asknature.org

www.frieze.com/article/arts-ecological-turn-and-sixth-great-extinction

thecomingworld.garagemca.org/en/

Filme completo:

Koyaanisqatsi (1982)

www.youtube.com/watch?v=v6-K-arVI-U

Baraka (1992)

www.youtube.com/watch?v=cGxz5Psa5Tg&t=3676s

Samsara (2011)

www.youtube.com/watch?v=N1rAHvz83KE

Referência:

The Nature Conservancy - www.tnc.org.br/conecte-se/comunicacao/artigos-e-estudos/o-sistema-alimentar-global-pode-mudar/?gclid=Cj0KCQjw6ZOIBhDdARIsAMf8YyGld3vsmHhIH9VsZuclKF89_n9eApYcMsd3V8i-RsJu9-rarnTwDIQaAkqBEALw_wcB

Studio Olafur Eliasson SOE

olafureliasson.net/soe-kitchen-101

Terceira Refeição

Na terceira aula, a professora Ângela Saldanha trouxe para a confecção a Arte Contemporânea e alguns artistas que trabalham as questões ligadas à comida.

Foram vários os temas levantados:

Consumismo versus desperdício

Vida versus morte (questões ligadas às sementes)

Pobreza versus Riqueza

Escravidão versus Comida

Artivismo versus Provocação

Proposta:

De acordo com o tema escolhido para o trabalho de grupo realizem uma pesquisa sobre a abordagem da Arte Contemporânea às questões relacionadas com a alimentação.

Nesta aula é proposto a partilha de três obras de arte sobre o tema, partindo de: imagens estáticas (fotografias) e ou imagens dinâmicas (vídeos); contexto (autor,

cultura, país...); memória descritiva (conceito/objetivo do autor/interpretação...); motivo da escolha.

Quarta Refeição

Nesta quarta aula tivemos a presença do Professor convidado Rafael Villas Boas que trouxe para as mesas o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e várias reflexões importantes: lugares de vida e trabalho para muitas famílias e de produção de alimentos; eliminação da fome; novas relações sociais; teatro do oprimido: teatro vira ferramenta de transformação (rompe a barreira entre autores e espectadores e estimula a participação direta do público (para que ele se reconheça como agente); todo ser humano é teatro, não fazemos teatro, somos teatro.

Quinta Refeição

Nesta aula convidamos para a mesa duas artistas e professoras do México, a Estrella Luna e a Patrícia Espírito que nos apresentaram com a partilha da cultura mexicana, focando em temas, como: Tradição versus modernismo; Imagens que contam histórias; Cultura e colonialismo; Resistência e o têxtil; Feminismo no têxtil; O bordado como ritual; O fotobordado; Reprodução e Referências.

Foi, também, muito importante a partilha da Professora Patrícia Espírito sobre os conceitos que norteiam o trabalho para o Projeto “Cartografias Têxteis” que esta iniciou no México, sendo um exemplo do que está a ser realizado em outros países.

Sexta Refeição

No início de Setembro tivemos como convidada a Professora Teresa Torres de Eça, de Portugal, coordenadora do projeto “Cartografias Têxteis”. Com ela compreendemos melhor, numa conversa dinâmica e rica, a amplitude do projeto e as suas bases conceptuais ancestrais, designadamente das possíveis mudanças em três tipos de consciência: a individual, a colectiva e a comunitária. Nesta aula, os alunos tiveram a oportunidade de partilhar o seu processo de criação e aquilo que os tem movido no projeto.

As restantes refeições

As aulas com carácter oficial iniciaram na sétima aula e finalizaram com o semestre, sendo realçadas aqui duas aulas que tiveram um carácter mais expositivo,

uma sobre Psicogeografia (ministrada pela Professora Ângela Saldanha) e outra sobre a técnica de “Antotipia” (apresentada pelos estudantes Sara e Rafael); nas restantes aulas os estudantes e docentes iam apresentando o seu processo, as suas derivações e caminhos, para que, de forma colaborativa, os quadrados 10cmX10cm ganhassem o conteúdo desejado.

Aula/Oficina de Psicogeografia:

O primeiro tema liga a cartografia; o mapa; a deriva; a psicologia e a arte: a “Psicogeografia” (estudo da influência do ambiente geográfico sobre a mente ou o comportamento humano); um termo definido pelo pensador Guy Debord, um dos elementos principais da Internacional Situacionista (grupo revolucionário influenciado pela teoria marxista e anarquista e as atitudes e métodos de dadaístas e surrealistas).

Mesa posta

Como considerações finais, apresentamos as mesas prontas. Colocamos, aqui, alguns processos de criação, com os seus trajetos, conjecturas, derivações, temperos... sabendo que, os paladares que daí emanam, são superiores a qualquer descrição realizada por palavras. Bom Apetite!

Referências Base para a Disciplina

- BOFF, Leonardo. Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres. RJ: Ed. Vozes, 2015.*
CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: morar, cozinhar. SP: Editora Vozes, 1994.
FLOOD, Catherine; SLOAN, May R. Food: Bigger than the plate. UK: V&A Publishing, 2019.
KUMAR, Vijay. 101 Design Methods: A Structured Approach for Driving Innovation in Your Organization. US: John Willey & Sons, 2013.
FUKUOKA, Massanobu. Agricultura Natural.: teoria e prática da filosofia verde. SP: Ed. Nobel.
APECV Grupo de Investigação da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, Portugal - www.apecv.pt/projeto-cartografia-textil



Ketelin Rodrigues



Ana Paula Prado



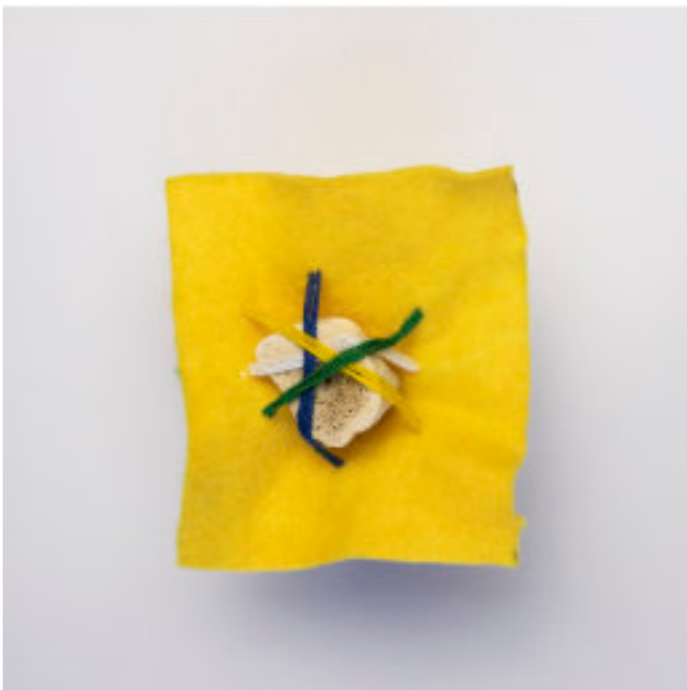
Heloisa Helena de Sousa

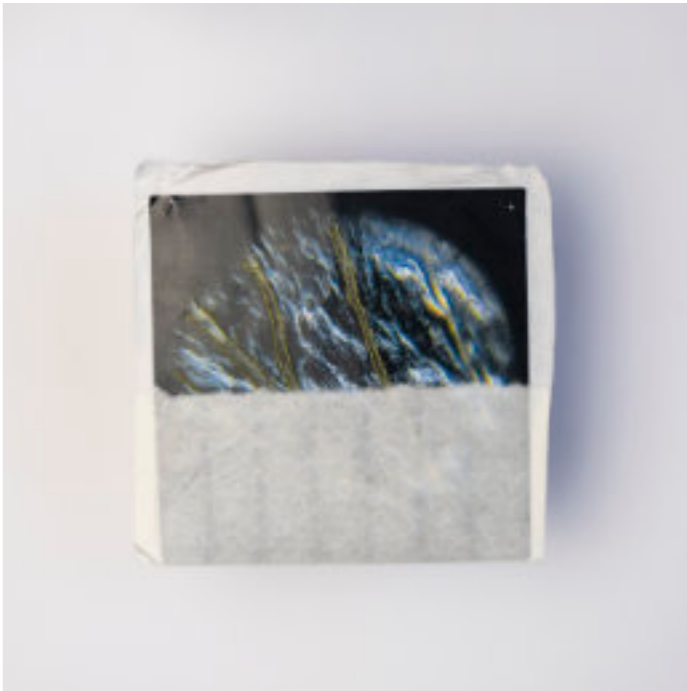


Catarina Damiano



Ketelin Rodrigues





Petra Pinheiro

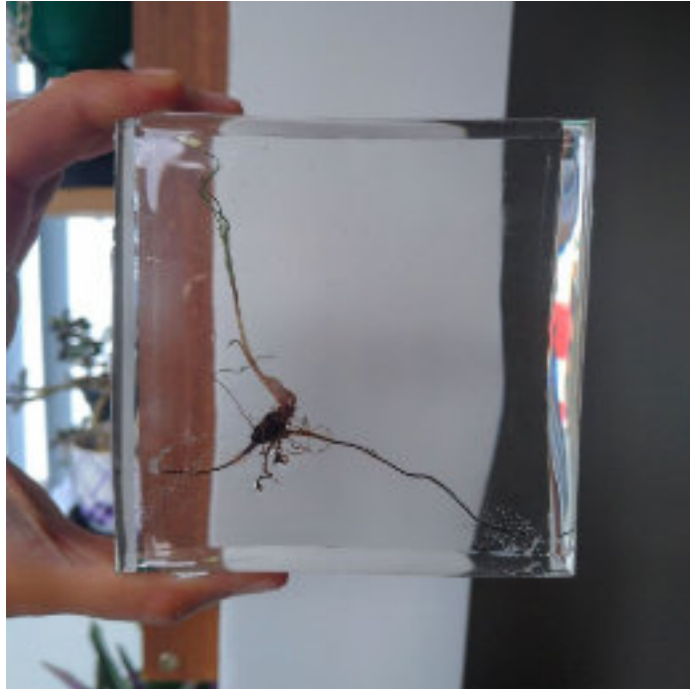
Manuela Andrade Abdala



Ângela Saldanha

Sara Adrian e Rafael Rocha





Camila Torres



CORPO ARTE NATUREZA COLETIVO SÃO PAULO MINAS

Tema desenvolvido na Disciplina "Cartografias Têxteis" ministrada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde, na Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Santos, São Paulo, em 2022

Coordenação

Flavia Liberman e Viviane Maximino

Apoiadoras

Angélica Carvalho Lemos e Marcia Moraes

O que é um corpo? Como os nossos corpos tornaram-se desconectados de seu locus de vida, a natureza? Como foi acontecendo tal dissociação entre os corpos e a teia de relações que sustentam toda a vida planetária? Como (re)conectá-los e promover o cuidado de si, dos outros vivos e do mundo?

Muitas das tentativas de solucionar os problemas ambientais já amplamente divulgados têm sido conservadoras, ou seja, mantemos o nosso modo de vida e apostamos no desenvolvimento de tecnologias capazes de compensar ou minimizar os efeitos dos nossos atos sobre o planeta. No entanto, para muito além disso, talvez devêssemos buscar algo de fato revolucionário: revolucionar, primeiramente, nosso modo de ver, sentir e agir, criar estratégias que nos (re)conectem com os ciclos da vida, que nos permitam reconhecer que vivemos intrincados em uma rede de relações que envolvem todos os seres vivos e elementos do planeta.

Ao recorrermos às perguntas "O que nos sustenta verdadeiramente?" "O que é de fato indispensável para a vida?", poderíamos obter respostas simples, tais como: o

ar, a água, os alimentos e os processos de transformação que fazem com que esses mesmos elementos não escapem de seus ciclos, podendo, assim, sustentar a vida, o que implica relação. No entanto, parece que estamos tão alienados e distantes de nossos próprios corpos e de sua relação com os outros e com as coisas do mundo, que a percepção do nosso acoplamento com esta dimensão da existência está ofuscada.

As questões ambientais nos são apresentadas como problemas planetários, de modo que grande parte do tempo pensamos que nossos pequenos atos individuais - tanto no sentido de mudar alguma coisa, quanto no de manter a lógica estabelecida - são insignificantes. Não nos responsabilizamos por nossos gestos, e apaziguamos nossos incômodos diante da urgência ambiental com a crença tranquilizadora de que nossos representantes governamentais estão cuidando do assunto. Além disso, estamos anestesiados, imersos e atravessados por um modo utilitário e produtivista de viver a vida, no qual o simples, o sensível, o pequeno e o "inútil" não têm lugar.

As artes e o trabalho artesanal podem ser bons dispositivos para contrapor tal situação. A sensibilização dos corpos, a ampliação da percepção e a ativação de processos de criação artística podem contribuir para aproximar as pessoas de si, dos outros e de seus ambientes, podendo habitar o presente com esses e outros desafios que lhes são postos.

Esta foi a aposta que fizemos nas experiências trazidas aqui. Somos o Coletivo São Paulo | Minas, do Brasil, coordenado por Flavia Liberman, Viviane Maximino, Angélica Carvalho e Marcia Moraes, e nossa participação no projeto Cartografias Têxteis foi desenvolvida em três contextos distintos: em uma escola de ensino fundamental, em um programa de pós-graduação, ambos dedicados aos processos formativos, e o terceiro contempla bordados realizados pelo Coletivo de Mulheres de Herança Artesã. Trouxemos para esta exposição fragmentos das três propostas realizadas nos anos de 2021 e 2022.

CORPO, NATUREZA E PROCESSOS DE CRIAÇÃO

Tema desenvolvido na Disciplina "Cartografias Têxteis" ministrada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde, na Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Santos, São Paulo, em 2022

Coordenação

Flavia Liberman e Viviane Maximino

Apoiadoras

Angélica Carvalho Lemos e Marcia Moraes

Respirar, Fluir, Alimentar e Transformar

Estes são os verbos que elencamos para propor, para um grupo heterogêneo composto por trinta participantes, a produção de peças têxteis que articulam processos de criação, corpo e natureza. Ligados aos processos vitais, esses mesmos verbos foram explicitamente associados aos elementos da natureza, respectivamente, ar, água, fogo e terra, e aos seres da natureza.

Partimos da pergunta "o que nos sustenta?", de forma a subverter as noções correntes de sustentabilidade, e convidamos, para esta experiência, pessoas com diferentes saberes, habilidades e inserções: estudantes de pós-graduação, bordadeiras vinculadas a coletivos de resistência que bordam por justiça e também outras pessoas atraídas pelo tema e proposta.

Esta experiência constituiu uma disciplina com a duração de um semestre, neste ano de 2022, no Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, e teve como metodologia o "fazer com as mãos", sendo esta inspiradora e propulsora de um modo de produzir conhecimento pouco legitimado no universo acadêmico. A troca de saberes, o registro e compartilhamento das diferentes etapas do processo criativo, a construção de grupalidade e a mobilização dos corpos para presentificar a experiência foram fontes contínuas de aprendizagem e encantamento.

Este catálogo traz algumas peças produzidas nas várias proposições, que buscaram sensibilizar os participantes para a temática e para o ato de criar.

Uma primeira proposição consistiu em uma "apresentação de si e de seus mundos", a partir de perguntas inspiradoras que promoveram a revisitação da história pessoal de cada participante, assim como do momento presente. As apresentações foram escritas e gravadas em áudio, os quais foram compartilhados no grupo.

A partir dessa experiência de recepção e aproximação entre todos os atores, os participantes foram convidados a bordar uma palavra em um suporte de 10x10, para exercitarem o ponto e o manejo com o material, ativando um primeiro contato com a proposta da produção têxtil. As palavras-bordado, que expressam estes primeiros encontros, foram o germe do processo de criação.

Esta série das palavras-bordado está aqui registrada, juntamente com fotos de cada participante bordando ou com seus bordados, e seus respectivos áudios de apresentação, fazendo sentir, a partir de diferentes linguagens, a intensidade do acontecimento. A segunda série de bordados, inspirada nos verbos Respirar, Fluir, Alimentar e Transformar, foi realizada em pequenos grupos, que aqui apresentam seus processos criativos. Dando contorno a este processo profundo, delicado e forte, foi elaborado um depoimento coletivo contendo impressões, poesia, pensamentos e sensações dando visibilidade a um processo que foi ao mesmo tempo, ético, estético e político.

Ficha técnica

Organização do material

Angélica Carvalho Lemos e Flavia Liberman

Fotografia

João Caldas Filho

Agradecimentos: a todos e todas que participaram desta Disciplina- Experiência e nos ofertaram seu tempo e seus lindos bordados.



ACALENTO

A
C
O
L
H
E

R
E
X
S
I
S
T
I
R

Tatiana DovaL

COR
AGE
M

AMOR
OSIDADE

!Dar
borda

as
que
transborda

Flávia Liberman



Renata Mecca



Carina Forganes



Fátima Marinho



Thais Peral



Thais Peral



Telma Cordella



Caroline Sousa



Fabricio Leonardi



Rafaela Camargo



Fernanda Ribeiro



Rafaela Camargo



Bela Gebara



Ana Carolina Savani



Carolina Shiomizo



Ana Carolina Savani



Neuza Ferreira



Carolina Shiromizo



Neuza Ferreira



Viviane Maximino



Márcia Martins



Mariana Moura



Márcia Martins



Márcia Martins





Outros trabalhos





Outros trabalhos



SOMOS NATUREZA : IMAGINANDO FUTUROS POSSÍVEIS

Coordenação

Marcia Moraes

Apoio

Flavia Liberman, Viviane Maximino
e Angélica Carvalho Lemos

Reflexão proposta na finalização do projeto de 2021 "Um olhar para a Sustentabilidade – restaurando as relações homem-natureza, sociedade-planeta", na Escola Ágora, situada em Cotia, São Paulo (escolaagora.com.br.)

O projeto anual da Escola Ágora desenvolvido em 2021 foi concebido no contexto da pandemia da Covid-19: "É preciso cuidar de si e dos outros; questionar e refletir sobre os impactos das atitudes e ações individuais no grupo familiar, na vizinhança, nas comunidades, no coletivo; aprender e repensar a saúde, o papel da ciência, as relações - há muito separadas - entre homem e natureza, além de trabalhar por uma cultura de paz." [fragmento do texto do Planejamento Anual de 2021]. Desta forma, as alunas e alunos estudaram modos possíveis e viáveis de usufruir e consumir de modo sustentável os recursos naturais em nosso planeta, tendo como focos centrais energia, água, florestas, resíduos, entre outros. Após algumas conversas com uma das orientadoras pedagógicas da escola, pensamos que a mostra artístico-pedagógica do encerramento do ano letivo poderia reunir as obras têxteis que seriam produzidas em uma oficina conduzida por Marcia Moraes, fazendo mostrar, através de técnicas e materiais os mais variados a polifonia de vozes infantis e juvenis fabulando sobre o tema "Somos Natureza: imaginando futuros possíveis".

Chegado o final do ano, foi feito o convite para que as alunas e alunos expressassem com a linguagem têxtil o processo vivido na escola durante o ano. Além de reunir presencialmente a comunidade da escola inteira pela primeira vez em toda a pandemia, esta experiência foi uma oportunidade de encontro, de partilha, de elaboração e também de inventar mundos possíveis, junto.

Para esta exposição, entre mais de cinquenta obras produzidas em suportes de mais de trinta por trinta centímetros, foram selecionadas algumas obras sobre as quais foi realizada uma intervenção: o corte dos suportes em quadrados de 10x10, transformando-os, assim, em uma espécie de mosaico têxtil.

BORDAR A ESPERA

Coordenação

Angélica Carvalho Lemos

Apoio

Flavia Liberman, Viviane Maximino e Marcia Moraes
bordados
Maria das Graças Carvalho Lemos,
Angélica Carvalho Lemos.

Leonardo Boff já nos convocava para o encontro com a natureza com a compreensão integrativa da Mãe Terra: "por sentir-nos filhos e filhas da Terra, vivenciando-la como Mãe generosa. Ela é um princípio gerativo. Representa o feminino que concebe, gesta, e dá à luz. Emerge assim o arquétipo da terra como Grande Mãe, Pacha Mama e Nana" (BOFF, 1999, p.35).

Abraçando a epistemologia do Sul e descolonial Ailton Krenak nos desperta para a potência de cuidar da Mãe Terra por meio de gestos sutis, ações que podemos tramar no nosso lar e que ressoam no território. "Nós mudamos o mundo a partir do nosso quintal. Aqui onde eu estou, na beira do rio Doce, me engajo nas rotinas domésticas, na horta, no plantio de árvores. São coisas que eu posso fazer com minhas mãos e outras pessoas podem fazer junto comigo. Eu acho que a gente tem que tecer esperança a partir de coisas práticas; é a partir do real que nós vamos construindo uma saída" (KRENAK, 2021 apud REIS, 2021).

Ao tecer as Cartografias Têxteis, a compreendemos como a artesanaria do bordado manual tece a espera e esperança. E acolhemos a Esperança conforme Paulo Freire, "A esperança é uma necessidade ontológica [...]" (FREIRE, 1992, p.5). Assim "enquanto necessidade ontológica a esperança precisa de prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na

pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira assim, espera vã".

Bordar a espera busca um breve cartografar frente a atitude de esperar, do porvir, ou seja, partilhar o momento fértil do nosso período de 2021 e 2022 que antecede o nosso início de atuação com os grupos. O coletivo de mulheres de herança artesã, composto por mulheres que partilham vínculo familiar (mãe e filhas), bordaram cada uma em seus lares, e frente ao desafio de bordar atrelado ao cuidado (cuidar do lar, cuidar das crianças, cuidar de si). Há registros de processos em andamento, pontos de bordado do mostuário.

A linha-guia está ancorada na cartografia, na qual a guia não se restringe a direção pois pode nos remeter ao cão-guia conforme Barros e Passos (2006) apud Liberman (2015): "Durante a condução, o cão deve ter a capacidade de acompanhar o caminho a ser traçado pelo cego sem, no entanto, determinar o percurso, salvo quando perceber algum obstáculo que possa colocar o cego em risco de vida." (LIBERMAN, 2015, p.194).

Assim atrelamos a esperança, a uma espera fértil que conduz para a ação; momento de meses de partilhas, diálogos e espera para iniciar os trabalhos com grupos de mulheres previstos para o ano de 2022. Bordar a espera abre para expor com registros fotográficos bordados em andamento (ainda não concluídos), mostuário de pontos de bordado manual e riscos, ou seja, narrativas têxteis dos avessos.

"Na costura manual e no bordado também podemos extrapolar. Para que bordar somente os pontos tradicionais (a exemplo do ponto-haste, ponto-atrás, ponto-corrente) se podemos criar nossos próprios pontos?" (LEMOS, 2021, p.74).

Estamos a alinhar os primeiros pontos que carecem para compor a trama comunitária. É importante um nó para urdir a linha-guia do novelo do nós (coletivo, grupo). O primeiro gesto de um trabalho têxtil é o nó. Ancorar sobre o tecido a linha oriunda do novelo, do eco-novelos, fios ecológicos vitais que celebram nossa Mãe-Terra. Bordar a espera é bordar um esperançar!

Referências

- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- LEMOS, A.C. *Identidade Artesã: a partilha de trapilhar memórias*. In: BORRE, L.; ANDRADE, L. (Orgs.). *Tramações: a memória e o têxtil*. (Formato eletrônico). Recife: Editora UFPE, 2021, p.70-76.
- LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A. *O Corpo de um Cartógrafo*. *Interface Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, v. 19, n. 52, p. 183-193, 2015.
- REIS, V. *"Comecem a produzir floresta como subjetividade, como uma poética de vida"*, diz Ailton Krenak a plateia portuguesa. *Amazônia Real*, 3 dez. 2021. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/comecem-a-produzir-floresta-como-subjetividade-como-uma-poetica-de-vida-diz-ailton-krenak-a-plateia-portuguesa/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Flavia Liberman

Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade de São Paulo (1981) e Mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994). Doutora pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade no Programa de Psicologia Clínica da PUC- SP (2007) e Pós- Doutorado no Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora (CHAIA-UE-Portugal). Atualmente é Professora Associada do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo- Campus Baixada Santista, São Paulo- Brasil e do Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde e do Programa de Mestrado Ensino em Ciências da Saúde (Profissional) da UNIFESP. Tem como linhas de investigação o corpo, as práticas corporais , as artes e ações na comunidade. Membro do Laboratório Corpo e Arte da UNIFESP- Campus Baixada Santista e integrante do Laboratório Interinstitucional de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. Autora dos Livros: *Danças em Terapia Ocupacional* (1995), *Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional* (2008) e *Grupos e Terapia Ocupacional* (2015) e diversos artigos sobre o tema.

Viviane Maximino

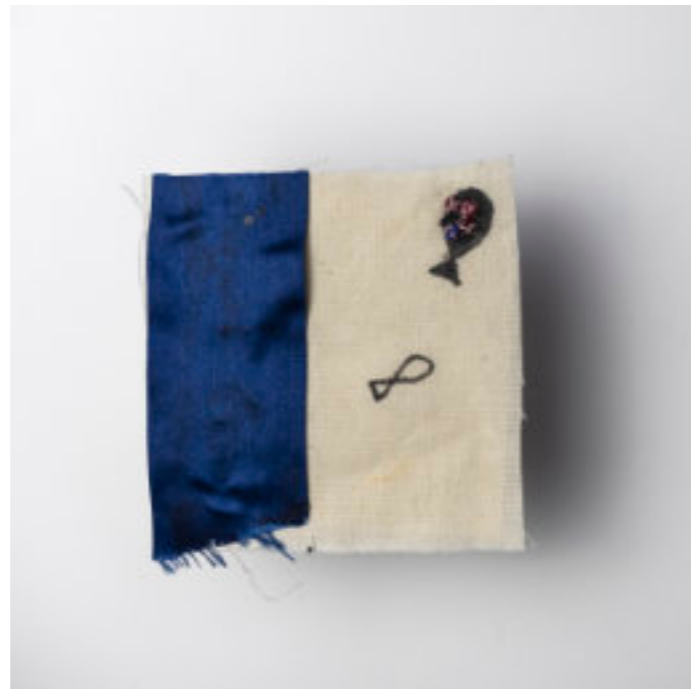
Terapeuta Ocupacional pela Universidade de São Paulo (1981), Doutora em Saúde Mental pela Universidade de Campinas (1997), Pós-Doutora pelo departamento de artes da Goldsmiths University of London (2017). Professora Associada aposentada do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil, atualmente é prof. convidada do Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde desta universidade. Pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Formação e Trabalho em Saúde, (LEPETS), é sócia-fundadora da IBI TERRA VIVA, empresa de ações ambientais focada em Educação Ambiental vivenciada e na gestão de resíduos orgânicos e implantação de hortas urbanas na cidade de São Paulo, Brasil. É integrante do Laboratório Interinstitucional de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional e seu interesse está nas relações entre Corpo, Arte, Cuidado e Natureza. Autora dos Livros: *Grupo de atividades com pacientes psicóticos* (2001) e *Grupos e Terapia Ocupacional* (2015) e diversos artigos sobre o tema.

Marcia Moraes: Psicóloga, pedagoga, mestra em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo. Pesquisadora, atua na clínica, é mãe, cuidadora, companheira; sempre ou quase sempre nas frestas entre arte, saúde, cultura e educação.

Angélica Carvalho Lemos: Possui graduação em Terapia Ocupacional pela (UFTM, 2011). Mestrado em Reabilitação e Desempenho Funcional (Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, 2017). Pesquisadora colaboradora voluntária do projeto "Identidade do artesanato de tradição cultural do Triângulo Mineiro (2019-atual, integrado ao Programa Interfaces entre Artes, Ciências & Matemática – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, UFTM). Aperfeiçoamento em Gestão e abordagens culturais como visão estratégica para mobilização do desenvolvimento sustentável (UFPB-2020). Doutoranda do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde -PPGICS – UNIFESP. Idealizadora do Coletivo "Mulheres de Herança Artesã".



Filipe & Ana Luiza





Filipe & Ana Luiza





Filipe & Ana Luiza



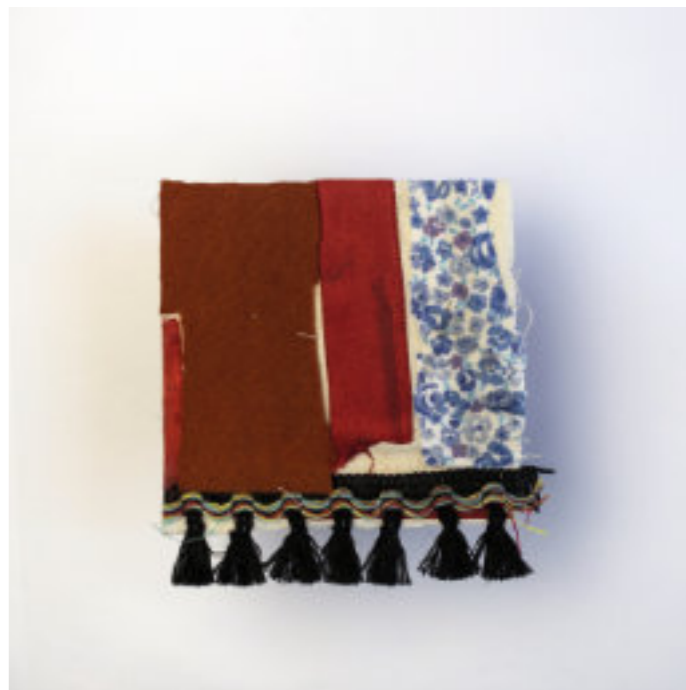
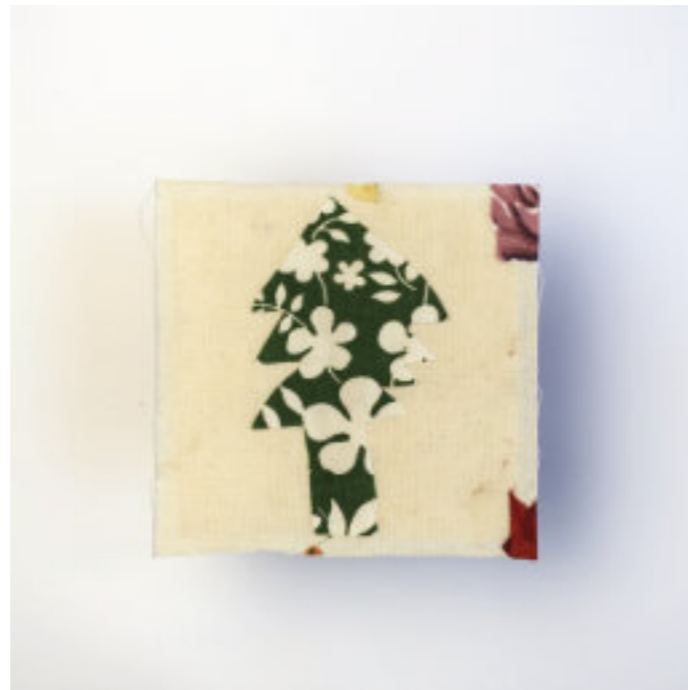
Manu & António & Alina





Manu & António & Alina





Pedro & Paulo

—

PORTUGAL

CARTOGRAFIAS TÊXTEIS PORTUGAL APECV

Coordenação

Grupo de Investigação em Artes; Comunidade e Educação GriArCE

Financiamento

Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, APECV, Portugal

Participantes

Equipa GriArCE: Teresa Torres de Eça; Ângela Saldanha; Célia Ferreira; Raquel Balsa; Tiago Cruz.

Outros Coordenadores locais

Lara Coutinho com alunos de uma escola Portuguesa na Bélgica; Maria do Carmo Almeida com alunos de uma escola secundária de Coimbra; Jorge Simão com alunas da Universidade Sénior de Beja; Bela Dutra com grupo do Faial; Ana Rocha com alunas do Instituto Piaget em Almada; Carla Freitas com grupo do Centro Social da Paróquia S. Salvador de Grijó—V.N.Gaia; Associação Pausa Possível e Viseu Social com 28 IPSS de Viseu; Emília Lopes com a Associação 'Todos'.

Outros Participantes

Carla Martins; Estrella Luna Munoz; Debbie Ezzo; Augusta Gaspar; Maria João Pacheco.

E participantes do Mantra para a Paz.

Atividades

Coordenação Internacional do Projeto Workshops; Seminários e Ações com grupos Reuniões com coordenadores internacionais Organização de Exposições em Viseu; Faial e Praga. Participação em exposições internacionais.

Resumo

Neste projeto de investigação ação participativa pretende-se estudar o impacto do saber fazer artístico com materiais e técnicas têxteis, tais como o bordado e a tecelagem, e o seu potencial ativista. O projeto tem a duração de, pelo menos, 36 meses, com início em janeiro de 2021 e é coordenado pelo Grupo de Investigação da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual. A metodologia aplicada é uma metodologia de investigação qualitativa, de raiz etnográfica e participativa. Partimos de atos colaborativos de criação artística com as artes têxteis para descobrir conhecimento ancestral e abrir oportunidades para as artes e design como escultura social e valorização de identidades locais. Cada investigador dinamiza uma ação com um grupo de pessoas interessadas em colaborar, criando, num tecido quadrado, uma narrativa pessoal que exprime as suas ideias e opiniões sobre a ação humana no planeta Terra.

Palavras chave

Educação ambiental; justiça climática; ativismo; ativismo; participação cidadã; arte e design participativos; artes têxteis; artesanato; localização, transformação social.

O Projeto

MAPPA, palavra latina para tecido, é uma metáfora para este projeto, em que pessoas oriundas de contextos muito diversos da educação artística e com formas muito diferentes de compreensão de cartografias se envolveram criativamente com outras para promover a consciencialização e produzir narrativas têxteis sobre a maneira como se entendem as questões ambientais. Temos sido influenciados de maneiras diferentes pelas extremas mudanças ambientais, provocando sentimentos de resistência, medo, raiva, frustração, depressão, ansiedade, mas também um despertar para a família e a comunidade, para a consciência do lugar, reabilitação das relações consigo e com os outros, e muito mais. Através das artes e do artesanato implicámo-nos no processo de reabilitação. A realização artística, na sua natureza transformadora entre as esferas privada e pública, parte da dimensão solitária e espiritual do eu, para comunicar com os outros. Do silêncio do fazer reflexivo à dimensão de partilha da oferta, usamos as artes para despertar consciências em experiências coletivas à medida que nos movemos no espaço e no tempo. Este pode ser um processo transformador para encontrarmos a nossa humanidade.

A dimensão internacional do projeto potencia o trabalho em rede. Não é uma rede comum criada por meio de redes sociais na internet ou construída sobre relações académicas. A sua estrutura rizomática foi construída convidando pessoas que se preocupam com o futuro e que normalmente usam artes e ofícios para criarem narrativa. O Projeto inclui diversos grupos de lugares muito distantes, unidos pelo desejo de juntar as vozes, de tornar visível a sua esperança na mudança de valores e atitudes em relação à crise ambiental. O mapa do projeto faz-se no acaso e na imprevisibilidade, caminhando lado a lado numa cartografia colaborativa aberta a uma infinidade de possibilidades que a oferta, as dádivas podem provocar.

Em dois anos de projeto desenhámos um mapa com 11 grupos: 25 coordenadoras e mais de 2000 participantes na Austrália, África, Europa e América. Foi desenvolvido um Kit de Cartografia têxtil pelas pesquisadoras Cristina Trigo e Maria Jesus Agra como recurso para as

ações dos grupos. Cada grupo com o seu *modus operandi* valorizou a colaboração.

Em 10x10 cm de tecido, os participantes contaram histórias sobre saberes indígenas; redescobriram os seus lugares; a beleza das paisagens e dos seres vivos do seu território; abriram o véu de histórias não contadas sobre as suas cidades ou regiões; refletiram sobre as mudanças climáticas; sobre a pobreza; sobre comida; sobre paz e conflitos. Histórias para nos consciencializarmos sobre os desequilíbrios e o pouco tempo que temos para nos preocuparmos com o nosso futuro no planeta. O caráter artesanal, impressionante e extensivo do projeto como Yichien Cooper percebeu na reunião do Projeto de julho de 2022, possibilitou que educadores ativistas o utilizassem como forma de cumprir agendas educacionais difíceis que lidam com conexão ambiental e refletir sobre tabus locais.

E esse jeito de fazer, esse ato humilde e solitário de tecer, bordar ou costurar, pode ser um ato de resiliência como podemos ver com o Coletivo de S. Paulo & Minas. Como diz Maria Jesus Agra a dimensão colaborativa do método é realmente outra conquista importante da proposta poética das cartografias participativas através da arte têxtil contemporânea. O ato de bordar em grupo torna-se uma ação emancipatória, lembrando acontecimentos passados, histórias antigas para construir uma memória coletiva que se origina na esfera privada da intimidade. O ritual de colaboração entre bordadeiras que se realiza por meio de reuniões de grupo e exposições em andamento é um ritual de encontro, uma metodologia de aprendizagem e transformação.

Projeto em Portugal

A equipa de Portugal pretendeu investigar as cartografias que se foram construindo através de atividades colaborativas do saber fazer com as artes têxteis, convidando crianças, jovens e adultos a participar conosco em ações individuais e de grupo. As facilitadoras organizaram ações coletivas com grupos diversificados em vários locais para apresentar o convite e criar espaços conviviais para conversar sobre preocupações ambientais enquanto se cosem, bordam ou tecem módulos de tecido de 10x10cm sobre um tema referente à sustentabilidade ambiental.

Etapas

1º Momento (2021-22): Revisão de literatura; análise de projetos similares no grupo internacional.
4 reuniões de coordenadores

2º Momento (2022-23): Ações com grupos em escolas e comunidades informais. Análise de dados. Elaboração do relatório intermédio. Exposições Internacionais.
5 reuniões de coordenadores

3º Momento (2023- 24): Alargamento de participantes. Exposições em vários locais. Análise de dados.
4 reuniões de coordenadores

4º Momento: Elaboração do relatório de investigação.
3 reuniões de coordenadores

Foram realizadas atividades com alunos em universidades e escolas, com técnicos de organizações da sociedade civil, com professores de arte, com amigos e parentes. As ações da cartografia têxtil fizeram crescer um sistema de conexão que empodera cada um de nós, fortalecendo a nossa esperança na humanidade. Em Portugal professoras da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual foram-se juntando, enviando quadrados para a exposição de março e de julho de 2022. O professor Jorge Simão e as suas alunas da Universidade Sénior de Beja resolveram bordar as plantas do Baixo Alentejo em perigo de extinção, a Professora Carla bordou um poema, a Professora Lara realizou quadrados com aguarelas com pedaços de material natural cosidos, a professora Célia bordou as paisagens que lhe sugeriam tecidos tingidos com 'tie dye' e cianotipia, a engenheira ambiental Bela Dutra enviou um painel em azuis e verdes que evocava a biodiversidade marinha. A professora Miká envolveu uma turma de uma escola de Coimbra e juntos enviaram narrativas sobre proteção ambiental. Ngela Saldanha lançou uma peça convite: o Mantra da paz, que foi crescendo à medida que se faziam workshops com grupos ou que se convidavam comunidades para bordar a palavra paz. Célia Ferreira, Ngela Saldanha e Teresa Eça levaram a cabo workshops sobre o projeto em vários lugares. Alguns quadrados, como os da professora Augusta, estavam muito bem bordados; noutros via-se que as autoras estavam a bordar pela primeira vez. Porém, estava tudo certo, e quando juntávamos todos os quadrados a narrativa ganhava relevantes repercussões. Durante as exposições em Viseu, Faial, Valência e Praga os visitantes puderam também deixar os seus quadrados. Todos e todas se implicavam nas narrativas. Mas foi sobretudo com o Mantra da paz que o projeto se ampliou: mais de 1800 pessoas quiseram fazer parte dos mantras que foram sendo construídos em grupos, em ações coletivas, ou durante as ações e exposições do mantra em Portugal; Egípto e Espanha.

"Olá, o meu nome é Lara Coutinho e sou professora de Educação Artística a viver atualmente em Bruxelas, Bélgica.

Já antes de participar neste projecto desenvolvia um trabalho criativo com utilização de materiais locais, reciclados e naturais. Realizava pinturas em aquarela sobre papel onde costurava elementos rejeitados pelas árvores, durante o seu ciclo de vida, e que encontrava durante as minhas caminhadas. Era a minha forma de apelar à importância da natureza para nosso bem-estar físico, mental e espiritual e sua necessária preservação.

Quando surgiu a oportunidade de participar nas Cartografias Têxteis através da APCEV, não hesitei. Através deste projecto redescobri a arte têxtil contemporânea, a performance associada aos conceitos da Deriva e o do Artivismo, que me ajudou a dar um contexto cultural, histórico e, mais importante, solidário e cooperativo a um trabalho que era feito de forma intuitiva e solitária.

Há quem comente que foi uma feliz coincidência, sorte ou o destino que me ajudou a encontrar a Teresa Eça, a Ngela Saldanha e o projecto das Cartografias Têxteis, mas no fundo eu sei que foi essa energia universal e criadora a que chamamos Mãe Natureza.

Ao projeto e suas dinamizadoras, um muito obrigado por toda esta oportunidade de aprendizagem e crescimento."

Lara

Verde cor de[a] [T]terra.
Vermelho cor-desangue.
Verde cor-de-Natureza.
Vermelho cor-do-que-corre-dentro do que não é verde cor-de-Natureza.

Sobreposto o vermelho interior ao verde exterior, cria-se uma certa invisibilidade das [e nas] palavras. Há que chegar perto dos pequenos quadrados, às vezes semi-cerrar os olhos, porque o verde quase engole o vermelho.

Nesse absorver, as palavras, como o vermelho, tornam-se por momentos interiores, recatadas, todavia presentes. Dispostas ao nosso querer, aos olhos que se semi-cerram, ainda que sagazes.

Talvez, ao mirar esses quadrados verde cor-de-Natureza que engolem palavras crispadas em vermelho interior, questionemos a sua ordem, o seu lugar. Talvez, em surdina, misturemos essas palavras. Em surdina ou em silêncio?

Carla Martins

Urdidura

Assim como este projeto se tem construído de muitas formas e dimensões mas em quadrados de 10cm por 10cm escrevo este breve texto. Em pequenos azulejos, janelas, respirares, que emergem deste vivenciar as cartografias. Uma cartografia dentro da cartografia, entrando num diário desta viagem.

Os Aessos

Aveso que des-contém

Quando a Célia Ferreira reveste as paredes de teares, torna as paredes um tear. Deixam de conter, separar, sustentar e passam a ser tecidas, atravessadas por fios e histórias. Fomos, assim, à exposição das Cartografias Têxteis na Quinta da Cruz, juntando-nos a uma caminhada de encontros, e continuamos esta jornada com as nossas mãos.

Aveso que nos des-cobre

Ao fotografar os múltiplos quadrados que nos iam chegando acompanhados de cartas, selos estrangeiros e envelopes desenhados, acontecia que o avesso também falava. Trazia emaranhados do fazer, uma inventividade decorrida do acaso sentido e bem guiado pelo que a agulha rasga para desenhar e por um outro que se esboça.

Numa reunião a Angélica Lemos fala de "fazer as pazes com o avesso". No avesso do bordado encontramos uma verdade, ora ao lembrar o ensino da própria técnica que se revela bem executada deste lado, ora ao revelar o errar e os trajetos que nos compõem e que são trazidos a esta face. As dimensões entrelaçadas do que se revela ao revelar.

Um quadrado, uma paisagem.

No projeto Cartografias Têxteis partimos da terra, de nós, da simbiose inevitável do planeta.

Nos quadrados que desenvolvi partimos de dentro (ou de fora) para desenhar ecos de paisagens. A complexidade de uma paisagem contemplada, a multiplicidade de relação, texturas, temperaturas, sabores, cores, ... e a compreensão de estados internos, afetivos, como paisagens. Vivas, em movimento, um delicado entretecer de elementos expressivos, emotivos e reflexivos. Na conti-

nuidade de uma e outra, abraçam-se e são uma. Não há separação do todo. Refletindo sobre o planeta, refletimos sobre nós.

A respirar

Num momento a exposição pulsa com a constelação de relações de pedaços que nos chegam dos vários continentes, tão viajados de tantas formas. Acrescenta-se um marco a esta viagem, com mais quadrados bem-vindos, e a viagem é outra, recontada de um outro sítio, de um passo adiante.

Na nossa última reunião, em agosto, a Ângela Saldanha falava deste crescer de dentro para fora. Um respirar orgânico e crescente. Ficou comigo esta imagem viva e com ela, tão aberta e narrativa, ficam os espaços sempre a descobrir em que cabem as relações que continuam a nascer entre quadrados, exposições, países, pessoas, viagens e conversas.

Agradecida pelas descobertas. Boa viagem.

Raquel Balsa

Mantra da Paz integra o Projeto Internacional "Cartografias Têxteis" e a Semana Internacional de Educação Artística 2022, da Aliança Mundial de Educação Artística (World Alliance for Arts Education).

Parte da obra-convite "#Mantra #Paz #108" de 108 peças têxteis bordadas por Ângela Saldanha, numa evocação à PAZ no mundo, tendo por base 4 conceitos essenciais:

1. Bordar- é um ritual de ornamento que permite, na sua constante construção, a abstração da técnica e da realidade, permitindo que a mente se transcenda.
2. Mantra (do sânscrito Man - mente e Tra - controle ou proteção, sendo um "instrumento para conduzir a mente")- é uma fórmula ritual (palavra, verso ou sílaba), que se pronuncia repetidamente e que visa alcançar um estado de relaxamento, contemplação, meditação e de comunhão com o cosmos.
3. 108- é um número divino em várias culturas e acredita-se que entoar o mantra este número de vezes ativa a sua essência poderosa na conexão com o Todo.
4. PAZ- evoca-se aqui a necessidade de pensarmos e colocarmos em prática, no nosso dia.

Esta ação artística colaborativa está aberta à participação de coletivos e individuais que se queiram associar a este apelo global, bordando a palavra paz em quadrados de tecido de 10x10cm, nas suas línguas maternas.

Com este desafio à o convite a experimentar a cadência contemplativa do bordado e da repetição das palavras em seqüências numéricas, como processo simbólico de ativismo político através do artesanato. Processo passível de ser realizado por qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, dado a técnica universal que utiliza (narrativas têxteis pelo bordado).

Vários Mantras estão a ser construídos, em vários lugares do mundo, e existe um, construído por membros de mais de duas dezenas de instituições sociais da região de Viseu (Portugal), com o apoio da organização "Jardins Efêmeros", que tem peregrinado por vários países, tendo iniciado a seu caminho na Sé Catedral de Viseu.

Ângela Saldanha

Mantra da Paz
Ângela Saldanha





M

U

S

E

U



Outros



Outros





Margarida, Beja



Amélia, Beja



Fortunata, Beja



Graciete, Beja



Bárbara, Beja



Catarina, Beja



Jorge, Beja



Jorge, Beja



Carla Martins



Debbie Esho





Célia Ferreira

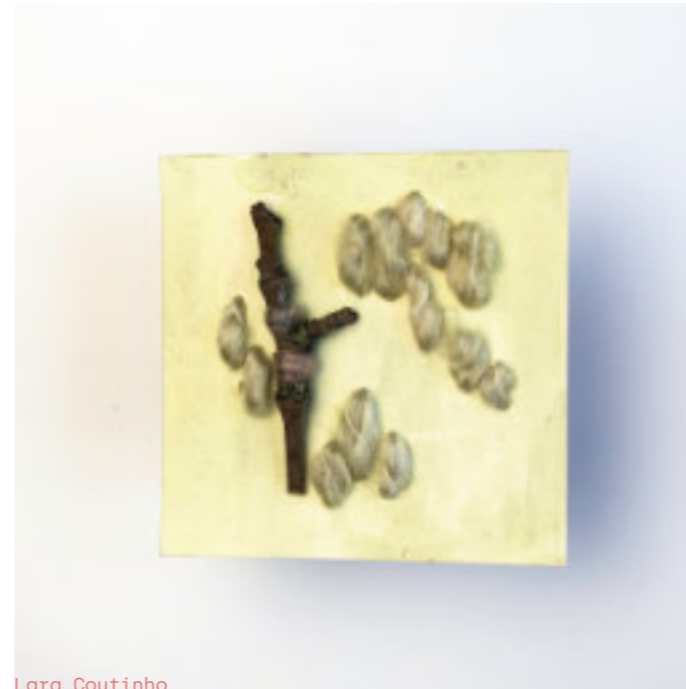




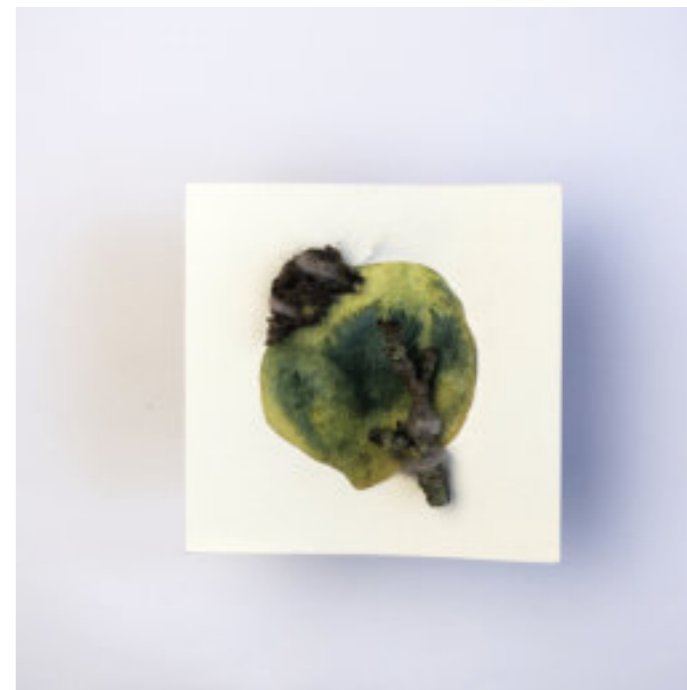
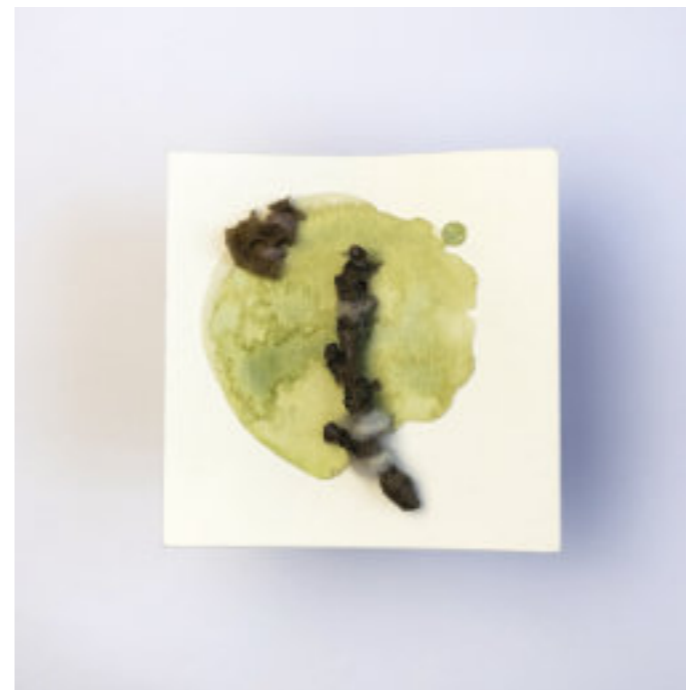
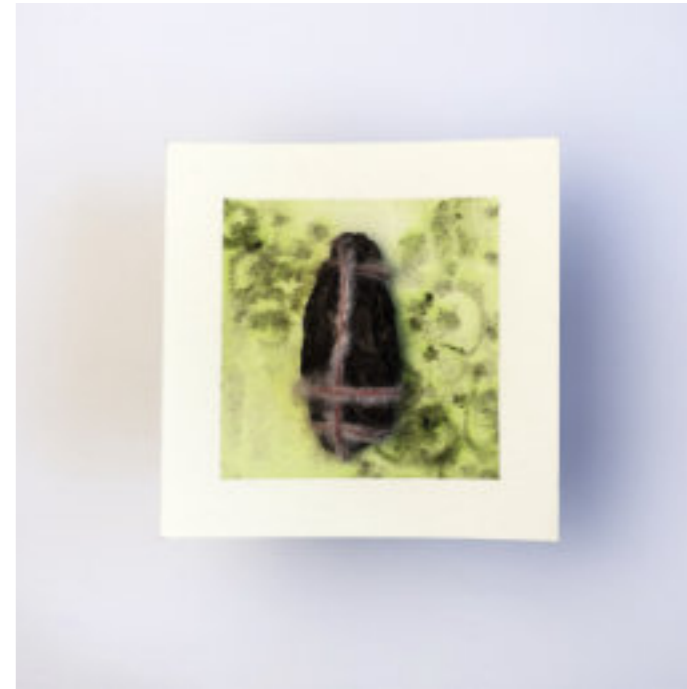
Estrella Munoz



Roquel Balsa



Lara Coutinho





Ana Marta Gonçalves, Coimbra



António Santos, Coimbra



Bernardo Candeias, Coimbra



Caria Carvalho, Coimbra



Beatriz Campos, Coimbra



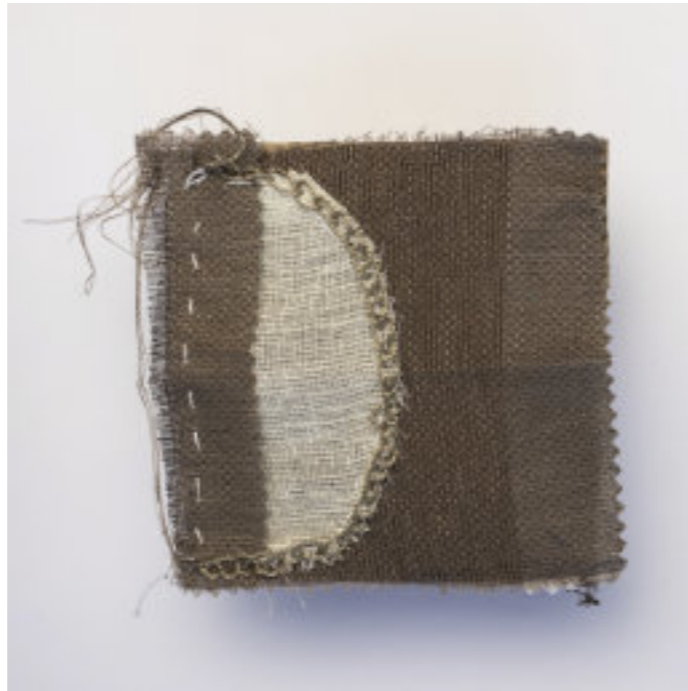
Beatriz Marques, Coimbra



Giselle Correia, Coimbra



Simão Bogalho, Coimbra



Teresa Eça



—

ESPAÑHA

CARTOGRAFÍA TEXTIL ARTE SONORO ARTIVISMO

Coordinadoras

M^a Dolores Soto González
e Ramona Rodríguez López

Grupos P, T y R del Grado de Maestro/a de Educación Infantil de la Asignatura Didáctica de la Educación Plástica y Visual de Educación Infantil.

Hay que desnudar nuestro pensamiento creativo sin ataduras ni miedo, sin vergüenza ya que en el fondo los miedos nos conducen a pensar de forma unidireccional. Solo cartografiando, mirando, mirándonos de otra manera, desnudando nuestra mente y saliendo de nosotros/as podemos establecer nuevas formas de conectar, nuevas formas de crear.

Salir de nosotros/as con nuestra voz, realizar conexiones entre los Objetivos de Desarrollo Sostenible de la Agenda 2030 y las palabras que queremos decir sobre ellos generan el discurso sonoro de la obra.

Los relatos individuales de menos de un minuto generan sonidos que se convierten en gritos sonoros de lucha.

Del discurso sonoro se genera la imagen de nuestra idea que se concreta en una onda fragmentada de nuestra voz, en una obra artístico-sonora.

Nos sentamos y pensamos y creamos en grupo.

El estímulo, los Objetivos de Desarrollo Sostenible de la Agenda 2030.

El estímulo nos atrapa, se adentra en nuestras entrañas y nos provoca una respuesta creativa de palabras, de repente todo esto está conectado.

Poco a poco y con ayuda de las tecnologías grabamos nuestro relato que se convierte en imagen sonora.

Llega el momento de materializar nuestro hallazgo, nuestra propia voz.

A partir de ahí nos planteamos que es un proyecto personal pero también grupal y qué puede llegar a tener carácter universal.

Se trata de conectar pensamientos, buscando un propósito y por ende una finalidad. Partir de lo personal, de lo vivido para llegar a lo universal y buscar la experiencia para entender la individualidad.

Buscamos una idea con un relato que la defienda, las ideas las dotamos de verdad y la verdad surge de las vivencias, de las experiencias individuales y compartidas.

Al principio la idea se muestra difusa, cambiante y abstracta, pero poco a poco va ganando cuerpo y definición. Una constante toma de decisiones.

Nos movemos del pensamiento abstracto al analítico, y establecemos vínculos y conexiones.

Buscamos siempre nuevas posibilidades para llegar al argumento y a la obra.

Lo importante, estar receptivo/a, analizar para encajar todo el proceso y la información.

Entramos en una situación y proceso complicado, compuesto de múltiples direcciones y conexiones inesperadas. Es un rizoma lleno de posibilidades que a veces desbordan la mente, pero lo que nos importa es la esencia de la idea.



Las narraciones y voces que subyacen en la obra son creadas a partir de los objetivos de desarrollo sostenible, acercándonos en su creación a situaciones personales, personas o hechos que toman la palabra.

Una vez germinada la narración pasamos a la voz, en este proceso intervienen opiniones, intercambio de ideas, visiones de argumentos similares y otras veces diversos, todo ello se va filtrando poco a poco y se establece una idea de conjunto hasta que se configura el marco fundamental de la obra sonora.

En esta gran obra colectiva, repleta de voces individuales pero conectada con el pensamiento, puede ser recibida como escucha y como visualidad.

Los recorridos en las piezas pueden funcionar de modo autónomo y también de forma colectiva.

La viabilidad de este proyecto reside en la universalidad de su contenido, nos lleva a pensar en singular y plural al mismo tiempo.

“Siempre quise mostrar al mundo como el arte está en todas partes y solo precisa el filtro de una mente creativa” Louise Nevelson (1899-1988).

Sergio Salcedo Carmona





Mª Dolores Soto González

Doctora por la Universidad de Valencia y Acreditada por la Aneca en las figuras de Ayudante Doctora, Contratada Doctora y Profesora de Universidad Privada. Se diplomó como profesora en 1987, y tras licenciarse en pedagogía en el 89, se embarcó en la construcción de un espacio cooperativo, que desarrolló como fundadora y profesora titular durante más de 18 años, hasta el 2009. Durante estos años ha profundizado en los modelos pedagógicos y educativos en las distintas etapas del sistema educativo, permeabilizándolos a la realidad social concreta, y a las singularidades y necesidades socioeducativas particulares. Posteriormente se incorporó a Florida Universitaria (centro adscrito a la Universitat de València y a la Universidad Politécnica de Valencia), y en la actualidad ejerce en la Universidad de Valencia, en donde realizó comunicaciones de investigación y trabajó en proyectos de investigación competitivos, aportando en las líneas de desarrollo curricular, y de modelos y organización educativa, con una visión amplia e interrelacionada de las mismas, y manteniendo una gran tensión por vincularlas a elementos innovadores en estos campos, tanto en el plano investigador, como en el de transferencia al sector educativo. Subraya este hecho su incorporación a diversos comités editoriales de publicaciones de prestigio, la pertenencia a otros comités de congresos consolidados y significados en los campos descritos, o su inclusión en procesos de construcción de espacios educativos innovadores en distintos niveles. En este sentido, ha consolidado una trayectoria que ha servido para el desarrollo de experiencias educativas en diferentes niveles, incluyendo el superior, bien a través de responsabilidades académicas, o bien como asesora experta en la materia. La intensificación de la producción científica en los últimos años, tras su doctorado en

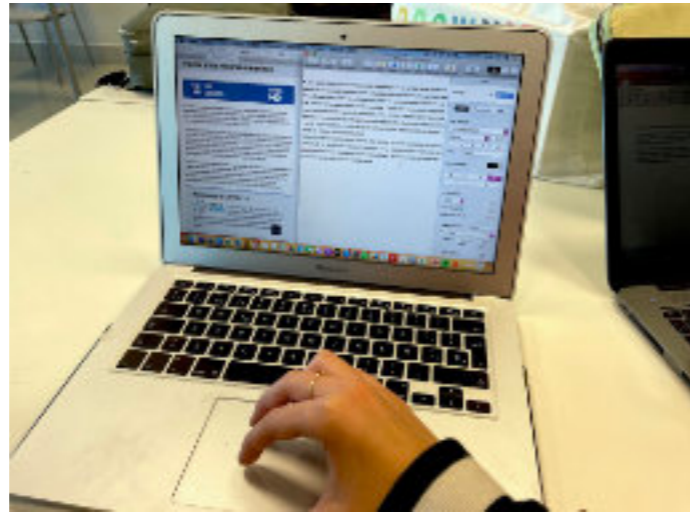
2015, es consecuencia de todo este bagaje, así como de los equipos de trabajo, redes colaborativas e instituciones a las que se ha ido vinculando, que han cristalizado en proyectos de investigación competitivos, o experiencias educativas innovadoras, entre otras. Actualmente socia de la Asociación Española de Orientación y Psicopedagogía -AEOP y Socia de la Asociación internacional de orientación escolar y profesional - AIOSEP. Miembro de la Junta Directiva de Asociación Española de Orientación y Psicopedagogía -AEOP. Editora Asociada de Revista Española de Orientación y Psicopedagogía - REOP. Evaluadora externa de la Revista Española de Orientación y Psicopedagogía -REOP. Miembro del grupo de investigación Pedagogías Culturales de la Universidad de Valencia.



Ramona Rodríguez López

Artista multimedia e Investigadora beneficiaria de la ayuda Margarita Salas UPV (2021-2023), con estancia en el Instituto Universitario de Creatividad e Innovaciones Educativas UV. Doctora en Arte: Producción e Investigación (2021), logrando Cum Laude en la tesis y Mención Internacional. Ha realizado el Máster en Producción Artística y obtenido la beca predoctoral FPI UPV, una estancia de investigación en la Universität für Künstlerische und Industrielle Gestaltung Linz Austria y Erasmus Prácticas. Cuenta con una amplia trayectoria artística que se inicia en Vigo, Galicia (2005, tras licenciarse obteniendo el Premio Consejo Social al Estudiante Universitario) con exhibiciones, premios en certámenes de arte, festivales y proyectos, entre ellos Plástico/Fronteira, realizado en el MARCO, Museo de Arte Contemporánea de Vigo, y relevantes colaboraciones como el HackLab del colectivo Escotar.org o Periferias 11/12, propuesta en la que participó en representación de Submergentes, asociación sin ánimo de lucro de la que ha sido presidenta (2011-2020) y que basaba su actividad en un espacio web sobre arte, tecnología y feminismo (submergentes.org: 2008-2013, submergentes.com: 2015-2017) y en distintas actividades, talleres, jornadas, congresos (CIMUAT), etc. Ha realizado labores de comisariado y coordinación en Hybrid Art Festival (Las Naves), evento artístico con dos ediciones (2012-2013) y en el que participaron artistas internacionales invitados (Agrícola de Cologne) y alumnado de la Facultad de Bellas Artes de San Carlos. Cabe reseñar su continuada participación en proyectos de investigación I+D+i, del Laboratorio de Creaciones Intermedia LCI y del Grupo de Investigación Laboratorio de Luz, este último vinculado al contrato predoctoral, con diversas exhibiciones como Lumatron/Laboratorio

de Luz en el Live Performers Meeting de Roma o Kavafis Vives en el Claustro de La Nau (UV). En la etapa predoctoral, además de trabajar en diversas actividades, impartir docencia y conferencias, ha conseguido dos premios artísticos y un premio al proyecto de idea innovadora con Tuttempo (tuttempo.com): aplicación musical ideada en el curso Akademia Project de la Fundación Bankinter en la Ciudad Politécnica de la Innovación. Su línea de investigación se focaliza en los medios digitales en relación a sus sonidos e interfaces (aspectos visuales y sensoriales, en lo disruptivo), con resultados que se materializan en diversas publicaciones de congresos: ANIAV 2017 y 2019, estancias de Investigación en Linz Austria, en la modalidad de artista invitada: participando en el Phd Kolloquium y la invited lecture series, de Interface Cultures. También ha realizado exhibiciones como Atenea 2019 en Las Naves, con una instalación interactiva y, recientemente, en Panorama 2021, exposición dentro del III Simposio Internacional de Arte y Tecnología, Sala Josep Renau, que contaba con un Open Lab Workshop coordinado por Lilian Amaral y Marcos Umpiérrez, de 5 encuentros en formato virtual.



Creando narrativa

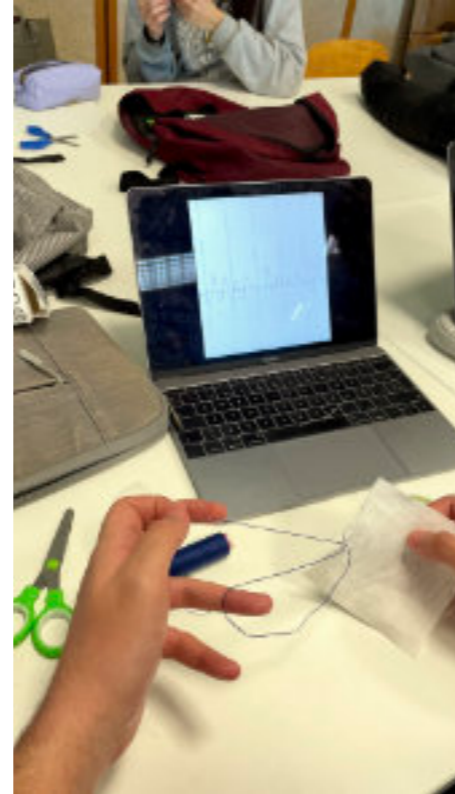
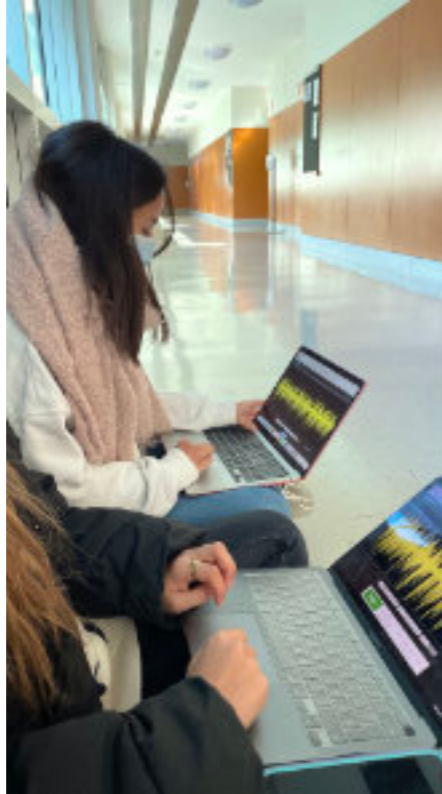


Onda sonora



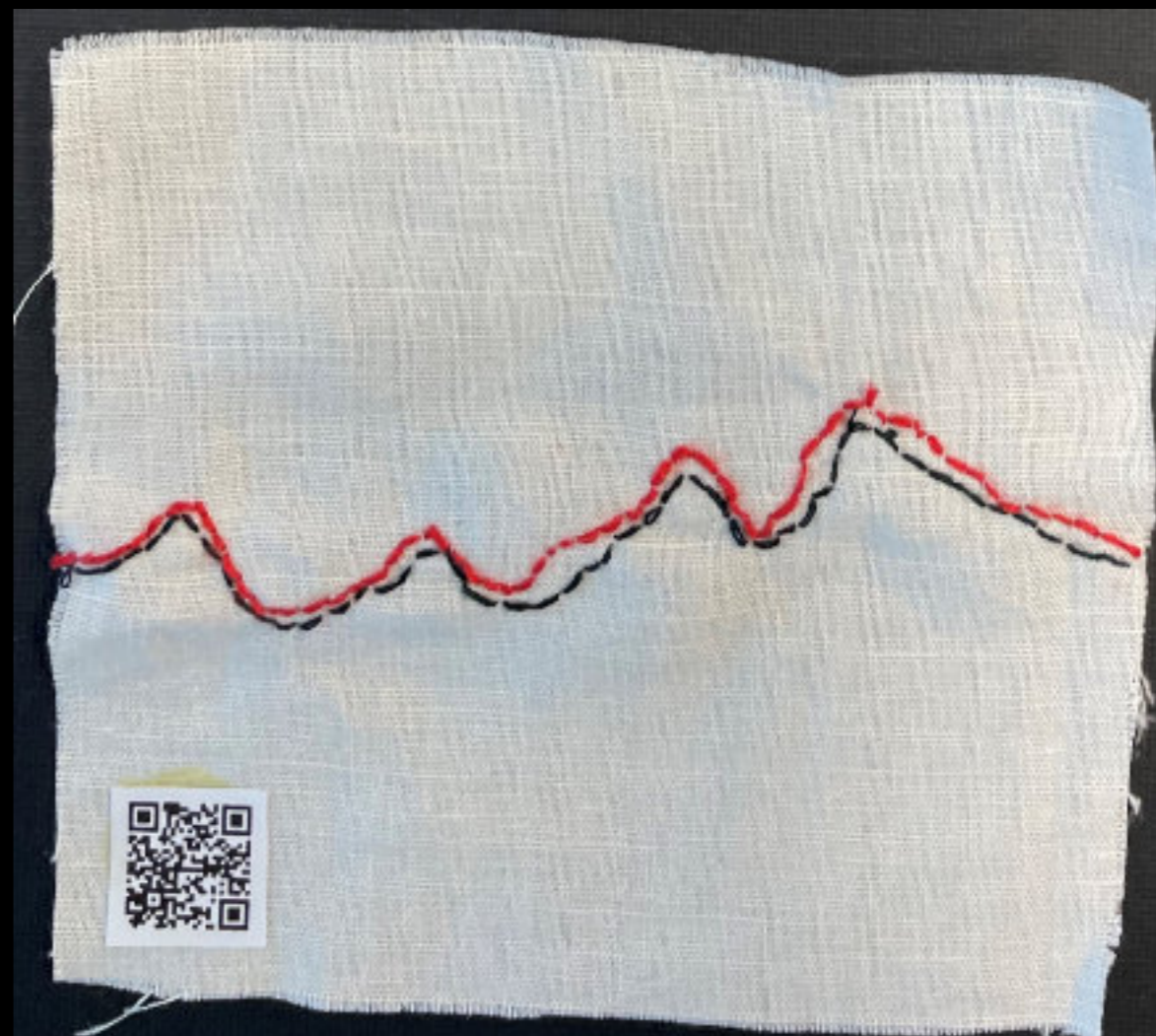
Calcando la imagen

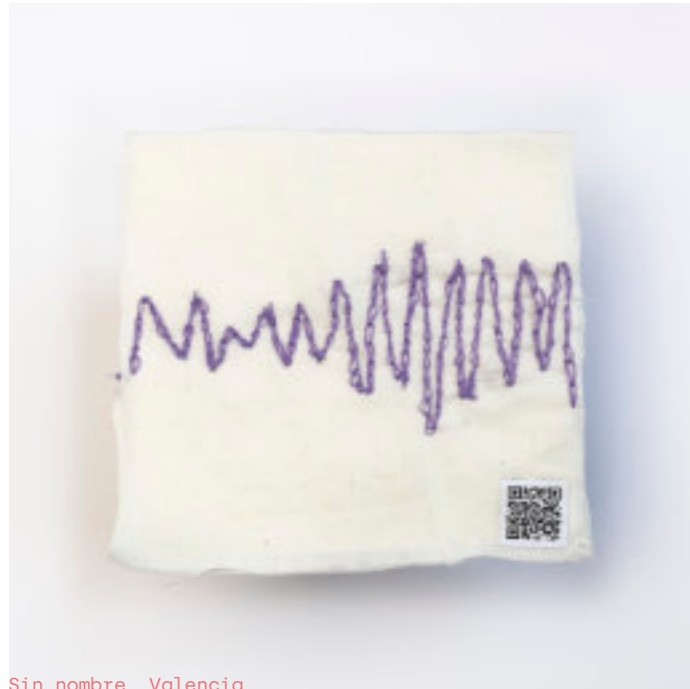
Grabación Voz



Proceso de cosido



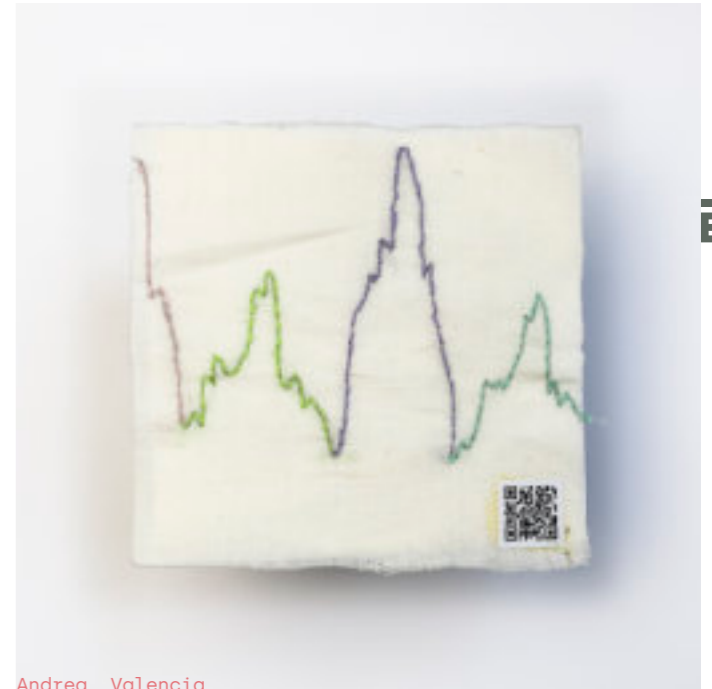




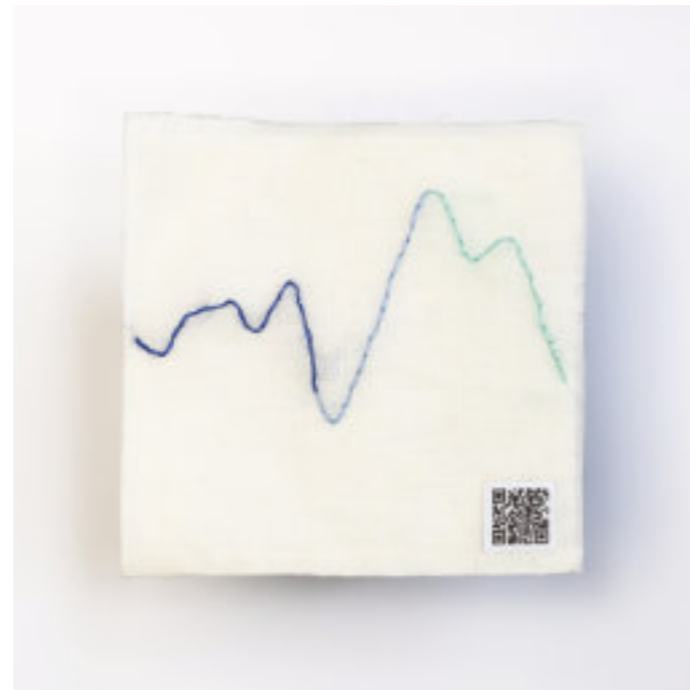
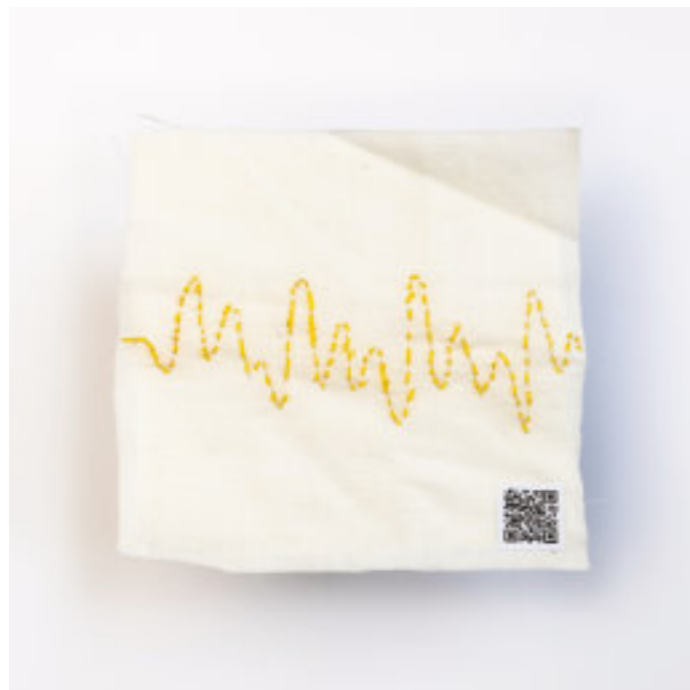
Sin nombre, Valencia



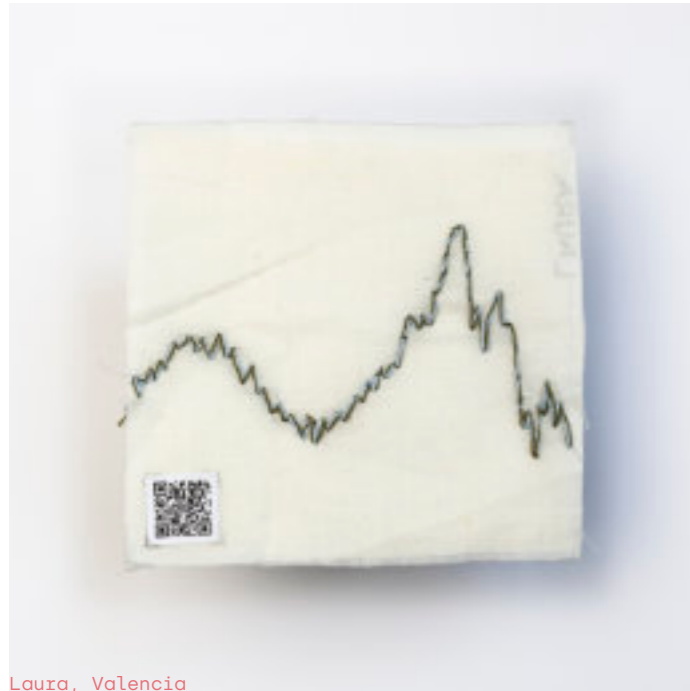
Alicia, Valencia



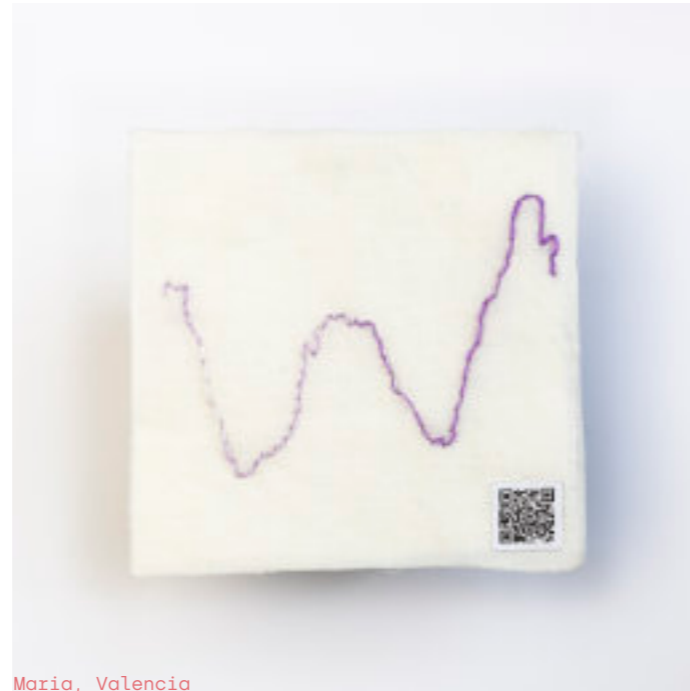
Andrea, Valencia



Blanca, Valencia



Laura, Valencia



Maria, Valencia



Gemma, Valencia



Maria, Valencia

—

NAMÍBIA

LOCATION

Walvis Bay, Namibia

TEAM

Coordinators

Christiana Afrikaner

Claudia Mushindi

Martha Almudena

Namibian Art Teachers

EN



Christiana Deliewen Afrikaner (PhD)

Christiana lives in Walvis Bay, Namibia. Her interest is in community arts. Coordinates community projects. Researcher and arts education activist, interested in arts educational projects. She is a founding member and president of Africa Arts Association (AfrAA). Founding member and chairperson of the Sub-Saharan Africa Society for Education through Arts (SSASEA). Served as World Councilor for International Society for Education through Arts (InSEA), representing Africa and the Middle-East. Country representative for Namibia on the International Study Association on Teachers (ISATT). Founding member of the Ladies Arts Links: LAL.



Claudia Mushindi

Claudia is from Okahandja, but lives in Windhoek with her family. She is a teacher by profession. Claudia has been a teacher for 36 years and a Head of Department for the junior Primary phase over 16 years. Claudia taught subjects like Needlework, home Ecology and Arts. She is interested in music and dance. Claudia spends enormous time on doing crafts. Claudia is a member of the Sisedi Women's Group and the Bridge Workers Choir. She holds a Diploma in Education Management from Technicon Pretoria and Post Graduated diploma in Education from the university of Namibia. Claudia is a founding member of the Ladies Arts Link: LAL



Exhibition, Namibia



Some works developed, Namibia



—
ÁFRICA
DO SUL



HEXLAPPIES

Katrina Mokwena (leader) Nicky Nyanga
Linda Botes, Sally Matolla, Sophia Killian, Elizabeth van Wyk, Hendritta van Eick, Nicky Olivier, Sanna Titus. Beverley Ranchod, Rina Willemse,
Erica Lüttich (co ordinator)
Katherine Low (researcher)

HEXLappies, a group of grandmothers, mothers and daughters co-create together in De Doorns in the old jailbuilding on the N1, the national road. De Doorns is situated in the Hex River Valley, South Africa.

We meet once a week on a Wednesday to share our ideas, listen to each other and find ways to connect our concerns that affects families and the well-being of our town. When we are very busy we connect twice a week, to create more blankets or work on projects that has meaning for the group. The participants all live in a neighbourhood called Stofland and they can walk to the old jail if they come together. To walk alone is not very safe at all. It is about a kilometre to the centre where we meet but there is an open field that the women have to walk through which is unfortunately not safe. Our approach is to share, to listen and the making of artefacts that both speaks about the environment, about the availability of material, the specific choices we make that impacts our lives and how can we make a difference. We use craft, embroidery, knitting to co-create, but we also participate in environmental issues for example participating in the Stitches4Survival Campaign at COP 26 in Glasgow. We participated in clean up attempts around De Doorns to collect and clean designated areas of rubbish, paper and plastic. We are makers, we are practical and share our skills with each other so that the learning is inclusive, keeping pace with each individual and we laugh a lot. This project started in May 2020 under the heavy Covid-19 Lockdown regulations we experienced in South Africa. There was a need for the primary caregivers, the mothers and grandmothers of the town to find a space to share their stories. These initial Wednesday meetings was to offer each other support and engage in skills development that was connective and inclusive. The environmental awareness grew out of these first meetings and the conversations was about

our space, our own backyard and what is our responsibility. This is a journey that is intuitive, is about each individual and although choices are constantly made it is not prescriptive and not about deadlines. These women experience various pressures at work, at home and in the social construct that women have to abide by. Our space is about a learning, experiential and inclusiveness and creating which allows for social justice interventions to be explored. Over the last 2 years the project has developed strong commitment to each other, to the respective families, but also to each other. The learning and sharing has become based on respect, sharing creative skills and that making a blanket, or cleaning a street is all our responsibility. We engage with events in our town to support the Senior Home, we knit hats for a burn unit at a children's hospital, we knit blankets for an orphanage. We select various ways to offer support, be pro-active and use our skills to benefit those around us. We are connected, we are committed and we want to participate in this valley. We created several short films at the end of 2021, and feel that these films speaks about the impact we have on each other, the influence of positive engagement. We created a project that has trust and willingness to tackle the complex issues we as a country faces everyday. We speak about our colonial history, about slavery, about the impact that we humans have on the environment. We raise the concerns of violence against women and children, (engaging in the 16 days of Gender Based Violence against Women and Children), we try to find ways to create interventions that is specific and can reach people around us. Both our Instagram and Facebook pages have grown and we use these platforms to voice our concerns, our experiences and that we are making a contribution to our immediate surroundings. We do experience the shortage of material and equipment for all the resources we need. But we learned that we need to use what we have, what we want and what we need are separate issues and the future on this planet is precarious and that need versus want is part of the dilemma on earth. We can build awareness and we should play a role in how we want the future to be for all of us.

facebook www.facebook.com/groups/583736499020913
Instagram [@hex_lappies](https://www.instagram.com/hex_lappies)



HEXLappies

HEXLAPPIES

9 CLOTHS FROM 9 WOMEN

In my memory, when I was at school (1970-1981), I learned that a man was allowed to walk for a day and then this land he walked during that time frame would belong to him. It was presented as a noble course and the right of man to own land. I was never taught that people lived on this land. I was never taught the Land Act of 1913.¹ These were the stories re-told carefully again and again so that the narrative of South Africa was always in favour of the man, the righteous religious conqueror. I only realised by age sixteen (1980) that something was wrong. By then it was too late.

I live in the Hex River Valley in the Western Cape, South Africa. Here I have since 2020 worked together with a group of women who live in Stofland, one of the suburbs in De Doorns where predominantly people of colour live. Despite our birth of democracy in 1994 the urban geography is still based on the Apartheid era philosophy. This schism in the ownership of land is problematic and has led to poverty, food security issues and access to generational wealth for most families.

We live in an area where agriculture is the main and predominant produce, labour employer and export grapes the only economically viable option. The degradation of the natural landscape is visible and water scarce. During 2013-2018 the drought severely affected everyone in the Western Cape.

During 2006/2007 families were informed to apply for a piece of land 10m x 10m in Stofland. Some had to wait as long as 6 years and some longer to actually have ownership of this land and a small house. These are the

women, mothers and daughters that I have created artwork and developed conversations around the natural habitat, our responsibility and commitment. Finding solutions for our future is complex and we engage with as many local projects to improve our general well-being.

These 9 pieces of cloth that measures 10cm x 10cm is a direct response to the land issue in our country. The calico was off-cuts, the thread the small pieces that we collected every day from the floor. These were the remnants of our daily craft work and these small bits were worked into these squares whilst we talked about the issues at hand, the violence women endure, the degradation of the environment, the legacy of inequality for centuries that we still experience.



9 clothes from 9 woman

—
1
The Act became law on 19 June 1913 limiting African land ownership to 7 percent and later 13 percent through the 1936 Native Trust and Land Act of South Africa.
<https://www.gov.za/1913-natives-land-act-centenary>

MAPMAKING HEX RIVER VALLEY JUNE 2022

Erica Lüttich

Maps disseminate information that might be useful and or not at all. The way we 'see' maps today was determined by the mapmakers of the 13th century (www.thoughtco.com/the-history-of-cartography-1435696) and as these mapmakers were based in Europe, they centred their own place/space and the current world map is perceived to be with Europe at the top and Africa generally at the bottom. But as most countries even the ancient Greeks centred their worlds it is part of a strange form of nationalism that prevails in many parts of the world.

Story telling is very much part of mapmaking history as many people would return from journeys and tell the tales of their experiences. So, this mapmaking was a visual as well as geographical record of time, travels and stories.

How can we create our own maps that will underpin our stories, our lived experience in the current violent environment? In the Hex River Valley only grapes are produced which is a monoculture and holds much fear for the future of climate change. As it is the only possible employer of mostly seasonal workers it is not something that will be adjusted and or change soon. Although artists are constantly raising the issue of various climate change narratives, these are not in the mainstream of conversations nor are any producer looking at alternative produce to cultivate. Furthermore, the fruit fly has been eradicated from the valley which the Cape Dwarf Chameleon relies on for food and therefore these small reptiles cannot be found in its natural habitat anymore, the status is near extinct. (www.sanbi.org/animal-of-the-week/cape-dwarf-chameleon)

How do we create a map that addresses our needs and records our story? But starting to create maps that can be combined to introduce a bigger map that does have relevance to us living here. By taking our points of interest, be they generational, experiential or telling a story we can narrate a map that is of value to us and our families.

Maps are a 2-dimensional representation of our world, that is a circle, and rotates around its own axel. This flat version of our world consists of many distortions and variants. One way of being able to map out our world is by creating a sculpture, a 3-dimensional version of our spaces. And this is where our journey started with Lauren Low, a master's student from the Royal Central School of Speech and Drama. During June 2022, she spends 4 weeks with us to introduce us to new ideas, inspiring ideas including puppetry, map making, and facilitating alternative ways to connect and activate our spaces.

Lauren posed many questions:

1. Showed a series of maps, ask many questions?
2. What and who is represented in these maps?
3. What information can we gather from these examples?
4. Can we learn from these maps?
5. What does maps do, and how can we create our own maps?

Using items, some recycled, some containers from our lunch we created a space that has familiarity, is known to us and follows our footpaths. This conversation had to be negotiated, explored and shared to be inclusive. The next step was to re-draw this spatial map onto paper and add the detail, the nuances and the stories of our world. The map created by the women informed us about spatial geographies, unjust service deliveries, how the resources are still unequal and the fact that there are very few safe spaces for children to play safely.

Partly this mapmaking workshop was also intended to identify community resources, understanding a sense of place and belonging, and more importantly to evaluate the resources available to people living in the area.

Here follows a few translations from the women who participated in this mapmaking workshop:

The first question asked was what did I learn from this map? What do we want to say with the information gathered? How can we inform ourselves and others with this information?

I realised that the mountains are so beautiful, and this map made me re-look at them in a new light. When I look from the mountains to where we live, I realise that we have very few homes and mostly have many shacks, or as we say in Afrikaans, 'hokke'. It made me realise that we do not have enough houses for the people to live in. There are many vineyards, and this is where we find work. The roads in our area are dusty, full of holes, difficult to navigate and have to many stones.

My worry is the graveyard situated where we live. There are footpaths, lots of rubbish and the children use it as a playground. This is the place where people come to rest after death, and now everyone walks across, leave their rubbish and play on the tombstones. These people are dead and buried here, yet we are living amongst them.

In our area there are no safe play spaces for children. People continuously dump their rubbish everywhere and we constant have water running in the streets. This is called 'sigwater' in Afrikaans, or surface water. The dumping of rubbish causes the waterways to be blocked and now the water runs freely in our streets, into our yards.

When I look at the map, I remember where I live, my house, my people and family, living around me on paper. Seeing my life on a map was important to me.

Sophia Killian

We learned that a map is never the same for every person. No map is wrong, and it is about your own experience. For me the mountains are important as this anchor me in this place. I think it is important that we do something about the ugly spots where we live. The rubbish on the N1 (a national road) that just lies around. One cannot find a path through the rubbish. This is awful and so ugly. People uses the rubbish dumps as toilettes, there are broken glass bottles and dead animals lying around.

This is a very worrying problem, and I wrote a poem about this:

*I believe that I am not the only person
who finds the dumping of rubbish
anywhere quite annoying.
I know that if you teach your kids
to clean up behind them,
it won't be such a problem.
I want the municipality
to put up notice boards
and give out warnings
to anyone who makes themselves
guilty of such misbehaviours.
I hope we will find a solution
in the near future,
because I can't bear the thought
of my grandkids playing in a dumping site.
The total ignorance
about the act of dumping makes me
want to break a few things.*

Marlene Baker

I always knew how important the N1 was as it transports all the food with trucks between Cape Town and Johannesburg. But I only realised the significance of this when we created this map. The impact that this road has on my life and that my heart lies on this road. It takes me home (towards the South) to my family in Cape Town and when I go North to my family in Touwsriver, or beyond to the Karoo, Laingsburg. I use this road constantly and it reminds me of my journeys. The mountains were one of my motivations to live here, I can meditate, walk there, take my dogs for a walk, and it is the reason I live here.

I learned from Lauren how important mapmaking is as well as the author of the map. The knowledge that I gained how to use mapmaking but also how it can be used as well as the affect this can have on our lives. I am amazed as how my perceptions altered when we created this map and the importance of the N1 and the natural beauty that we are surrounded by.

The mapmaking workshop also highlighted to me what we lack in our town, no public rubbish bins, no green spaces, no safe spaces for children to play. And no public dumping sites, everyone just uses any space without any consideration for their neighbours.

In De Doorns the main source of employment is working as farm labourers preparing, harvesting and packing of the export table grapes. We, the majority of people in the Hex River Valley, depend on this seasonal work to survive. All of us have worked on these farms in various capacities however I find it peculiar that not one of us included this major source of income, the only employment available to most of us on our map of De Doorns. I have a few thoughts on this. It could be that we wanted to exclude the vineyards in order to show we are more than just the table grapes that De Doorns is known for. Or we are tired of having this as our only source of income and by not including it we are hoping for change, but we have no idea what these possibilities are as we do not have the capacity to influence these decisions.

Nicky Nyanga

Co-facilitator, HEXlappies

I live in De Doorns for the last 7 years, but our place has not changed at all. If there will be changes in the services delivered to us it will prevent our children from getting various illnesses. So let us try to clean up the rubbish for our children and for the older generation so that we can be healthy and live in a clean space.

For me the biggest problem after I worked on this map was the pigs, goats that lives in the fenced of places in the mountains. These pigsties are not cleaned by the owners, nor maintained at all. In the summer the stench and the flies are awful. It is a real health hazard to all of us. Even in Winter it is now a problem for us living close to these 'kraals' or fenced animal places.

I drew Petra College, the old Prison in De Doorns, as it is the place that I feel happy to come to. It is important to me as I learn, experience joy and I feel that I have a value here that is recognised. I meet people, I learn new skills and I am happy when I am here as I learn from the women here at HEXlappies.

Simoné Ruiters

The Engen Garage is important for all the busses and taxis who stop here to collect and drop passengers who are visiting us, family members and friends. The railway line holds a special place for me as it takes me to Kimberley. As a young woman I use to travel on the train to visit Andrew, my husband's family who lives there. As a young newly married woman I used to take my new-born children to his parents to show them their grandchildren. That is why Kimberley holds a special place in my heart and I had to draw it on our map.

My children can easily get to the High School from our home and that is of great value to our family. There are subways under the N1 which makes it safe for them to get to the school.

And I love the mountains, they are incredible and of great beauty to our valley. It gives us water when it rains, snow in winter to re-plenish the underground water supply to the De Doorns.

Katrina Mokwena. I am 52 years old.
Leader, HEXlappies

youtu.be/jCVySWDCiB0
youtu.be/bkJOzfnNNU

1. Hendritta van Eick on the table trying to reach the middle of the map.
2. Katrina Mokwena and Hendritta van Eick in serious discussion.
3. Detail of map growing with detail.
4. Marlene Baker, Katrina Mokwena and Nicky Nyanga engaging with the mapmaking details.
5. More details of the map expanding.
6. Completed map.
7. Discussion with Katrina Mokwena, Sophia Killian and Smurf (choreographer)
8. Going home asking for lemons from the neighbours, with mountains in the background.



Sophia Killian



Elizabeth van Oyle



Linda Botes



Nicky Nyang



Henditta van Eiac



Sama Titus



Nicky Olivier



Katrina Mokwena



Rina Willense

—

EGÍPTO

Coordinators

Samia ElSheikh and Yasmin Kamel.

Students participating

Mariam Essam Mohamed. Marwa Ashraf Ahmed. Mariam Mustafa Ali. Mariam Ahmed Mohamed. Mariam Mohamed Alrawi. Malak Hossam Eldeen Hassan. Marim Tarek hendy. Mariam Amgad Ali. Mohamed mokhtar mohamed. Manar saber ramadan. Mariam Sherif Rashad. Maram alaa ahmed. Mariam gergis Mourid. Manar mohamed abd elhamied. Mariem mohammed reda. Mozn mahmud seif. Manar mohmaed saed. Malak hasan ab-delfatah. Mariam Magdy Nasralla. Mariam Alaa abbas. Mariam mekhael Youakem. Mariam Alaa Mohamed. Mariam Ezzat Rawyan. Mohamed emad askar. Mariam George Ayad. Mariam Magdy Ryad.

Post graduate students

Mona Esam. Salma Said. Nourhan Abd El Gayied Attya

Samia ElSheikh and her assistant Yasmin kamel, introduced the project in the teaching fiber arts course to the undergraduate students, final year. There were 31 students who were very interested to join the project. They discussed how can we express our appreciation to our daily connection with the roads. We thought to turn our road locations into a fiber art and see how it look like from one to another.



Samia ElSheikh

Professor of hand weaving and fiber arts at the faculty of Art Education, Helwan University, Egypt. I supervisor many students in master and PhD programs in my college. I am an art educator who has many co-author books in both Arabic and English languages. I am one of the vice president of Insea. I wokrked with many art educator and artist in different project such as: peace patchwork, 123 artgila and this project. I studied my PhD in New York University. I exhibit my hand weaving since 1993. I am proud to be one of Nancy Belfor's students in hand weaving and fiber arts. I work with Egyptian cotton and other materials. I have my own studio in Cairo, where I put my 8 hearnses.



Rounaa Food



Mariam Alaa El-Dine Samy



Mariem Osama ElSherbini



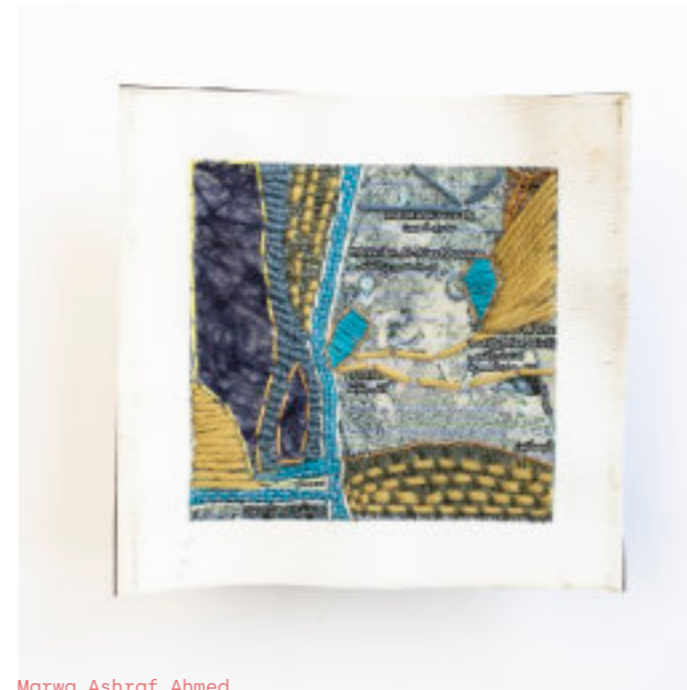
Malak Hossam Eldeen Hassan



Manar Mohamed Abd Elhamied



Mariam Magdy Ryad



Marwa Ashraf Ahmed



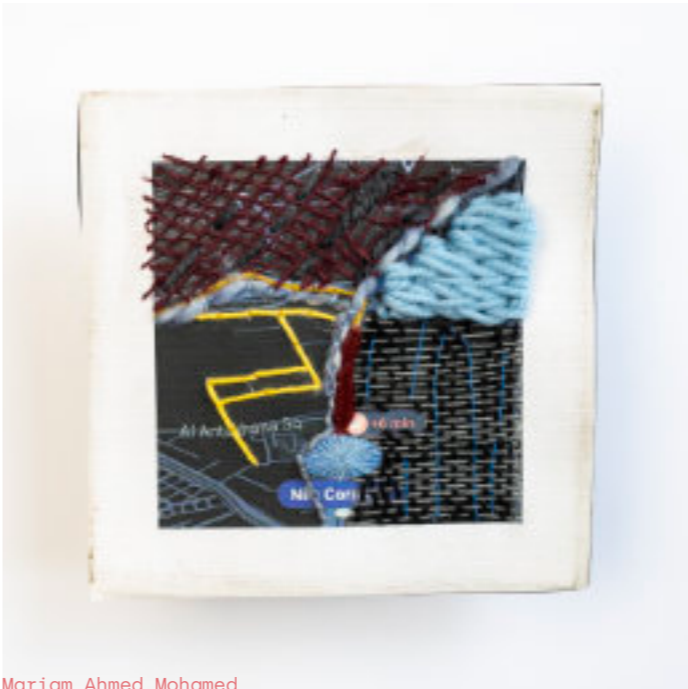
Mariam Mekhael Youakem



Mariam Mohamed Alrawi



Manar Sober Ramadan



Mariam Ahmed Mohamed



Mohamed Mokhtar Mohamed



Mariam Sherif Rashad



Malak Hasan Abdelfatah



Mariam Essam Mohamed



Mariam Magdy Nasralla



Moza Mahmoud Saif



Mariam Amgad Ali



Mohamed Emad



Mariam Mohammed Reda



Mariam Ezzat Rawyan



Mariam Mustafa Ali



Moutasem Hatem Elkady



Mariam Ashraf Lotfy



Mariam Emad Eldin Abbas



Mariam Alaa Mohamed



Manar Mohmaed Saed



Maram Alaa Ahmed



Marim Tarek Hendy



Mariam Khaled Mounir



Mariam George Ayad



Mariam Gergis Mourid

—
AUSTRÁLIA

ACTION ART GROUP PROJECT CARTOGRAPHY 2021 – 2023 TELLING STORIES THROUGH ART

Bridge To Nowhere Arts Association Incorporated,
Port Pirie. South Australia

Coordinators

Cheryl Fischer & Melanie Sarantou

Our Community Art Group will work together to learn and create different methods of expressing ideas, recording observations and telling stories through art. The group is interested in "mapping" as a way to look at the history of your own place, a town, or a region that you identify with. It could say something about the environment, social aspects or about a Country.

The group was interested in people's narratives in the form of written story, poem or song about the environment and arts experience on their wellbeing. They started with the following questions to organize the work and to invite the others to the collective exhibition during the South Australian Living Artists Festival and the regional Brush With Art - Artists of the Flinders Ranges Exhibition:

Country: where do we live – a map, a view, a visualisation – How do we live here? Why do we live here? How do we feel about our country?

Environment: What we see? What we do? What we know about it? What we love?

Culture: What we do? What we believe in? Why? Where do we come from? Where are we heading?

During 12 months the group conducted several workshops experimenting visual arts materials and techniques and played music. They experimented with textiles using fabric paints, fabric pastels, embroidery thread, sewing machine & thread, felted alpaca on muslin and trying techniques such as felting, embroidery, machine sewing; painting and pastel drawing.

Our Textile Cartographies – Telling Stories Through Art project is progressing steadily in Australia with ongoing music and art/craft workshops occurring each week. It's a full-time job for me just advertising, promoting and supporting each activity. Members and visitors are beginning to appreciate both the topic and the submissions to the project – in particular we love the notion of creating smaller 10 x 10s. Without this project, some members would never have explored the problem of textile waste in the world and had unwittingly contributed to the problem. We also loved the videos you sent us. It gives us an appreciation of how other groups around the world might be operating. Around our district of Port Pirie, Weeroona Island, Napperby and Warnertown we live in a very dry and harsh environment. Like others we have experienced both floods and bush fires (2014) and as our land recovers and bushland gradually regenerates birdlife, flora and fauna are beginning to return with more food available. Our membership comes from very diverse backgrounds with varied interest in the arts so this project has been instrumental in bringing together ideas and shared experiences, skills and knowledge. We have new members each week joining in so we delight in the freshness this brings.

Today we have Kumihimo Braiding and next week we have Nuno Felting followed by Needlefelting workshops so it is still a busy month.

We hope soon to have a stitch and chat day to sew up our Musical Carpet which is still in the pinned together draft stage although we have trialled the music successfully on three occasions.

Cheryl Fisher, June 2022

The Stories

Iris Petitt, Australia. "World Calamity" – Title – Look Our World is Melting – painted on heavy card. With the activity of power stations a high level of mercury has been found in polar bears, radio activity in the Arctic marine system has increased and there is mounting threat from toxic industrial chemicals and pesticides in the range of the large predator. The world's glaciers are melting at an alarming rate. Glaciers in the Himalaya are retreating faster than any other part of the world. More than two billion people, 1.3 of the world's population rely on the Himalayas for their water. Scientists from World Glacier Monitoring SVC predict 95% of Alane Glaciers could vanish in 100 years due to global warming. (source not stated).

Iris Petitt, "From the beginning of the Industrial Revolution to now, fossil fuels ie. Coal, natural gas and crude oil are burned to run cars and trucks, heat homes, business and power factories. The release of CO2 has escalated due to human activity; all of the above uses are responsible for 98% of Co2 emissions, 24% of methane and 18% of nitrous oxide. In 1997 the U.S.A. emitted 1/5 of the total Global Greenhouse Gases, not to mention China, India and Australia – (source not stated).

Kylie Coomblas

Title: Gum Leaves; Country: Australia, Port Pirie.

Kylie Coomblas

Title: Protea; Country: Australia, Place Port Pirie.

Colleen Mulholland – "Stoned" – Intuitive gel print plus collage. Stone statues sit in the rich colours of the Australian outback under a stunning sunset, with colours reflecting onto the stone.

Katherine Jane Hansen, Nukunu Country, Southern Flinders Ranges. Title: Sleepy Lizard. This piece is about caring for environment by reducing waste, not using "Tiligua Rugosa" poisons. Keep the plants and animals alive.

Mary Bateman "Gum Flowers" Australia Pt Pirie. This is about climate; in my area the summer heat gets very intense, and it is hard to grow flowers. Gum trees are native to Australia and most gums flower after the intense heat of the summer has passed. There are over 900 species of flowering gums. The leaf is thick with a waxy coating, and the flowers consist only of stamens that unfold out of a pod after the cap has fallen off. I printed the leaf shape using a leaf. The paint is acrylic mixed with fabric medium on calico.

CHERYL FISCHER: BABLERS in colour: Dry Point Print on 300gsm rag paper. I used the inside of recycled tetra packs to etch my design. Then printed it using Intaglio Inks on my Cold Press Laminator. The bird is an imagined colourful version of our White Browed Babblers who live among our salt bush on our property at the foot hills of the Flinders Ranges. It is a very dry area and the birds tend to be a dull grey/brown colour to blend in with the drying vegetation.

(Cheryl Fischer 2 of 10 x 10 were dry point prints on paper water coloured after print was dry. To highlight the plight of some of our colourful Australian birds and the endangered Yellow Footed Rock Wallerby).

Mary Bateman "How vines give shade in the garden", Australia, my garden. This piece is about climate. I recently bought a beautiful daisy bush for my garden. When I planted it out in the sun, the flowers faded from deep red to a pale yellow and were much smaller. When the weather cools, I will transplant it under the grape vine that I have trained to give shade to part of my garden. With the vine I can grow flowers that would not survive without the shade. I hope my flowers go back to their first colour and size when I've transplanted the daisy bush. I printed the vine leaf from a leaf and painted the daisy as it was when I first got it on the leaf, the smaller flowers show the size and colour effect of the sun. The paint is acrylic paint mixed with textile medium on calico.

BRIDGE TO NOWHERE: Textile Cartographies Summary

Julie Henderson

Evaluation data from the Textile Cartographies International Project indicated that involvement in the activities associated with Arts Now Here had unexpected benefits for the mental health and wellbeing of participants. Many of the participants are older adults. Older adults are known to have reduced social networks due to retirement, loss of friends and partners and health concerns (Kaupi et al, 2021; Keperman et al, 2019). A loss of social networks can be accompanied by loneliness and can lead to cognitive decline, depression, and poorer self-care, particularly for those with limited close relationships (Santini et al, 2021). One strategy to prevent decline is involvement in formal activities (Santini et al 2021). Participants in Art Now Here identified involvement in group activities as reducing loneliness and increasing community engagement. For some participants it also increased motivation to take up new activities or revisit older interests and hobbies or alternately to mentor others in acquiring new skills. Further, there are benefits arising from involvement in creative activities. Goulding (2018) argues that involvement in creative activities has benefits for well-being beyond social engagement. Engagement with creative activities enhances skill development, creates pleasure and promotes self-reflection. Self-reflection in turn, may promote resilience in participants through making meaning of their personal experiences. This is particularly important for older adults who have a greater range of experiences to draw upon. The acquisition of technical skills, albeit artistic or musical, in a supportive environment was an important factor in engagement of participants in Art Now Here. Many participants noted acceptance of their current skill level and opportunities for further development and a sense of belonging through engagement within a creative community. Skills development and self-expression were identified as important outcomes and motivators for group membership. One unexpected outcome of engagement in Arts Now Here has been the extent to which participants have used the skills gained to give back to the community through skills sharing or using those skills for volunteering in other organisations. In so doing, Art Now Here contributes to the social capital of the wider community

through creating and promoting social networks (Carpiano 2006). This has had benefits for the well-being of both those sharing skills but also for recipients of that skills sharing extending the benefits of engagement with Arts Now here beyond that organisation to the wider community. Examples of community engagement include: development of self-guided history and arts tours; instrument teaching; busking; and development of a music group in an aged care facility.

Bridge to Nowhere Arts Association Inc

References

- Carpiano, R. (2006) *Towards a neighbourhood resource-based theory of social capital for health: Can Bourdieu and sociology help?*, *Social Science & Medicine*, 62(1): 165-175.
- Goulding, A. (2018) *Setting the scene: older people's conceptualisation of resilience and its relationship to cultural engagement*. In Anna Goulding, Bruce Davenport and Andrew Newman (Eds). *Resilience and Aging: Creativity, Culture and Community*, Bristol University Press: Bristol (pp. 19-42).
- Kauppi, M., Virtanen, M., Pentti, J., Aalto, V., Kivimäki, M., Vahtera, J., & Stenholm, S. (2021). *Social network ties before and after retirement: a cohort study*. *European Journal of Ageing*, 18(4), 503-512.
- Kemperman, A., van den Berg, P., Weijs-Perrée, M., & Uijtdewillegen, K. (2019). *Loneliness of older adults: Social network and the living environment*. *International journal of environmental research and public health*, 16(3), 406.
- Santini, Z. I., Jose, P. E., Koyanagi, A., Meilstrup, C., Nielsen, L., Madsen, K. R., ... & Koushede, V. (2021). *The moderating role of social network size in the temporal association between formal social participation and mental health: a longitudinal analysis using two consecutive waves of the Survey of Health, Ageing and Retirement in Europe (SHARE)*. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, 56(3), 417-428.

Note

This text is part of the report from BRIDGE TO NOWHERE ARTS ASSOCIATION INC FOR ARTS GRANT ACQUITTAL. Data was collected in the form of short video clips by Project Managers Melanie Sarantou and Cheryl Fischer.





Cheryl Fischer



Cheryl Fischer



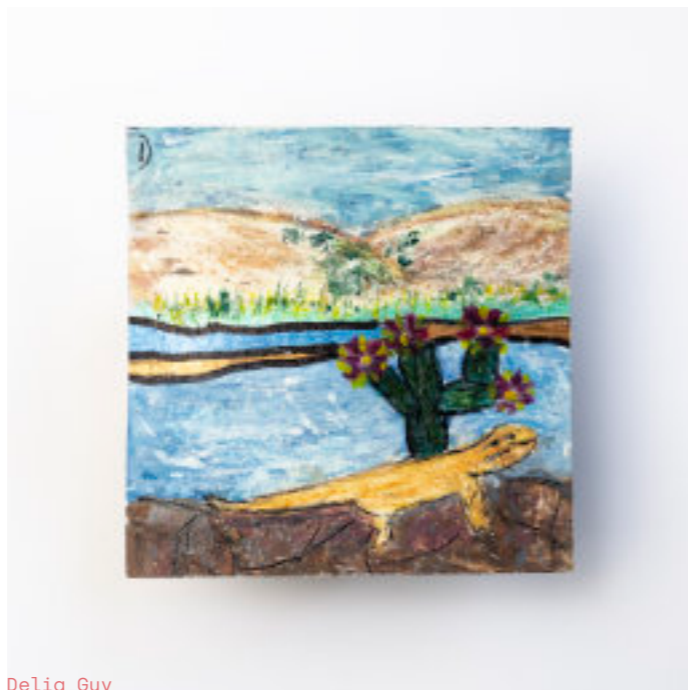
Gary Fradd



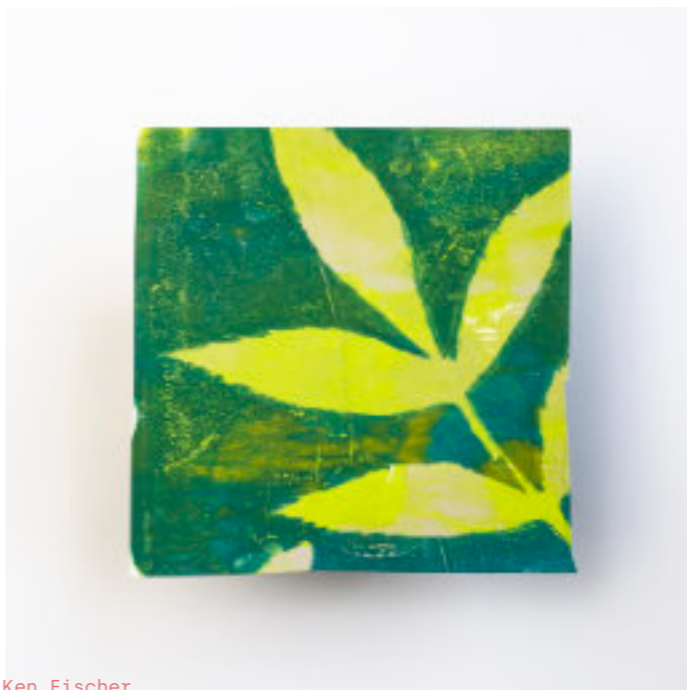
Kellie Sweeting



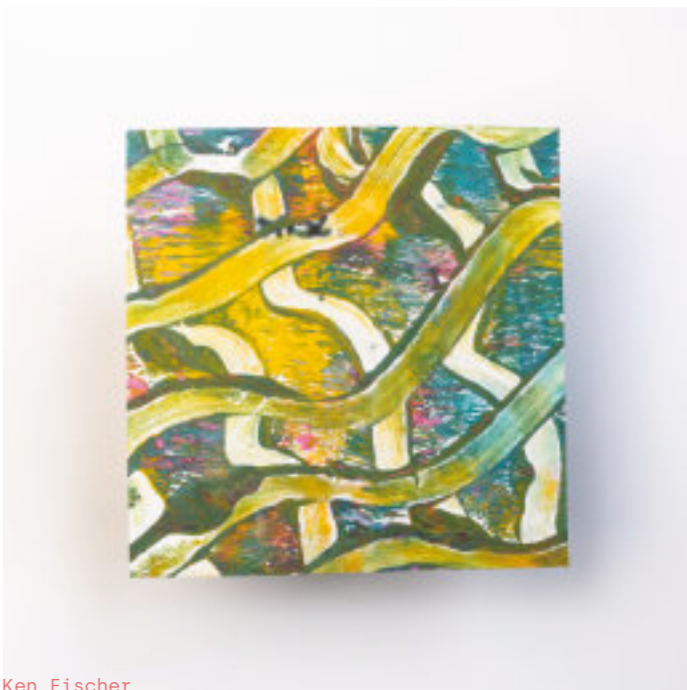
Delia Guy



Delia Guy



Ken Fischer



Ken Fischer



Ken Fischer



Ken Fischer



Many Bateman



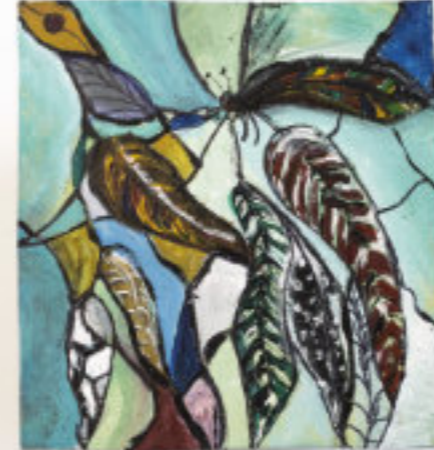
Many Bateman



Sandra Stephen



Sandra Stephen



Sandra Stephen



Sandra Stephen



Colleen Muholland



Katherine Jane Hansen



Kylie Coombas



Kylie Coombas



Iris Petitt



Iris Petitt



Joylene Smart



Joylene Smart

—
*PARTICIPAÇÕES
INDIVIDUAIS*



Elisabeth Rosa M. Noske, Munich, Germany





Steve Willis, Springfield, Missouri, USA



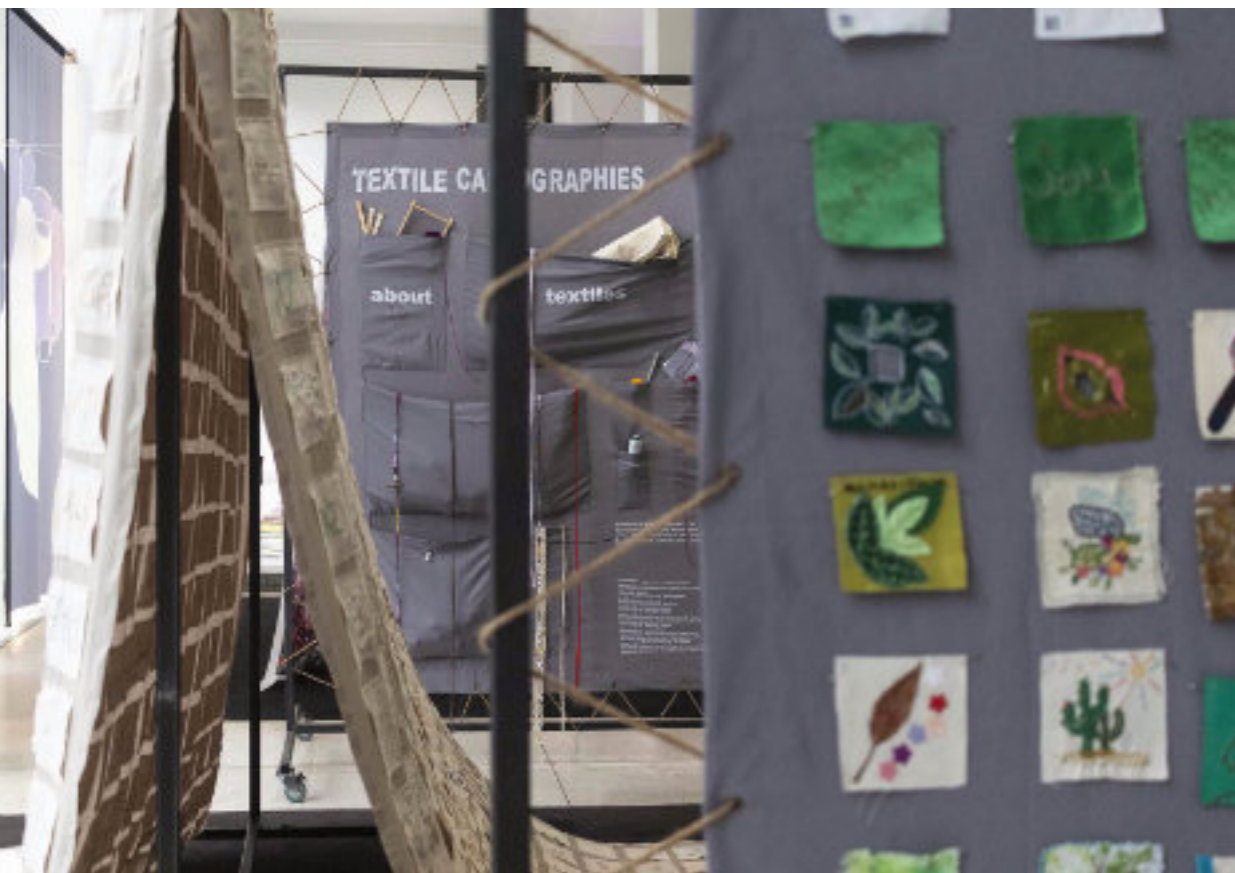


PRAGA
23.11.2022

TEXTILE CARTOGRAPHY

about

textile



SANTIAGO DE COMPOSTELA
11/17.11.2022





ACORES, PORTUGAL
15.07.2022 - 31.08.2022



WISEU, PORTUGAL
12.03.2022 – 26.06.2022





GRAFIAS
12.03-26.06
2023
TEXTEIS



VALÈNCIA, ESPANHA
10. 2022





SE
SERRAR

SER E ERRAR

Cristina Trigo

Encontro um novelo de linha no tear instalado no Centro de Arte - Quinta da Cruz, observo o seu percurso complexo e procuro segui-lo, retrocedendo, algumas vezes, até perceber como se configura o enredo. E começo a viagem pela urdidura, seguindo os passos daqueles que me precederam e ao fazê-lo ouço a voz da minha avó Hermitas. Ela queria ensinar-me a costurar na máquina: "menina, isto pode ajudar-te na vida". Eu me revelei um pouco, porque a vida dela era dura e difícil e pensava que essa poderia ser a minha. Costurar era importante para ela, eu sonhava em ser assistente de bordo da Iberia. Mas a máquina era poderosa, e eu era atraída pelo clique da agulha, pelo correr da linha ou pelo movimento dos pés no pedal. Aprendi a costurar. Era a Espanha franquista do início dos anos setenta. Pergunto-me quais eram os sonhos de Hermitas, o que ela pensava enquanto costurava à tarde. Que cartografias trazia? Somos fios conectados no grande tear do universo.

Como membro do grupo C3, participar no projeto Cartografias Têxteis tem sido um grande desafio e uma oportunidade de aprender com o tecido social que o tem configurando.

O C3 é um grupo de educadoras e investigadoras em educação artística ou Arte Educação que trabalham como uma célula, tentando, a partir de um microcampo, ampliar propostas de reflexão baseadas na ação artística e, assim, conectar-se a outras células. Neste caso, foi a APECV quem propôs a colaboração, pelo que pusemos mãos à obra para encontrar um lugar no campo da arte têxtil que nos permitisse transmitir a nossa filosofia e a forma de viver a arte.

Uma filosofia baseada no aprofundamento e visibilidade do campo da educação e da ação artística; na procura de alternativas que promovam mudanças na sociedade diante dos problemas atuais; e na estimulação e difusão de ideias que visem reivindicar a reflexão e a ação no espaço público.

As nossas propostas acontecem em contextos diversos, ora mais formais ou institucionais, como congressos ou seminários, ora em lugares informais ou construídos e, portanto, os objetivos, estratégias e formatos são hete-

rogêneos, procurando, umas vezes, a reivindicação, outras vezes, a relação sensível ao contexto ou a criação de histórias a partir da memória. Cada proposta é uma jornada que começa como uma deriva situacionista, caminhando lentamente para desaprender dinâmicas estabelecidas e questionando, a partir de uma experiência introspectiva e ativista, como poderíamos SER com o lugar e com a comunidade.

E somos errantes, sem um plano pré-determinado, deixando que a experiência nos conduza a outras formas de perceber e viver.

Deambular

E começamos a deambular pelo tecido com muita ignorância e perplexidade. De onde e como surgiu o tema? Como podemos contribuir, porque e como torná-lo visível?

Desde o início, o tema da arte têxtil foi um desafio para nós, pois não tínhamos o apego que existe em outros contextos culturais, em que o têxtil transcende a história da sua tradição, do seu design e da sua funcionalidade, para se tornar uma linguagem simbólica ou instrumento político. Sentimo-nos distanciadas desta tradição, porque a associamos à ditadura franquista e

ao conseqüente discurso machista, que se encarregou de transmitir, durante quarenta anos, de forma muito eficaz, através da "Secção Feminina", uma organização fa-langista, que se encarregou de doutrinar sobre e como tinha que ser a "mulher espanhola", tanto na esfera doméstica como em qualquer outra, tanto nos seus movimentos como nas suas emoções, com o objetivo de ser virtuosa, ou seja: altruísta, submissa, silenciosa, invisível e, claro, uma boa governanta da casa, realizadora de tarefas, entre as quais, se destacava, a costura.

A nossa infância ou juventude foi impregnada dessa visão, e o termo "costura", inevitavelmente, nos remetia àquele período sombrio e a uma educação regulamentada, em que a tarefa de costurar era obrigatória e sem sentido.

Tínhamos que começar a explorar o assunto com urgência e nessa discussão descobrimos verdadeiros universos de pessoas, palavras, movimentos sociais... Encontramos informações e referências artísticas que relacionam os conceitos de cartografia com estratégias de representação na arte e a arte têxtil, com os media para explorar o subjetivo e o pessoal, mas, também, para "situar-se" diante de problemas sociais e políticos ou promover o ativismo e realizar ações coletivas que

questionem narrativas histórico-artísticas. E, através desses trabalhos, começamos a vislumbrar algo muito poderoso que estava sendo desenvolvido, a partir do Ativismo Têxtil que tenta criar coletivamente mapas (entendidos como tecidos resistentes) que funcionam como intervenções estético-políticas. Estas criações reúnem as experiências das mulheres e, portanto, abordam questões como a própria concepção do têxtil como arte, os papéis femininos na esfera doméstica, a hierarquização de gêneros, as técnicas ou as histórias instituídas, promovendo a reflexão compartilhada, onde o trabalho das mulheres se torna visível, tornando o ato coletivo de criar uma forma de questionar os cânones e as histórias em relação ao papel da mulher na sociedade, etc.

Ativismo têxtil que nos confronta com a nossa identidade e com a relevância que o tecido tem em todas as facetas e momentos da vida. Por quê? O que o torna tão relevante? Como isso determina nossa identidade? Martín Churba, (revolucionário no design e criador do Tramando) entende a roupa como a nossa pele social e que com ela construímos as nossas identidades. Os tecidos são, portanto, muito mais do que uma proteção para o corpo, o vestuário de uma casa ou o símbolo com o qual se identifica uma cultura ou um país. Desde que a

espécie humana aprendeu a tecer, teve que manejar e organizar materiais, criar, unir o espiritual com o material. Portanto, a tecelagem transcende a tecido; tecem-se histórias e metáforas e, também, tramas sociais, porque a pele é o tecido que nos une.

Então, somos um tecido?... SIM!, um tecido social. Adicionamos experiências? Levantamos nossa voz através da arte têxtil?

Assim, surgiu a ideia de criar o Kit Cartográfico Têxtil, que toma como referência o feito em 2015 pelo C3 (Arts Education Survival Kit) apresentado no Congresso INSEA, que decorreu em Lisboa. Pretende ser uma metáfora para nossas preocupações e expectativas; agora, propomos adicionar uma nova ferramenta focada na cartografia têxtil.

As cartografias ou os mapas pessoais exploraram o interior; de dentro para fora, para repensar a nossa existência e a nossa relação com o meio ambiente. Por sua vez, os tecidos feitos de fios entrelaçados, organizados e resistentes são uma criação de criações, ao mesmo tempo que falam da memória das mulheres, da cultura tradicional ou da inovação feita de linhas, pontos, costuras e tecidos.

As cartografias têxteis são uma oportunidade de conhecimento baseado no complexo, no híbrido, no participativo, implicam parar para ouvir os seus próprios pensamentos e daqueles que o acompanham, sem pressa. Valores que reivindicamos tanto a arte quanto a educação.

O Kit Cartográfico Têxtil

Uma bolsa de pano, uma série de cartões e materiais de costura. O Kit é um contentor de ferramentas que pretende promover a criatividade, a incerteza, o consumo responsável, o desenvolvimento sustentável e inclui os seguintes materiais:

Caderno de costura básica: reúne, resumidamente, vários documentos, reflexões... que foram fundamentais no nosso processo. Pequenos fragmentos, como parte de um puzzle inacabável e interminável, como uma acumulação de ideias que oferecemos para aqueles que desejam continuar puxando o fio com as suas próprias investigações. Inclui, também, em modo de ideias alinhavadas, movimentos de Ativismo Têxtil (Slow fashion, fashion hacktivism, Comércio Circular & Educator...) como exemplo do compromisso dos jovens que procuram dar resposta aos problemas sociais ou ambientais.

C3 Manifesto Têxtil: a partir de expressões alusivas às questões de costura que se instalam na linguagem sem serem criticamente revistas, criamos um manifesto que clama por uma ação sustentável por meio da arte têxtil. Mas, como podemos fazer isso? Desde um compromisso de utilização de materiais e formas de produção sustentáveis; à necessidade de falar de questões de gênero no campo têxtil ou a importância de reivindicar e de promover o desenvolvimento e a arte local; entre outras possibilidades.

Vozes de artistas: apresentamos aqui uma seleção de artistas que utilizam os mapas como espaço de criação para representar, traduzir e codificar territórios geográficos, mas, também, emocionais, mentais, sociais ou conceituais. Através das suas obras, os artistas mostram os territórios íntimos, políticos, fraturados, complexos que estão em constante mudança e oferecem formas de concebê-los que podem inspirar as nossas criações.

Micro-oficinas: este bloco propõe diferentes estratégias didáticas inspiradas nos artistas anteriores e concebidas como ações autônomas de curto prazo, que podem ser utilizadas para explorar possibilidades, experimentar e iniciar o trabalho da cartografia têxtil. São gatilhos para mapear, experimentar, reciclar... que pode usar

como quiser. Use-os, adapte-os, altere-os ou combine-os mas, acima de tudo, brinque com a mesma seriedade com que as crianças o fazem: implicando-se!

O Kit é uma proposta aberta e pode ser descarregada do site do projeto, pois queremos unir o nosso tecido com o de outras pessoas, numa imensa cartografia que fala de quem somos e dos mundos que habitamos.

Todas as ideias, estratégias e criações que vierem à mente, compartilhe-as para continuar a expandir o Kit com contributos diversos e criativos. Criaremos um imenso arquivo relacional, no qual todos os elementos conectarão células de diferentes culturas, lugares; mensagens e poesias.

Tecer sempre fez parte de nós, é uma ferramenta social e para o futuro. Desta forma, criaremos um grande tecido humano de arte têxtil e vida, célula a célula.

SER
Y
ERRAR

SER Y ERRAR

Cristina Trigo

Encuentro el ovillo de hilo en el telar instalado en el Centro de Arte-Quinta da Cruz, observo su complejo camino e intento seguirlo, vuelvo atrás un par de veces hasta que comprendo cómo se configura la trama. E inicio la andadura por la urdimbre siguiendo los pasos de quienes me precedieron y en ese hacer escucho la voz de mi abuela Ermitas. Quería enseñarme a coser a máquina: "niña, esto puede ayudarte en la vida". Yo me revelaba un poco porque su vida era dura y difícil y pensaba que así podría ser la mía. Coser era importante para ella, yo soñaba con ser azafata de Iberia. Pero la máquina era poderosa y me atraía el repiqueteo de la aguja, el recorrido del hilo o el juego con los pies sobre el pedal. Aprendí a coser. Era la España franquista de principios de los años setenta. Me pregunto cuáles serían los sueños de Ermitas. en qué pensaba mientras cosía por las tardes. ¿Qué cartografías trazaría? Somos hebras conectadas en el gran telar del universo. (2022)

Como miembro de C3 participar en el proyecto de las Cartografías Textiles ha supuesto un gran desafío y la oportunidad de aprender con la trama social que lo ha ido configurando.

C3 es un colectivo de educadoras e investigadoras en educación artística o ArtEducación que trabajamos como una célula, intentando desde nuestro ámbito micro expandir propuestas de reflexión a partir de la acción artística y así conectarnos a otras células. En este caso, la APECV fue quien propuso la colaboración por lo que nos pusimos manos a la obra para encontrar un lugar en el campo del arte textil que nos permitiera transmitir nuestra filosofía y forma de vivir el arte.

Una filosofía basada en profundizar en el campo de la educación y la acción artística y darle visibilidad; buscar alternativas que promuevan cambios en la sociedad ante los problemas actuales; y estimular la propagación de ideas encaminadas a reivindicar la reflexión y acción en el espacio público.

Nuestras propuestas tienen lugar en contextos diversos, unas veces más formales o institucionales como congresos o seminarios, otras en el entorno natural o construido y, por lo tanto, los objetivos, estrategias y formatos

son heterogéneos, buscando unas veces la reivindicación, otras la relación sensible con el entorno o la creación de historias a partir de las memorias. Cada propuesta es un recorrido que comienza a modo de deriva situacionista caminando a paso lento para desahacer dinámicas establecidas y preguntándonos desde una vivencia introspectiva y activista cómo podríamos SER con el lugar y la comunidad.

Y somos errantes, sin un plan prefijado dejando que sea la experiencia la que nos lleve hacia otros modos de percibir y de vivir.

Deambular

Y comenzamos a deambular por el textil con mucho desconocimiento y desconcierto. ¿De dónde y cómo surge el tema? ¿Qué podemos aportar nosotras, por qué y cómo lo hacemos visible?

Desde el comienzo el tema del arte textil supuso para nosotras un reto ya que no teníamos el apego que sí existe en otros contextos culturales en los que el textil trasciende la historia de su tradición, el diseño y la funcionalidad para convertirse en lenguaje simbólico o instrumento político. Nos sentimos alejadas (M^a Jesús

Agra y yo) de esta tradición porque lo asociamos a la dictadura franquista y el consiguiente discurso machista que se encargó de transmitir durante cuarenta años de forma muy efectiva a través de la "Sección Femenina", organización falangista que se encargaba adoctrinar sobre qué y cómo tenía que ser la "mujer española" tanto en el ámbito doméstico como en cualquier otro, tanto en sus movimientos como en sus emociones con la finalidad de ser virtuosa, es decir: abnegada, supeditada, silenciosa, invisible y, por supuesto, buena ama de casa, labores entre las que destacaba la costura.

Nuestra infancia o juventud estuvo impregnada de esta visión y el término "costura" nos remitía inevitablemente a ese periodo oscuro y a una educación reglada en la que la tarea de coser era obligatoria y sin sentido.

Teníamos que comenzar a explorar el tema de forma urgente y en este discurrir descubrimos verdaderos universos de personas, de palabras, de movimientos sociales... Encontramos información y referentes artísticos que relacionan los conceptos de cartografía, como estrategia de representación en el arte, y arte textil como medios para explorar lo subjetivo y personal pero también para "situarse" ante problemas sociales y políticos o para promover el activismo y realizar acciones

colectivas que cuestionan los relatos histórico-artísticos. Y a través de estos trabajos comenzamos a vislumbrar algo muy poderoso que se estaba tramando desde el Activismo Textil. Estas iniciativas tratan de crear de forma colectiva mapas (entendidos como tejidos resistentes) que funcionan como intervenciones estético-políticas. Estas creaciones recogen la suma de experiencias de mujeres y, por lo tanto, abordan cuestiones como la propia concepción del textil como arte, los roles femeninos en el ámbito doméstico, la jerarquización de los géneros, las técnicas o los relatos instituidos, se promueve la reflexión compartida o visibilizan el trabajo de las mujeres convirtiendo el acto colectivo de crear en una forma de cuestionamiento de los cánones y relatos en relación con el papel de la mujer en la sociedad.

Activismos textiles que nos enfrentan a nuestra identidad y la relevancia que el tejido tiene en todas las facetas y momentos de la vida. ¿Por qué? ¿Qué lo hace tan relevante? ¿De qué manera determina nuestra identidad?

Martín Churba, (revolucionario en el diseño y creador de Tramando) entiende la ropa como nuestra piel social y con ella construimos nuestras identidades. Las telas son por lo tanto, mucho más que una protección para el cuerpo, el ropaje de un hogar o el símbolo con el que se

identifica una cultura o un país. Desde que la especie humana aprendió a tejer hubo de gestionar y organizar los materiales, crear, unir lo espiritual con lo material. Por lo tanto, tejer trasciende al tejido; se tejen historias y metáforas y también tramas sociales porque es la piel el tejido que nos une.

Entonces ¿somos una trama?... Sí!, una trama social. ¿Sumamos experiencias? ¿Alzamos la voz a través del arte textil?

Así surge la idea de crear el Kit Cartográfico Textil. Toma como referencia el realizado en 2015 por C3 (Kit de supervivencia de educación artística) presentado en el Congreso de INSEA que tuvo lugar en Lisboa. Este pretendía ser una metáfora de nuestras preocupaciones y expectativas; mientras que ahora proponemos añadir una nueva herramienta centrada en la cartografía textil.

Las cartografías o mapas personales suponen explorar en el interior; desde dentro hacia fuera, repensar nuestra existencia y relación con el medio. Por su parte, los tejidos hechos de hilos entrelazados, organizados, resistentes son una creación de creaciones, al tiempo que hablan de la memoria de las mujeres, de la cultura

tradicional o la innovación hecha líneas, puntadas, costuras y tramas.

Las cartografías textiles son una oportunidad de conocimiento basado en lo complejo, lo híbrido, lo participativo, implican pararse a escuchar tus propios pensamientos y los de quien te acompaña, tomarte tu tiempo. Valores que reivindicamos tanto desde el arte como desde la educación.

El Kit Cartográfico Textil

Una bolsa de tela, una serie de paquetes de textos impresos en cartulinas y materiales para coser. El Kit es un contenedor de herramientas que quiere promover la creatividad, la incerteza, el consumo responsable y el desarrollo sostenible e incluye los siguientes materiales: Libreta de respuntos básicos: que recoge de forma abreviada diversos documentos, reflexiones... que han sido claves en nuestro proceso de indagación. Pequeños fragmentos, como parte de un puzzle inabarcable e interminable, como una acumulación de ideas que ofrecemos para que quien desee seguir tirando del hilo con su propia investigación. Además incluye, a modo de ideas hilvanadas, movimientos de Activismo Textil (Slow

fashion, fashion hacktivism, Diseño Circular, etc.) como ejemplo del compromiso de los jóvenes que buscan responder a problemas sociales o medioambientales.

Manifiesto C3 Textil: basándonos en expresiones alusivas a cuestiones de costura que se instalan en el lenguaje sin ser revisadas de forma crítica hemos creado un manifiesto que llama a la acción sostenible a través de arte textil. Pero ¿cómo podemos hacerlo? Desde el compromiso con la utilización de materiales y formas de producción sostenibles; desde la necesidad de hablar de género en el campo textil o reivindicando e impulsando el desarrollo y el arte locales; entre otras posibilidades.

Voces de artistas: presentamos aquí una selección de artistas que utilizan los mapas como espacio de creación para representar, traducir y codificar territorios geográficos, pero también emocionales, mentales, sociales o conceptuales. A través de sus obras muestran los territorios íntimos, políticos, fracturados, complejos, en permanente cambio y ofrecen formas de concebirlos que pueden inspirar nuestro hacer.

Microtalleres: este bloque propone diferentes estrategias didácticas inspiradas en los artistas anteriores

y pensadas como acciones autónomas de corta duración que pueden servir para explorar posibilidades, experimentar e iniciar el trabajo de la cartografía textil. Son detonantes para mapear, experimentar, reciclar... que puedes utilizar como quieras. Utilízalas, adáptalas, cámbialas o combínalas pero, sobre todo, juega con la misma seriedad con la que lo hacen los niños: implicándote!

El Kit es una propuesta abierta y se puede descargar desde la web del proyecto <https://kitcartograficotextil.wordpress.com>, pues queremos unir nuestro tejido al de otras personas en una inmensa cartografía que hable de quienes somos y los mundos que habitamos. Todas las ideas, estrategias y creaciones que se te ocurran, compártelas para seguir ampliando el Kit con aportaciones diversas y creativas. Iremos creando un inmenso archivo relacional en el que todos los elementos conectarán células de diferentes culturas, lugares; mensajes y poéticas.

Tejer siempre fue un nosotros, una herramienta social y de futuro. Así crearemos una gran trama humana de arte textil y vida, célula a célula.

TO BE
AND TO BE
WANDERING

TO BE AND TO BE WANDERING

Cristina Trigo

I look at the loom installed at the Contemporary Art Centre in Quinta da Cruz, I observe its complex net and I try to follow it, I go back a couple of times until I understand how the plot is configured. And I start the walk through the warp following the steps of those who preceded me and in that act I hear the voice of my grandmother Ermitas. She wanted to teach me how to sew on the machine: "girl, I can help you in life". I didn't want because I used to think her life was hard and difficult and I thought that could be also my life. Sewing was important to her, my dreams were more like to become an airline hostess in Iberia. But the machine was powerful and attracted me, the repetitive movement of the needle, the string and the way the feet pushed over the pedal. I learned to sew. It was during the Franquism in Spain in the early 1970s. I asked myself what would be the dreams of Ermitas, when she was sewing in the afternoons. What cartography would she bring? All we are strands connected to the great fabric of the universe. (2022)

As a member of C3, participating in the Textile Cartography project has been a great challenge and the opportunity to learn from the social fabric that has shaped it.

C3 is a collective of educators and researchers in artistic education or Art Education that work as a cell, trying from our micro field to expand proposals for reflection based on artistic action and thus connect to other cells. In this case, APECV was the one who proposed the collaboration, so we got down to work to find a place in the field of textile art that would allow us to transmit our philosophy and way of living art.

A philosophy based on delving into the field of education and artistic action and giving visibility; seek alternatives that promote changes in society in the face of current problems; and stimulate the propagation of ideas to reflect and act in the public space.

Our proposals take place in diverse contexts, sometimes more formal or institutional such as congresses or seminars, others in the natural or built environment and, therefore, the objectives, strategies and formats are heterogeneous, sometimes for advocacy, other times about sensitive relationships with environment or the creation of life stories. Each proposal is a journey that begins as

a situationist drift, walking at a slow pace to unlearn established dynamics and asking ourselves from an introspective and activist experience how we could BE with the place and the community.

And we are wandering, without a predetermined plan, letting the experience lead us to other ways of perceiving and living.

Wander

And we began to wander through the textile with a lot of questions. Where and how did the topic come from? How can we contribute, why and how do we make it visible?

From the beginning, the subject of textile art was a challenge for us since we did not have the attachment that does exist in other cultural contexts in which the textile transcends the history of its tradition, design and functionality to become a symbolic language or political instrument. We (M^a Jesús Agra and me) feel far from this tradition because we associate it with the Franco dictatorship and the consequent sexist discourse that it was in charge of transmitting for forty years in a very effective way through the "Sección Femenina", a Falangist or-

ganization that was in charge of indoctrinating about the "Spanish woman" both in the domestic and public spheres, to regulate her movements and her emotions with the purpose of being virtuous, that is to say: self-sacrificing, subservient, silent, invisible and, of course, a good housekeeper. Sewing was part of the Housework package!

Our childhood or youth was impregnated with this vision and the term "sewing" inevitably reminds us to that dark period and to a regulated education in which the task of sewing was mandatory and meaningless.

We had to start exploring the subject and in this process we discovered true universes of people, words, social movements... We found information and artistic references that relate the concepts of cartography as a representation strategy and textile art as ways to explore the subjective and personal but also to "be situated" before social and political problems or to promote activism and carry out collective actions that question the historical-artistic accounts. And through these works we began to glimpse something very powerful that was being plotted from Textile Activism. These initiatives try to collectively create maps (understood as resistant fabrics) that function as aesthetic-political interventions. These

creations gather the sum of women's experiences and, therefore, deal with issues such as the concept of textile as art, the female roles in the domestic sphere, the hierarchy of genders, the techniques or the established stories, shared reflection is promoted or the work of women is made visible, turning the collective act of creating into a form of questioning the canons and stories related to the role of women in society.

Textile activism that confronts us with our identity and the relevance that fabric has in all aspects and moments of life. Why? What makes it so relevant? How does it determine our identity?

Martín Churba, (revolutionary in design and creator of Tramando) understands clothing as our social skin with what we build our identities. The fabrics are therefore much more than a protection for the body, the clothing of a home or the symbol with which a culture or a country is identified. Since the human species learned to weave, people had to manage and organize materials, create, link the spiritual with the material. Therefore, weaving transcends weaving; stories and metaphors are woven and also social plots because the skin is the fabric that unites us.

So, are we a weave?... YES!, a social weave. Let's add our experiences? Let's raise our voice through textile art?

This is how the idea of creating the Textile Cartographic Kit arises. It takes as a reference the one made in 2015 by C3 (Art Education Survival Kit) presented at the IN-SEA Congress that took place in Lisbon. This was meant to be a metaphor for our concerns and expectations; while now we propose to add a new tool focused on textile cartography.

Cartographies or personal maps involve exploring within; from the inside out, rethinking our existence and relationship with the environment. For their part, the fabrics made of intertwined, organized, resistant threads are a creation of creations, at the same time that they speak of the memory of women, of traditional culture or innovation made of lines, stitches, seams and wefts.

Textile cartographies are an opportunity for knowledge based on the complex, the hybrid, the participatory, they imply stopping to listen to your own thoughts and those of those who accompany you, taking your time. Values that we claim both from art and from education.

The Cartographic Textile Kit

A cloth bag, a series of packets of texts printed on cardboard and sewing materials. The Kit is a container of tools intended to promote creativity, uncertainty, responsible consumption and sustainable development and includes the following materials:

Basic stitches Notebook: containing a set of various documents, reflections... that have been crucial in our inquiry process. Small fragments, as part of a vast and endless puzzle, as an accumulation of ideas that we offer so that anyone who wishes to continue pulling the thread with their own research. It also includes, as threaded ideas, Textile Activism movements (Slow fashion, fashion hacktivism, Circular Design...) as an example of the commitment of young people who seek to respond to social or environmental problems.

C3 Textile Manifesto: based on expressions alluding to sewing issues that are installed in the language without being critically reviewed, we have created a manifesto that calls for sustainable action through textile art. But how can we do it? From the commitment to the use of

materials and sustainable forms of production; from the need to talk about gender in the textile field or claiming and promoting local development and art; among other possibilities.

Artistic References: we present here a selection of artists who use maps as a creative space to represent, translate and codify geographical territories, but also about emotional, mental, social or conceptual ones. Through their works they show the intimate, political, fractured, complex, constantly changing territories and offer ways of conceiving them that can inspire our work.

Micro-workshops: this block proposes different didactic strategies inspired by previous artists and designed as short-term autonomous actions that can be used to explore possibilities, experiment and start the work of textile mapping. They are triggers to map, experiment, recycle... that you can use however you want. Use them, adapt them, change them or combine them but, above all, play with the same seriousness of children do: getting involved!

The Kit is an open proposal and can be downloaded from the project website kitcartograficotextil.wordpress.com, as we want to unite our fabric with that of other people in an immense cartography that speaks of who we are and the worlds we inhabit.

All the ideas, strategies and creations that you can think of, share them to continue expanding the Kit with diverse and creative contributions. We will create an immense relational archive in which all the elements will connect cells from different cultures, places; messages and poetry.

Knitting has always mean 'us', a social tool for the future. Thus we will create a great human weave of textile art and life, cell by cell.